



Elaine de Azevedo Maria

**Trajetórias de estudantes bolsistas na PUC-Rio:
permanência e mecanismos de superação**

Dissertação de mestrado

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof^a. Sonia Maria Giacomini

Rio de Janeiro
Abril 2019

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, do autor e do orientador.

Elaine de Azevedo Maria

Ficha Catalográfica

Maria, Elaine de Azevedo

Trajetórias de estudantes bolsistas na PUC-Rio : permanência e mecanismos de superação / Elaine de Azevedo Maria ; orientadora: Sonia Maria Giacomini. – 2019.

102 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)—Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Ciências Sociais, 2019.

Inclui bibliografia

1. Ciências Sociais – Teses. 2. Permanência universitária. 3. Trajetória educacional. 4. Juventudes. 5. Geração tombamento. 6. Projeto de vida. I. Giacomini, Sonia Maria. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Ciências Sociais. III. Título.

CDD: 300

Aos estudantes bolsistas da PUC-Rio.

Agradecimentos

Esta dissertação não foi realizada com apenas duas mãos. Teve muitas que atuaram de diferentes formas. Foi fruto de amor, amizade e companheirismo. Companheiros de luta que dividem o dia a dia para a permanência estudantil.

À PUC-Rio, pela oportunidade de realizar este curso. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – código de Financiamento 001.

À Pastoral universitária, toda a sua equipe. Companheiros de luta diária, agradeço ao profissionalismo e amizade. Agradeço especialmente ao jesuíta Abel Souza, líder deste grupo que busca fazer diferença na PUC-Rio.

À Sonia, minha orientadora, professora e amiga. Emociono ao escrever o quanto minha vida mudou ao te conhecer, o dia 8 de março ganhou novo significado. Muito obrigada!

Ao Departamento de Ciências Sociais, Ana Roxo, Aline, Felipe e Mônica. E à minha turma megaespecial. Cumplicidade acadêmica é o que vemos aqui. Estamos juntos na luta!

Aos professores do departamento, obrigada pelas aulas. Ao Gabriel Banaggia por toda generosidade. Em especial agradeço ao Marcelo Burgos, à querida Maria Isabel Mendes de Almeida. Agradeço também ao Bruno Larrubia que tanto me inspirou com sua obra.

À Vice-reitoria Comunitária agradeço pelos dados, em especial à Andreia Paiva, que me inspirou tanto nos debates ao tratar de casos individuais de estudantes bolsistas quanto em seu trabalho acadêmico.

Aos muitos amigos que compartilharam esta etapa de vida, Pe. Sandoval SJ, Helio, Sarah, Juliana, Taísa, Maria Cecília, Leandro, Vanessa, Suzana, Eliane, Patrícia, Angélica, Maria e Alberto, que foram constantemente requisitados.

À Bia Gross e ao Gustavo Cravo não apenas pelas leituras e revisão, obrigada pela presença.

À minha família, meus pais Natálio e Lúcia, Lílían, Vó Inha, meus lindos afilhados Lara e Arthur. Desculpa o período de afastamento. Obrigada pelo constante apoio. Meu amor mais profundo.

Ao meu amor, Felipe Chacón. O mais perfeito companheiro.

Resumo

Maria, Elaine de Azevedo; Giacomini, Sonia Maria. **Trajetórias de estudantes bolsistas na PUC-Rio: permanência e mecanismos de superação**. Rio de Janeiro, 2018. 102p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta dissertação realiza um diagnóstico das trajetórias dos estudantes bolsistas da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. A pesquisa qualitativa com inspiração etnográfica se apresentou como o melhor recurso metodológico para entendermos a complexidade dos diferentes mecanismos utilizados pelos graduandos para viabilizarem a permanência universitária e a obtenção do diploma com bom aproveitamento. Para apresentar as diferentes características desse estudante, normalmente o primeiro universitário de sua família, investigamos as principais características da juventude contemporânea e apresentamos argumentos teóricos para interpretar este sujeito que está em uma rede relacional. Percebemos que alguns jovens entrevistados atribuem valores políticos à estética corporal e se autodenominam “geração tombamento”, demonstrando ser essa uma tática de empoderamento. Ao buscarmos compreender as diferentes dificuldades que os bolsistas enfrentam, conseguimos classificá-las em cinco esferas de dificuldades: acadêmicas, econômicas, de sociabilidade, emocionais, além das geradas pela distância entre a PUC-Rio e a residência dos estudantes. Para cada esfera de dificuldade o estudante busca mecanismos de superação. Como resultado deste trabalho, é possível observar que a política de concessão de bolsas atingiu não só os graduandos e seus grupos sociais, mas também vem contribuindo para a consolidação de um espaço universitário mais diversificado e mais democrático.

Palavras-chave

Permanência universitária; trajetória educacional; juventudes; geração tombamento; projeto de vida.

Abstract

Maria, Elaine de Azevedo; Giacomini, Sonia Maria (Advisor). **Trajectory of scholarship students at PUC-Rio: maintaining attendance and superation mechanisms**. Rio de Janeiro, 2018. 102p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This dissertation makes a diagnosis of the trajectories of scholarship students of the Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro. A qualitative research with ethnographic inspiration was found to be the best methodological resort to understand the complexity of the different mechanisms used by undergraduates to enable them to stay in university and to obtain their degree with good academic performance. To present the different characteristics of such student, usually the first university student in his or her family, the main characteristics of contemporary youth and present theoretical arguments were investigated to interpret this human subject that is in a relational network. It became evident that some young people interviewed attribute political values to corporal aesthetics and call themselves “geração tombamento” [overturn generation], demonstrating that this is a tactic of empowerment. Trying to understand the different difficulties that scholarship holders face, they can be classified into five spheres of difficulty: academic, economic, sociability, emotional, besides those generated by the distance between this university and the students' residence. For each sphere of difficulty, the student seeks mechanisms to overcome the situation. As a result of this research, it is possible to observe that the scholarship policy reached not only undergraduates and their social groups, but also has been contributing to the consolidation of a more diverse and democratic university field.

Key-words

Financial aid; educational trajectory; youth; life project.

Sumário

1 Introdução	8
1.1 A estrutura da dissertação	10
1.2 Metodologia utilizada.....	12
1.3 Recortes temáticos.....	13
1.4 Perfil dos entrevistados	18
2 Para você, o que é ser jovem hoje?	21
2.1 Ser jovem	22
2.2 Ser jovem hoje: a juventude na contemporaneidade	29
2.3 Geração tombamento.....	36
3 Jovens universitários, os rostos dos bolsistas da PUC-Rio	43
3.1 A PUC-Rio: “nós ficamos mais ricos com a entrada dos pobres”	44
3.2 As faces dos bolsistas: a percepção através da relação	48
3.3 Ser bolsista: o outro estudante.....	53
3.4 Estratégias e táticas: artifícios de ser bolsista	55
3.5 Aspectos favoráveis e desfavoráveis em ser bolsista	58
3.6 Estar em companhia	63
4 O ofício de estudante	66
4.1 Profissão estudante.....	66
4.2 A ruptura em questão: uma vida de mudança de paradigmas familiares	72
4.3 Projetos de vida.....	79
4.4 A ânsia pela permanente formação	85
5 Conclusão	91
6 Referências bibliográficas	95

1

Introdução

*E o que algum tempo era novo, jovem, hoje é antigo
E precisamos todos rejuvenescer
Você não sente, não vê
E eu não posso deixar de dizer, meu amigo
Que uma nova mudança, em breve, vai acontecer*

Antonio Carlos Belchior

A problemática desta pesquisa surgiu no bojo da minha experiência profissional como funcionária da Pastoral Universitária Anchieta da PUC-Rio e, em consequência, de ter muitos contatos com estudantes de graduação. A maioria dos universitários que frequentam a Pastoral são bolsistas filantrópicos¹. Logo, muitas questões que aqui serão tratadas à luz de uma literatura das Ciências Sociais são decorrentes da minha atividade profissional. Queremos investigar quais são as trajetórias dos bolsistas² e quais são as estratégias e táticas, quando entram na PUC-Rio, para que ocorra a permanência estudantil. Em especial, os estudantes que são os primeiros universitários da família, quem os incentivou a entrar para universidade? Por que eles e não outros da sua família ou bairro entraram para universidade?³ Quais são as maiores dificuldades e facilidades encontradas por serem bolsistas? Como conseguem superar os numerosos desafios e concluir a graduação?

A minha profissão e as inserções dela decorrentes marcam de forma peculiar esta pesquisa, por muitos fatores. Por ser uma Pastoral Católica, gera desconfiças entre os estudantes, pela história e estigma do moralismo histórico religioso. Há também a falsa concepção que a Pastoral tem influência no processo de concessão de bolsa de estudos ou na reitoria, o que pode prejudicar a espontaneidade das respostas. Em algumas entrevistas realizadas para esta pesquisa, podia se perceber a tentativa de agrado. Uma estudante, quando perguntada sobre qual o lugar em que se sentia mais à vontade no ambiente

¹ Falaremos mais sobre este tipo de bolsa estudantil no capítulo 3.

² Neste trabalho sempre que nos referimos a bolsistas é o bolsista filantrópico, Prouni ou outra modalidade de bolsa que para ser concedida é realizada a análise socioeconômica da família do universitário.

³ Pergunta inspirada no título do livro de Jailson de Souza e Silva, *Por que uns e não outros?*

universitário, respondeu: “o espaço em que me sinto mais à vontade se localiza na pastoral universitária, onde sou bem acolhida pelos colaboradores. [risos]. Um espaço em que não me sintam bem, impossível de ter na PUC, pelo menos não senti.” (Joana, 4º período de Pedagogia⁴)

Em contrapartida, sei que muitos estudantes se expuseram de forma mais profunda justamente por minha ligação com a Pastoral. A entrevista de um graduando que não interage com a Pastoral foi marcada por emoção e terminou com a seguinte fala:

Minha pergunta: “Qual foi a sua maior dificuldade ao entrar na PUC-Rio? E facilidade, teve alguma facilidade?”

A maior dificuldade que eu encontrei e tenho até hoje é permanecer estudando. Tenho que trabalhar nos horários vagos, que geralmente não existem, daí é preciso trabalhar de madrugada, eventos aos fins de semana, e quando não há trabalho na madrugada ou eventos aos fins de semana, é necessário trancar uma matéria para trabalhar formalmente em algum horário. Todo semestre há um momento em que acho que não vou conseguir chegar até o final, porque o cansaço e estresse físico, mental e psicológico chegam a níveis altíssimos. Todo semestre há pelo menos uma ou duas semanas em que eu não consigo assimilar nada das aulas, pensando em como vou me manter no mês seguinte... Isso é horrível e nunca falei para ninguém como é me sentir assim... sempre penso nisso, mas nunca me abri assim a ponto de dizer o que acontece todo semestre. (João, 5º período de Artes Cênicas)

Após esse relato, o estudante caiu em prantos e a entrevista terminou. Percebo que a minha inserção na Pastoral tem influência direta na pesquisa, por isso – e com ensinamento da orientadora Sônia Giacomini – tomei precauções na relação com os entrevistados a fim de mitigar as possíveis influências. As principais medidas foram: não realizar entrevistas no espaço físico da Pastoral; sempre apresentar-me como pesquisadora mestranda e expor o objeto da pesquisa; formalizar as entrevistas, explicitar que estava gravando e fazer anotações. Essas anotações foram muito importantes, não apenas para facilitar a futura transcrição, como também para deixar o momento mais formal e não ser confundido com uma conversa. Foi informado aos entrevistados que seus nomes seriam alterados e que as informações que pudessem identificá-los seriam suprimidas ou trocadas. Mas, acima de tudo, foi deixado bem claro que era uma entrevista para um trabalho

⁴ Para manter o anonimato, todos os entrevistados tiveram seus nomes modificados. Além disso, houve permissão verbal e escrita, registrada em documento e nas gravações sonoras, para a modificação do nome e a utilização dos dados pessoais, como sexo, idade, curso de graduação e a universidade. Quando referimos ao período do curso é referente ao segundo semestre de 2018, quando as entrevistas foram realizadas.

científico. Todo o procedimento ético foi descrito, como os procedimentos da pesquisa, que os entrevistados não seriam identificados e que a entrevista poderia ser interrompida a qualquer momento. Uma entrevista foi individualizada, a que caracterizou a ruptura familiar, no subcapítulo 4.2. Quando comecei a realizar a entrevista não era o meu objetivo individualizá-la, todavia, no momento da escrita, me pareceu que concentraria diversos elementos que seriam mais ricamente analisados se fossem visto de forma personificada. Após a escrita, solicitei que a entrevistada pudesse ler e avaliar a seção, antes da escrita definitiva dessa dissertação. Após algumas pequenas alterações por imprecisões temporais, o texto foi aprovado pela estudante.

O escopo deste trabalho é investigar as táticas, trajetórias e estratégias dos bolsistas no cotidiano universitário. Percebemos que a PUC-Rio possui um significativo número de estudantes bolsistas e que eles, para conseguir concluir o curso universitário, necessitam entender a PUC-Rio como um lugar onde é necessário desenvolver ações calculadas (de forma consciente ou não). O universitário necessita desenvolver estratégias e táticas, conforme aponta Michel de Certeau (2000, p.100), para atingir o diploma universitário, em especial o estudante bolsista filantrópico.

1.1

A estrutura da dissertação

Esta dissertação analisa os mecanismos que o estudante bolsista da PUC-Rio utiliza para permanecer na universidade e sua trajetória para conquistar o diploma com bom aproveitamento. No capítulo introdutório, é apresentado o tema proposto, a trajetória para abordá-lo e a forma do objeto formal da pesquisa, que diz muito do que ela é e o que propõe. Nesta parte também estão expostos os sujeitos da pesquisa, os universitários que entrevistei diretamente sobre a temática, com a apresentação de um quadro com os nomes fictícios, a idade, bairro, curso e período que estava cursando quando a entrevista foi realizada. Além disso, apresenta-se a metodologia utilizada para buscar o objetivo proposto.

No segundo capítulo, apresento os conceitos sobre juventude e sua contextualização na contemporaneidade. Entre outros autores, foi fundamental o diálogo com José Pais, Maria Isabel Mendes de Almeida, Helena Wendel Abramo, Regina Novaes, Anthony Giddens e Mariana Bittar para a reflexão sobre

a temática. Para a análise das questões familiares e as rupturas e superações, houve o aporte das ideias de Pierre Bourdieu, Manuel Castells e Jailson de Souza e Silva.

Em seguida, destaca-se a expressão “geração tombamento” para refletir sobre as influências que o jovem bolsista possui. Esta seção traz um acontecimento ocorrido com um estudante e que teve repercussão midiática para compor o conceito. O objetivo deste capítulo é apresentar uma aproximação ao tema juventude e sua complexidade.

No terceiro capítulo, o objetivo é perceber a diversidade existente entre os estudantes bolsistas. Inicialmente é exposto, de forma breve, o sistema de concessão de bolsas de ação afirmativa, as que utilizam critérios de análise socioeconômica para sua concessão. Para tal análise foram fundamentais os trabalhos de Andreia Clapp Salvador, do Pe. reitor Josafá Siqueira e de Andreia Paiva, além das informações obtidas por e-mail da Vice-reitoria Comunitária – VRC.

Nesse capítulo, são realizadas duas abordagens sobre a perspectiva relacional entre o bolsista e o pagante. Inicialmente utiliza-se o conceito de Norberto Elias de “estabelecidos e *outsiders*”. Em seguida, são trazidos – com a luz de Djamila Ribeiro – os conceitos de “outro”, de Simone Beauvoir, “outro do outro”, de Grada Kilomba e “*outsider within*”, de Patrícia Hill Collins.

Ainda neste capítulo, sempre utilizando as entrevistas com os bolsistas e a chave de interpretação de Erving Goffman, são analisados os conceitos de “tática e estratégia”, propostos por Michel de Certeau. Encerra-se essa parte da dissertação com a análise das trajetórias que o estudante percorre, para chegar na PUC-Rio com o autor Marcelo Burgos e a importância das relações sociais, em especial das amizades para a permanência estudantil.

Já no capítulo seguinte, o quarto, a proposta é a análise do estudante que já está inserido na vida universitária, entendendo as suas regras e obstáculos. Para esta pesquisa, o conceito principal utilizado é o de “afiliação universitária” proposto por Alain Coulon. Há, nesse capítulo, uma seção sobre a trajetória específica de uma universitária para demonstrar um exemplo da perspectiva de ruptura nas trajetórias familiares e o aprendizado do ofício de estudante.

Também nesse quarto capítulo desenvolvemos o aspecto de projeto de vida, com Bruno Larrubia, Sonia Giacomini, John Ganon e Gilberto Velho. Uma das

principais consequências que a modernidade impõe ao jovem que aprende a ser universitário é a ansiedade pela necessidade de constante formação e as mazelas emocionais da rotina acadêmica. Para elucidar estes aspectos, utilizamos principalmente Gilles Deleuze, Richard Sennet e Zygmunt Bauman.

A conclusão deste estudo traz a síntese das dificuldades do universitário bolsista em 5 esferas: as dificuldades acadêmicas, econômicas, de sociabilidade, emocionais e a distância entre a PUC-Rio e a sua residência, correlacionando a dificuldade e a forma de superação. Ao final, expõe-se a forma como o estudante visualiza que será a sua atuação depois de formado, em especial frente à sua comunidade e família.

Gostaria de explicar o porquê da utilização das letras de músicas que estão em algumas seções como epígrafe. Inicialmente, percebi que para desenvolver a temática da “geração tombamento” era necessário demonstrar através das músicas dos ídolos, em especial a música de Karol Conka. Depois, senti a necessidade de dialogar com Gonzaguinha, que conseguia desenvolver de forma artística o que eu gostaria de expressar. Assim, a escolha das músicas tornou-se uma prazerosa parte do desenvolvimento da escrita. Geralmente, no começo de cada seção, eu pensava em qual música iria me inspirar. A utilização desse recurso deu ainda mais alegria ao ato de escrever. Em algumas seções, eu contei com a colaboração de entrevistados, colegas e familiares. Discutir o que eu estava escrevendo para chegar a uma música conceitual foi um artifício importante para a ordenação das ideias desta dissertação.

1.2

Metodologia utilizada

O método adotado nas entrevistas foi com inspiração etnográfica. E por trabalhar e estudar na instituição, também foi utilizada a observação participante. Utilizei perguntas que foram adotadas em outros estudos para poder comparar as respostas, em especial dos trabalhos de Andréia Clapp Salvador e Bruno Larrubia. Esses autores realizaram trabalho de campo na PUC-Rio e, apesar dos diferentes recortes adotados, têm muitas aproximações e muito me inspiraram neste trabalho. A leitura das suas teses, previamente à realização das entrevistas, foi muito estratégica. O questionário que utilizei não era fechado, o início da entrevista

seguia um questionário semiestruturado e, dependendo das respostas, aprofundava em alguns pontos.

A utilização da pesquisa com inspiração etnográfica foi importante, pois permitiu acercar um pouco das instâncias a que os estudantes bolsistas atribuem significados, estabelecem conexões e superam as hostilidades pré-determinadas na condição de estudantes. A etnografia é um modo privilegiado de análise cultural e, por isso, pode desempenhar um importante papel no entendimento dos sistemas simbólicos que articulam as vidas cotidianas dos atores sociais (Rocha, 2006, p.33).

Essa dissertação é, de fato, fruto de um percurso acadêmico. Esse percurso, que não se iniciou no campo da Antropologia – e sim no Direito⁵ – e que encontra nas Ciências Sociais uma área do saber que propicia adequados elementos teóricos e metodológicos favoráveis ao seu desenvolvimento.

1.3 Recortes temáticos

A primeira proposta da pesquisa era analisar se os coletivos universitários teriam alguma influência na permanência estudantil. Porém, ao longo da pesquisa, o recorte foi se modificando. Uma das razões foi a leitura do autor Alain Coulon, que realizou um estudo entre os estudantes universitários na França. Nessa pesquisa, o autor não se refere às associações estudantis, mas realizou uma análise muito interessante sobre o processo de afiliação universitária⁶. Este conceito foi muito inspirador e contribuiu para redefinir o enfoque desta dissertação.

Outra razão que contribuiu para definir novo recorte foi o início das entrevistas. Ao todo, foram realizadas 29 entrevistas. Nas 10 primeiras, o objetivo era identificar a importância do coletivo na vida dos alunos bolsistas. Alguns relatos eram desanimadores, em especial o da estudante do curso de Design. A primeira pergunta foi: “Quais as estratégias que foram utilizadas depois do seu ingresso na PUC-Rio?” e a resposta foi muito interessante. Dela, destaco o seguinte fragmento:

⁵ Sou bacharel em Direito. Entrei na UFRJ em 2000, antes da política de ações afirmativas e a implementação do sistema de cotas.

⁶ Este termo é detalhado na obra do autor e será abordado com profundidade no quarto capítulo.

Vejo que entrar em debates sociais com esse grupo [coletivos universitários], não me faria mais militante do que eu já sou. São dois universos dentro de um espaço e eu consegui ocupá-los. Tenho amigos que entendem o quanto nosso país é desigual, socialmente falando, e racista, e tenho amigos que também sabem disso, mas esse tipo de debilidade não os afeta diretamente, porque não faz parte da realidade de vida deles. (Angélica, 2º período de Design)

Então, eu continuei com a seguinte pergunta: “Você me parece ser muito politizada, frequenta algum grupo de política⁷ estudantil? ”

Sim, vamos lá... Participar de coletivos universitários era meu sonho, antes de entrar na PUC. Quando eu frequentava o pré, eu via as propagandas e tinha certeza que iria participar... Mas eu me abstei de participar dos coletivos por conta de todo um trâmite que eu me vi inserida. Meu curso é um dos que mais recebem a galera classe média alta do RJ e isso passou a ser conflituoso, comigo e com meus discursos sociais. A partir desse momento, passei a me notar menos ligada a um ponto muito importante que me ergueu na vida tanto profissional e acadêmica quanto, principalmente, social, que é minha consciência de classe. Eu não passei a deixar de tê-la ou senti-la, porque faz parte do que eu sou, porém eu me via como elemento daquela realidade e, talvez, se agisse de forma diferente, não ocuparia os espaços e nem conheceria toda uma rede que os alunos pagantes me proporcionaram. (Angélica)

Eu continuei, aprofundando a questão, com a pergunta: “E como você se sente sobre esta mudança de perspectiva? ”

Não me sinto menos ativista por isso, me vejo tão estratégica como nunca. E reconheço que muitas pessoas não conseguem enxergar certas distâncias sociais porque nunca tiveram essa necessidade e não fazem parte do lado menos favorecido. É o famoso lugar de fala. Talvez se tivesse agido de forma diferente, ocupado e visto tudo que a PUC é pela perspectiva do “copo meio vazio”, não teria sanidade pra passar pelo semestre. Ocupar para ganhar e ter força pela militância, esse é o foco. (Angélica)

A percepção que eu tive dessa resposta e de toda a observação que comecei a realizar nos coletivos e nas 10 primeiras entrevistas foi que a participação em coletivos universitários pode influenciar a permanência estudantil, mas o contrário, isto é, não participar, também influencia. Dessa forma, percebi que concentrar o meu recorte de pesquisa nos coletivos não seria a melhor estratégia para este trabalho.

Ocorreu então a modificação do recorte temático, migrando o foco dos coletivos universitários para algo mais amplo. A temática definida foi a delimitação da forma com que os graduandos bolsistas garantem sua permanência

⁷ Estava querendo evitar utilizar a palavra coletivo na pergunta, para deixar o entrevistado livre para responder o que ele classifica de política estudantil.

estudantil e a aquisição do diploma – podendo ou não aparecerem os coletivos nas entrevistas. Esta modificação da temática ocorreu não apenas pelos fatores narrados, mas sobretudo pela intuição, não apenas minha, mas também da orientadora e dos membros da banca de qualificação do mestrado. A palavra intuição aqui utilizada tem referência em Heloisa Martins (2004), para quem a intuição aqui mencionada não é um dom, mas resultante da formação teórica e dos exercícios práticos do pesquisador (p.292).

Com isso, não posso dizer que “perdi tempo” com as leituras sobre movimentos sociais e participação do jovem, ou ainda que as primeiras entrevistas foram descartadas. Esse trabalho inicial forneceu uma base necessária para que percebesse que essa não seria a melhor forma de inferir a permanência estudantil do universitário bolsista. Há também a intenção, ao me aproximar dessas questões, de oferecer subsídios para a implementação de políticas institucionais alinhadas às necessidades e dificuldades dos bolsistas, objetivando assim a permanência e conclusão do curso escolhido com adequado aproveitamento acadêmico.

Apesar de já interagir com muitos graduandos bolsistas, procurei, durante a pesquisa, entrevistar e mapear espaços frequentados pelos estudantes que não tivessem relação com a Pastoral, pelos motivos já descritos. A minha “entrada no campo” ocorreu através da mediação de uma aluna de geografia.

Eis o relato do meu caderno de campo:

A estudante de graduação da Geografia, sempre que cruzava comigo, procurava bate-papo. Falante, politizada, quase diariamente eu a encontrava. Ou quando entrava na minha sala, ou quando “esbarrava” comigo, perguntava sobre a revista que coordeno (*Dignidade Re-Vista*), comentava alguma notícia política ou alguma situação vivida em sala de aula, tendo em vista que ela recentemente começou a atuar no pré-vestibular comunitário da Pastoral. Em um bate-papo, perguntei se ela frequentava o “Geógrafa Maldita”, coletivo de mulheres da Geografia da PUC-Rio. Ela, com muita animação, disse que sim. Informei que eu estava pesquisando, para minha dissertação, os coletivos universitários e se eu podia participar de uma reunião e se podia entrar no grupo do WhatsApp. Ela informou que iria consultar o grupo. Era uma sexta-feira.

Na terça-feira seguinte, veio a resposta: “na próxima quinta-feira haverá um encontro e você é bem-vinda!”. No encontro, conheci muitas integrantes e fui “sabatinada” pela estudante que me pareceu ter um papel de liderança, ou porta voz. Perguntou alguns aspectos da minha pesquisa, o que me pareceu bastante pertinente. Também perguntou se eu poderia contribuir, enquanto funcionária da Pastoral, com alguns materiais para um evento que o coletivo estava organizando. As solicitações eram simples e prontamente concordei. Todas me receberam com simpatia e confiança. Entrei no grupo do WhatsApp.

Após a reunião, a estudante que facilitou meu contato veio falar comigo. Informou que quando eu perguntei se poderia conhecer o coletivo ela não falou mas pensou: “Acho que nem irei falar com as meninas do coletivo. Que ideia louca!” Ocorre que ela é namorada do filho de um professor do meu departamento. Final de semana, na casa do namorado, perguntou ao seu sogro o que ele achava. Perguntou logo para um sociólogo! O “parecer informal” do professor fez com que ela mudasse de opinião e não apenas consultasse suas companheiras, como também recomendasse a minha entrada! (Relato do dia 28 de junho de 2018)

A entrada no Coletivo Geógrafas Malditas (GM) foi fundamental para a redefinição do enfoque da pesquisa. Anteriormente, eu já participava do grupo do WhatsApp do Coletivo de Mulheres (CM) e já tinha participado de reuniões físicas desse coletivo e do Coletivo Madame Satã (Coletivo LGBTI+). Todavia, o GM se mostrou muito diferente, com pautas não ligadas aos bolsistas e com grande participação de alunos pagantes.

Neste ponto é importante ressaltar uma importante questão sobre a pesquisa. Desde o início o receio foi de parecer que o estudante bolsista instrumentalizava os coletivos e outros grupos. Que a participação era pensada de forma ardilosa para facilitar a permanência estudantil. Esta nunca foi minha percepção ou enfoque. Todavia, diferentes pesquisadores – em especial Gabriel Banaggia⁸ – ressaltaram que eu poderia deixar transparecer que os bolsistas estavam agindo dessa maneira para favorecer sua conquista universitária. Com a modificação do recorte da pesquisa para as trajetórias táticas e estratégias dos bolsistas, esta preocupação se fez mais ainda pertinente. Ressalto, desde já, que nem minha percepção inicial nem meu interesse de pesquisa, durante e após as entrevistas, tiveram o intuito de sugerir uma instrumentalização dos coletivos universitários, outras formas de interação universitária ou outros recursos que serão analisados neste trabalho.

O núcleo central da investigação que apresento nesta dissertação são os mecanismos que os estudantes bolsistas utilizam para permanência estudantil. Quando cursei Direito na UFRJ, foi em um tempo anterior à implementação da política de ação afirmativa. Na minha turma, não havia estudantes muito pobres, nem tão pouco ricos, era mais homogênea em relação à classe econômica dos estudantes e muito pobre em diversidade. A descomunal desigualdade social e econômica presente no corpo discente da PUC-Rio demonstrou ser, para mim, o maior patrimônio dessa universidade. Em especial no Rio de Janeiro, cidade onde

⁸ Pós-doutorando do Departamento de Ciências Sociais da PUC-Rio.

o encontro entre os jovens de classes econômicas diferentes vai ocorrer apenas quando (e se) chegam à universidade, tendo em vista que as escolas – até o ensino médio (a segregação em públicas e privadas promove a própria separação física) – e praças não favorecem este encontro.

Após o aumento do número de estudantes bolsistas, nos anos 1990, houve a criação do FESP⁹ e a implementação de formas de acolhimento desse estudante. A instituição precisou adotar medidas e transformar condutas para o acolhimento e a permanência estudantil (Salvador, 2008, p.141). Nadir Zago infere esta necessidade no contexto do ensino público, mas é perfeitamente aplicável na PUC-Rio:

Uma efetiva democratização da educação requer certamente políticas para a ampliação do acesso e fortalecimento do ensino público, em todos os seus níveis, mas requer também políticas voltadas para a permanência dos estudantes no sistema educacional de ensino. (Zago, 2006 p.228)

A PUC-Rio apresenta-se como um espaço interessante de análise não apenas por ser uma universidade em uma grande capital brasileira, que acolhe a sua elite econômica, social, cultural e política, mas também por ter passado por uma grande mudança nos últimos 20 anos, com o aumento da concessão de bolsas destinadas a alunos de baixa renda, incluindo um novo perfil de universitário. Esse novo perfil de estudantes, que alguns autores denominam “novos estudantes” (Honorato e Heringer, 2005, p.7), possui características muito peculiares, que provocam diversos pesquisadores a entender as suas especificidades. As políticas voltadas à inclusão na educação superior permitiram o ingresso desse novo estudante, mas esta inclusão só pode ser materializada através de uma rede de apoio voltada para o acolhimento e a permanência.

Assim, entendo que, ao investigarmos de forma holística os fatores que influenciam a permanência estudantil a partir das estratégias dos estudantes bolsistas da PUC-Rio, estamos avaliando um segmento específico da juventude de

⁹ Fundo Emergencial de Solidariedade da PUC-Rio. Criado em 1997, o FESP é um programa de permanência de estudantes universitários que não têm condições financeiras para manter-se no curso, através da concessão de auxílio para transporte, refeição e outros auxílios socioassistenciais. Informação disponível em: http://www.puc-rio.br/sobrepuc/admin/vrc/cba_fesp.html Acesso em: 20 mar 2019). Em 2016, 1.234 bolsistas foram atendidos pelo FESP (Paiva, 2017). Para mais informações sobre a criação do FESP, ver: Paiva, 2017, e Salvador, 2008.

baixa renda¹⁰. A intenção, ao mapear as realidades desse segmento jovem e suas estratégias no ambiente universitário, é identificar formas que possam auxiliar outros jovens pobres a conquistarem esse espaço. Este trabalho quer contribuir com mais um olhar sobre os bolsistas universitários, desta vez informado pela leitura de autores das Ciências Sociais.

1.4

Perfil dos entrevistados

A pesquisa escolheu estudantes que tinham bolsas de 100% na modalidade filantrópica ou Prouni¹¹. Estas duas modalidades avaliam as condições econômicas e sociais do estudante e sua família, análise realizada pela Vice-reitoria Comunitária.

As bolsas tipo filantrópicas¹² podem ser concedidas de forma integral (100%) ou parcial (50%) e são destinadas aos alunos de primeira graduação, cuja renda familiar mensal per capita não exceda o valor de um salário mínimo e meio (bolsas de 100%) ou o valor de três salários mínimos (bolsas de 50%). A renovação da concessão da bolsa é realizada anualmente e está condicionada à obtenção semestral de 75% de aproveitamento acadêmico nas disciplinas em que o graduando estiver matriculado e à reavaliação socioeconômica.

A concessão da bolsa filantrópica depende, ainda, do quantitativo de bolsas oferecido em cada curso, que muda a cada semestre e não está divulgado no site da PUC-Rio. Os cursos de “alto prestígio” (maior procura), como Direito, Engenharia e Comunicação, possuem menor disponibilidade de bolsa filantrópica, já cursos como Ciências Biológicas, Ciências Sociais, Filosofia, Geografia, História, Letras, Pedagogia, Teologia e Serviço Social oferecem mais bolsas e seus critérios aparecem definidos no site da PUC-Rio.

A bolsa Prouni faz parte de um programa do Ministério da Educação, criado pelo Governo Federal em 2004, e oferece bolsas de estudo integrais e parciais em

¹⁰ Como será analisado neste trabalho, universitário não é sinônimo de jovem, ainda mais o bolsista que por muitas razões pode ingressar no meio acadêmico com a idade superior à média da turma.

¹¹ O Programa Universidade para Todos - Prouni tem como finalidade a concessão de bolsas de estudo integrais e parciais em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, em instituições privadas de educação superior. Criado pelo Governo Federal em 2004 e institucionalizado pela Lei nº 11.096, em 13 de janeiro de 2005, oferece, em contrapartida, isenção de alguns tributos àquelas instituições de ensino que aderem ao Programa.

¹² Disponível em: http://www.puc-rio.br/vrc/bolsas_solicitacao.html#bolsapuc Acesso em: 29 fev 2019.

instituições de educação superior privadas. Podem participar os estudantes egressos do ensino médio da rede pública ou da rede particular, na condição de bolsistas integrais da própria escola. No caso da PUC-Rio, para concorrer às bolsas integrais, o candidato deve ter renda familiar, por pessoa, de até um salário mínimo e meio. Esta modalidade de bolsa também é reavaliada semestralmente tanto nos critérios socioeconômicos quanto nos acadêmicos, exigindo do graduando 75% de aproveitamento do curso. Esta modalidade de bolsa possibilita que estudantes de baixa renda acessem os cursos de alta demanda da PUC-Rio que não concedem grande número de bolsa filantrópica.

Abaixo, um quadro com os entrevistados deste estudo, que foi útil para o processo de organização das entrevistas e possibilita o entendimento do perfil dos graduandos que colaboraram com a pesquisa. Apenas os nomes foram alterados. Os períodos e as idades são referentes ao segundo semestre de 2018, quando as entrevistas foram realizadas.

Quadro 1 – Painel de entrevistados

	Pseudônimo	Idade	Curso	Local de moradia	Período
1	Kátia	29	Design	São João de Meriti	10º (último do curso)
2	Joana	20	Pedagogia	Tanque	4º
3	Mariela	22	Letras	Parque da Cidade	4º
4	Luan	22	Psicologia	Gávea "Minhocão"	5º
5	Joelia	22	Artes Cênicas	Nova Iguaçu	em mudança de curso
6	João	33	Artes Cênicas	Rocinha	6º
7	Angélica	24	Design	São Cristóvão	2º
8	Pedro	24	Engenharia e Matemática	Parque da Cidade	10º
9	Bia	24	Biologia	Itanhangá	2º
10	Ivana	23	Comunicação	Rocinha	1º (mudança de curso)
11	Eliane	46	Ciências socia	Cidade de Deus	1º
12	Liliane	46	Design	Curicica	9º

13	Michele	22	Psicologia	Irajá - durante a semana fica na casa de uma amiga em Copacabana	6º
14	Andreia	39	Psicologia	Parque da Cidade	1º (mudança de curso)
15	Leandro	22	Comunicação	Parque da Cidade	6º
16	Bianca	20	Comunicação	Tijuca	10º
17	Luiza	24	Design	Lapa	7º
18	Michel	19	Química	Inhaúma	2º
19	Clara	19	Ciências sociais	Santa Cruz	4º
20	José	17	Teologia	Austim	1º
21	Gustavo	30	Design	Sulacap	10º
22	Lícia	34	Serviço Social	São Cristóvão	5º
23	Fábio	25	Arquitetura	Barra de Guaratiba	10º

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Nesse quadro estão os 23 entrevistados diretamente com o enfoque final da pesquisa, ou seja, não estão presentes as 10 primeiras entrevistas realizadas quando o planejamento era o estudo dos coletivos universitários. A pesquisa com inspiração etnográfica é o principal material desta dissertação, apoiada pela diversificada bibliografia que foi guiando o estudo.

Utilizo a expressão “traço comum”, de Jailson Silva (2003), para indicar que os jovens entrevistados vivenciam diferentes processos de ruptura em suas trajetórias de vida, em comparação às trajetórias de vida do seu grupo familiar e grupo social de origem. Logo, estes grupos de origem não possuem todos os elementos necessários que possibilitam a chegada à universidade e sua permanência. Assim, o traço comum que existe nestes audaciosos e corajosos jovens é a negociação com outros grupos sociais, para a realização do seu projeto de vida universitário. Nesta negociação, recebem influências que causam rupturas em suas concepções, ideias e costumes. Esta pesquisa procurará investigar quais negociações contribuem de forma positiva para a vida universitária.

2

Para você, o que é ser jovem hoje?

*Ambição não é ganância
Mas, ninguém explicou na quebrada
Seja humilde, trabalhe, eles dizem
Siga firme e aguenta a pancada
Não revide, nem duvide
Não se cuide, nunca mude
Seja isso e aquilo
Nunca dê vacilo e jamais seja rude
De todas as coisas que fiz
Desobedeci bem do jeito que pude
Todas as coisas que quis
Só me vi feliz quando tive atitude*

Tássia Reis

O objetivo deste capítulo é abordar o conceito de juventude e a visão que o universitário tem sobre ser jovem. Cabe salientar que nem todo universitário é jovem, porém o aspecto que iremos analisar é que estar na universidade constitui uma fase, uma etapa da vida que pode idealmente coincidir com o conceito de juventude.

Segue a discussão sobre o estudante bolsista e como a internet interfere nos processos de aprendizagem e socialização. A motivação para tal análise se deu pela visível mudança que a internet provoca, a quantidade de citações nas entrevistas e a mudança na perspectiva da utilização de computadores por bolsistas. Isso porque há 10 anos o conhecimento de informática – ou melhor, a falta desse conhecimento – era um dos principais problemas relatados pelos estudantes, como visto na tese de Andréia Clapp (Salvador, 2008, p. 140). Atualmente, o acesso à internet mudou, passou a ser fácil. No aspecto acadêmico, colaborou com a possibilidade de consulta de material didático virtual, diminuindo os custos de aquisição desse material. No aspecto de socialização, com as redes sociais, e no de conhecimento cultural, permitiu ao bolsista ter acesso a um conhecimento novo, que apesar de não ser estritamente acadêmico contribui para a sua adaptação ao *ethos* acadêmico.

Para caracterizar a forma que a juventude contemporânea ressignifica a sua postura e lugar na sociedade, o capítulo prossegue com a análise da “geração tombamento”. A maneira que a juventude utiliza as redes sociais para a sua formação identitária demonstrou, nas entrevistas, como esse é um aspecto importante para o bolsista desenvolver a sua personalidade e conseguir melhor enfrentar os desafios de estar na universidade.

Espera-se, nessa seção, uma aproximação com o tema juventude e sua complexidade. Com a análise das diferentes facetas e realidades juvenis, almeja-se contribuir na inserção do conhecimento sobre estar e ser bolsista na PUC-Rio.

2.1

Ser jovem

A pergunta que intitula o capítulo é parte do repertório dessa pesquisa para questionar o universitário contemporâneo sobre a sua percepção de juventude. Segundo José Pais, embora haja variação dos limites de idade, a juventude é compreendida como um tempo de construção de identidades e de definição de projeto de futuro. Por ter profusas ambivalências, ser jovem é viver uma contraditória convivência entre a subordinação à família e à sociedade e, ao mesmo tempo, possuir grandes expectativas de emancipação e desenvolvimento. A vida universitária agrega a esse período mais elementos que o tornam ainda mais complexo (2009, p.374).

Segundo o Ibase – Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (2006, p.6), a definição de juventude a partir do recorte etário é a maneira mais simples de tentar agregar indivíduos com experiências que se caracterizam por serem diversas e desiguais. Apesar desta desigualdade, o termo juventude é utilizado com determinado recorte etário para fins de pesquisa, legislação e definição de políticas públicas.

O estudo do Ibase ressalta a importância de reconhecer a inadequação conceitual de se articular um só campo de representações que seja unificador dos sentidos do que venha a ser a “juventude”. Em especial, em relação ao estudante bolsista que, em diferentes casos e por diversos motivos, costuma ingressar na universidade com idade mais avançada que o estudante em geral.

Ímpar ressaltar o alerta de Helena Wendel Abramo: “precisamos falar de *juventudes*¹³, no plural, e não de *juventude*, no singular, para não esquecer as diferenças e desigualdades que atravessam esta condição” (Abramo, 2005, p.43-4). Segundo a autora, é importante a análise sobre os diferentes modos como a condição juvenil pode ser vivida em diferentes realidades sociais, econômicas e culturais¹⁴ (p.45). Dessa mesma, forma podemos distinguir as diversas características dos estudantes bolsistas, sempre analisando-os em sua pluralidade, mas buscando perceber quais são os seus “traços comuns”¹⁵.

O papa Francisco, em seu recente livro¹⁶ com o sugestivo nome “Deus é Jovem”, diz que a juventude não existe, e sim os jovens. E que os jovens se ressentem por terem nascido em uma sociedade que fez da cultura do descarte o seu paradigma por excelência. Expressa que a cultura contemporânea é dominada por uma crise econômico-financeira na qual no centro não está o ser humano, mas o dinheiro e os objetos criados. Mostra que os jovens são os mais afetados por este paradigma cultural.

Já Mariana Bittar ressalta que é importante ter em mente uma significativa distinção entre a juventude como fase da vida e o jovem. Esse precisa ser analisado em função das suas características biográficas e suas interações com o contexto social. Já a juventude como período da vida deve ser vista em relação a sua forma e duração, variando, de acordo com o contexto histórico, as condições sociais e culturais de gênero e de raça do indivíduo (Bittar, 2011, p.22-4).

Apesar do corte etário¹⁷ dos entrevistados desta pesquisa não ser formado por pessoas com idades que estariam classificadas formalmente como jovens, verificamos que o universitário tem marcadores sociais atrelados à juventude. Por essa razão, neste estudo foi escolhido o olhar para o jovem universitário. A identificação de quais marcadores sociais são característicos em relação aos estudantes tradicionais, quais podem ser relativos exclusivamente aos bolsistas e quais são pertinentes a ambos foi um aspecto importante na presente análise, sobressaindo-se ao aspecto de faixa etária.

¹³ Grifos no original.

¹⁴ Esta conclusão é resultada de debate teórico com Bourdieu. Para mais aprofundamento nessa discussão, ver Abramo, 2005.

¹⁵ A expressão “traços comuns” foi retirada do já citado livro *Por que uns e não outros?* de Jailson de Souza e Silva.

¹⁶ Nesta pesquisa, o livro foi utilizado em ebook, por esta razão a citação não contém a página.

¹⁷ A idade não foi critério de escolha dos entrevistados e sim a disponibilidade para realizar a entrevista nos meses de outubro e novembro de 2018.

Regina Novaes (2003) discorre que os jovens podem ter a mesma idade, mas, devido às experiências, aos meios sociais e às interações familiares, possuem identificações completamente diversas. A heterogeneidade das classes sociais se reflete de forma decisiva nesta fase da vida humana, encurtando a juventude dos pobres e aumentando a dos mais ricos. Gravidez precoce e necessidade de ser inserido no mercado de trabalho são fatores limitadores do tempo juvenil, contrapondo com a oportunidade de permanecer por mais tempo como estudante quando a estabilidade financeira familiar garante (Novaes, 2003).

Como observado por Souza e McCarthy (2010, p.134) a percepção de que se chegou à fase adulta é conquistada quando o sujeito se torna financeira e emocionalmente independente de seus pais, residindo em moradia separada e sendo responsável por si, pelos próprios atos e consequências e por outras pessoas. Não é uma percepção temporal, um recorte etário e sim uma análise social, econômica e cultural do indivíduo perante o seu meio.

Segundo argumentos de José Pais, atualmente são mais fluidos e descontínuos os traços que delimitam as fronteiras entre as diferentes fases da vida, pois muitos dos ritos tradicionais que marcavam a entrada na vida adulta não são mais assim reconhecidos, como o nascimento do primeiro filho e a saída da casa dos progenitores (2009, p.373). De acordo com Peralva, as idades da vida, embora ancoradas no desenvolvimento biopsíquico dos indivíduos, não são fenômeno puramente natural, mas social e histórico, datado (1997, p.15). Assim, as juventudes universitárias são mais que um dado numérico ou classificação sistemática, mas um período da vida em que há determinadas características comportamentais e experiências vividas, independente da classe social e econômica.

Ao responder a pergunta “O que é ser jovem hoje para você?”, um jovem universitário de 22 anos, do 3º período do curso de psicologia, enfatiza a fluidez, indo ao encontro da descrição anterior de José Pais:

Acho que ser jovem é uma bênção. Dizem que é mais um estado de espírito do que uma faixa etária específica. Eu mesmo já conheci idosos mais jovens que muitos garotos por aí. [risos]

As certezas são: na juventude a gente forma o caráter, adquire ideologias, dá de cara no muro e aprende – ou não! Chora e dá risada, cria amigos e companheiros de luta pro resto da vida.

É a fase da ingenuidade, de querer salvar o mundo nas horas vagas e ainda equilibrar com as responsabilidades.

Acima de tudo, acho que ser jovem é ter saúde e ir atrás, sabendo que cada dia é uma oportunidade pra uma conquista, um desaforo, uma aventura, ou qualquer coisa diferente. (Luan)

Percebe-se, na resposta, ênfase na dualidade de ser jovem. Ao mesmo tempo que define o período por aventuras, sonhos e utopia, também inclui a responsabilidade e as amizades sólidas. O estudante também menciona a fluidez da juventude quando diz que é um estado de espírito ser jovem. A graduanda de comunicação também ressalta a perspectiva de estado de espírito em sua resposta:

Ser jovem não tem ligação com idade, ser jovem é mais um estado de espírito, tem relação com o *estilo de vida e mentalidade*. Uma pessoa de 80 anos pode gostar mais de viver, sair, socializar, se divertir, ter pensamentos liberais, menos quadrados do que uma pessoa de 20 anos.¹⁸ (Liliane)

A juventude acena-se com uma espécie de “moratória social”, expressão talhada por Regina Novaes (2007) esclarecendo que a juventude é uma etapa de preparação onde os indivíduos processam sua inserção nas diversas dimensões da vida social, a saber: responsabilidade com a própria família, inserção no mundo do trabalho, exercício pleno de direitos e deveres de cidadania. Em especial, quando consideramos os universitários, percebemos que o sujeito está trilhando esta etapa da vida elucidada pela autora. Corroboram ainda essa perspectiva as seguintes respostas:

Acredito que é o momento onde mais oportunidades aparecem. E ser jovem é ser capaz de agarrar todas elas, pra lá na frente ter a chance de escolher como quero seguir na minha vida em geral. (Michel)

É ter tempo de escolha, poder errar mais vezes, é aprender ainda mais. É poder voltar atrás com mais segurança. Ter perspectiva de um futuro mais assegurado. Não ter receio de ser um pouco infantil demais ou adulto demais. É estar no equilíbrio dos dois polos: nem velho, nem criança. É planejar. Sonhar com diversas coisas. Experimentar sempre. (Joelia)

Identificamos, nas respostas, a percepção de que ser jovem é um momento da vida em que ocorrem mudanças, oportunidades. É um momento de rito de passagem que, segundo DaMatta (2000), pode ser interpretado:

¹⁸ Os grifos são meus.

(..) como uma resposta adaptativa obrigatória, quando os indivíduos são obrigados a mudar de posição dentro de um sistema. Deste ângulo, os ritos seriam elaborações sociais secundárias, com a função de apagar os conflitos gerados pela transição da adolescência à maturidade, uma passagem postulada inevitável, difícil, problemática e conflituosa em qualquer sociedade humana. Nessa perspectiva, o foco é sempre nos jovens e naquilo que é percebido como uma arriscada e conflituosa transição dentro da sociedade. (DaMatta, 2000, p.11)

O que é ser jovem para o bolsista da PUC-Rio? Esta pergunta foi proposta para os entrevistados e as respostas apontam para a maior independência do jovem em relação aos padrões e valores conservadores. Liliane¹⁹, estudante de Design de 46 anos, sintetizou, quando perguntada: “O que é ser jovem?” A resposta foi: “Não tenho esse lugar de fala, mas percebo que ser jovem hoje é ser bem menos desprendido de compromisso e convenções que na minha época”. Informe-me que, por isso mesmo, gostaria de saber a sua percepção sobre quais mudanças ocorreram sobre o “ser jovem”. A resposta foi:

As mudanças que percebo são: menos cobrança com eles mesmos, menos importância com a opinião alheia, mais disposição para lutar pelo que realmente consideram importante e menos alienação com os acontecimentos do dia a dia. Os jovens se conectam com o mundo, se informam sobre vários assuntos, mas também ficam mais vulneráveis. (Liliane).

Continuei com a pergunta: “ficam vulneráveis a quê?”, a resposta foi: “a internet possibilita menor vulnerabilidade às informações falsas e a pessoas mal intencionadas”. A percepção desta estudante nos introduz nesta estrada do ser jovem na modernidade que Anthony Giddens explica: “muitos dos fenômenos frequentemente rotulados como pós-modernos dizem respeito à experiência de viver num mundo em que presenças e ausências se combinam de maneiras historicamente novas” (1991, p.176). O autor valida o que a estudante disse sobre as mudanças nas conexões interpessoais e sua conexão com o mundo.

Com base nas entrevistas com os estudantes bolsistas, identificamos que a universidade é um rito de passagem, que permite ao jovem ingressar na fase adulta com as devidas mudanças na vida social, profissional e psicológica. Os entrevistados para essa pesquisa reiteram as percepções dos alunos estudados por

¹⁹ Esta entrevistada possui uma história de vida que é muito comum entre as mulheres bolsistas. Ela teve filhos muito cedo e a oportunidade de entrar na universidade só ocorreu após os 40 anos. O ano de 2018 foi o último ano dela na PUC-Rio e o primeiro do seu filho mais velho. O caçula começou a graduação em 2019. Os dois em cursos considerados de alto prestígio pela universidade, com número reduzido de bolsas. Ela conseguiu bolsa filantrópica da PUC-Rio e seus filhos entraram pelo Prouni.

Larrubia (2006). Também é possível analisar as fases descritas por Turner (1974, p.116 e 118) no ritual de passagem no processo de entrada na universidade. Preliminarmente ocorre a separação do indivíduo do seu meio, em especial quando ele é o primeiro bacharel de sua família, há uma ruptura do indivíduo com seu meio social. Após essa primeira fase, há o período de liminaridade, caracterizado pela passagem, e, em seguida, o universitário é marcado pelas fases de integração fora do meio social de origem. Estas fases são importantes para o aprofundamento do jovem, estimulando interações sociais e suas condições psicológicas.²⁰

Evidencia-se, no entanto, que não há, no Brasil, a marca social de mudança do local de moradia, como ocorre nos Estados Unidos da América, conforme relatado por Larrubia (2006, p.175 e 219). A mudança de moradia, quando ocorre (relatada pelos entrevistados), é por causa da distância da universidade e da precariedade do transporte público, possuindo o aspecto temporário. Não há a percepção de sair de casa e conquistar a sua moradia independente. Fábio, do curso de Arquitetura, concluiu o curso no segundo semestre de 2018. Morador da Barra de Guaratiba²¹, dormia na casa de uma tia no bairro da Glória, na Zona Sul do Rio de Janeiro, no começo da faculdade e após conseguir uma monitoria remunerada alugou uma vaga²² em um conjugado do Minhocão²³. Durante os finais de semana, retornava para a casa dos seus pais: a sua casa. Lavava roupa, planejava a semana, encontrava seus amigos de bairro e frequentava a Igreja. Após a formatura, o estudante encerrou o contrato e não demonstrou a percepção de retorno para a sua casa, pois, na verdade, dela nunca saiu.

O termo juventude, que segundo Helena Abramo pode parecer óbvio, pois todos nós somos ou já fomos jovens e convivemos com jovens (2005, p.37), é muito mais que uma categoria etária. É uma categoria do campo simbólico, a partir da ideia de uma condição juvenil como um signo, “uma construção cultural”

²⁰ Para uma análise aprofundada sobre as fases no processo de socialização ver Turner (1974).

²¹ A distância da Barra de Guaratiba para a PUC-Rio é 46km. O bairro possui péssimo serviço de transporte público, com apenas uma linha de ônibus.

²² Vaga é como o estudante se refere a uma cama. Conforme narrado, é um conjugado que possui 3 beliches e o estudante aluga a cama. O estudante relatou que tem uma geladeira e um micro-ondas, que ele pouco usa, pois faz as refeições na universidade.

²³ O nome oficial é Conjunto Habitacional Marquês de São Vicente, mas, na prática, o prédio de seis andares que fica na Gávea é conhecido mesmo como Minhocão. Fica ao lado da PUC-Rio. Projetado pelo famoso arquiteto Affonso Eduardo Reidy na década de 50, o conjunto tem 308 apartamentos e cerca de dois mil moradores. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/moradores-do-minhocao-se-orgulham-do-ambiente-familiar-mas-ainda-sofrem-com-poluicao-sonora-527514.html> Acesso: 1 abr 2019.

(2005, p.42-4). A juventude, segundo a autora, “é vivida centralmente no seio de sua família, contando com sua estrutura material e afetiva” (Abramo, 2005, p.42). Percebe-se a importância da estrutura familiar nas entrevistas realizadas, é muito comum os entrevistados citarem um parente próximo como o principal incentivador. Em especial, reproduzo a fala de um estudante²⁴, sobre o fato de ter conseguido entrar na universidade:

Foi um percurso longo para eu estar na PUC-Rio, que começou quando eu era pequeno, no esforço da minha mãe para eu conseguir uma boa escola. Ela não estudou muito, mas colocou como ideal de vida eu estar aqui hoje. Minha mãe mudou de emprego, foi faxineira da escola para eu conseguir bolsa de estudos e participou de um programa social da igreja, ela até tinha que frequentar o culto [risos] para eu conseguir curso de inglês gratuito. Foi uma estrada longa, com ela me puxando.

Conforme Jailson Silva, a presença cotidiana das mães no seio familiar, principalmente quando aliada a uma “forte personalidade”, contribui para o projeto de vida escolar do jovem (2003, p.113). A importância da atuação materna foi relatada em diversas entrevistas realizadas nesta pesquisa e pode ser caracterizada como o principal traço comum nos relatos. As atitudes vinculadas à juventude costumeiramente foram apresentadas como formas de desvio à estratificação social e cultural, motivo de contestação das gerações anteriores. Não por acaso, parte considerável da sociologia da juventude se constituirá como uma sociologia do desvio: “jovem é aquilo ou aquele que se integra mal, que resiste à ação socializadora, que se desvia em relação a um certo padrão normativo”. (Peralva, 1997, p.18). No caso dos estudantes bolsistas, a contribuição familiar é vista como algo positivo, não como a contribuição social, econômica e cultural que o estudante tradicional recebe, mas na forma de incentivo e apoio como relatado acima, citando Jailson Silva.

Se por um lado a juventude é vista como um desvio, por outro também é alvo de diversos interesses, como da moda e das cirurgias plásticas. Regina Novaes realizou uma análise precisa sobre a dualidade desta percepção:

A sociedade contemporânea é “juventudocêntrica” e, ao mesmo tempo, paradoxalmente, muito crítica em relação a seus jovens. São dois lados da mesma moeda. De um ângulo, a juventude hoje é vista como a expressão do bem. Seu

²⁴ Este estudante, diferente dos outros citados nesta pesquisa, não realizou uma entrevista formal. Essa fala foi dita no bandeirão PUC-Rio.

valor simbólico positivo se expressa através da valorização da beleza, da saúde, da coragem, da capacidade de indignação. Todos querem permanecer jovens. Fisicamente, procura-se adiar o envelhecimento. Mentalmente, busca-se permanecer “jovem de espírito”. De outro ângulo, a “juventude” também é vista como o lugar privilegiado para a expressão de todo mal estar social. Provoca inquietações e evoca “problemas sociais” tais como violência, ócio, desperdício e irresponsabilidade. (Novaes, 2009, p.11)

O autor português José Pais questiona a imagem criada acerca da categoria de juventude, criticando a chamada “consciência sociológica” que tornaria a juventude uma categoria da linguagem comum pertencente ao discurso político. Tratar os jovens como uma unidade social e, portanto, imbuídos de interesses comuns, constituiu, para o autor, uma clara manipulação. As representações correntes da juventude classificam os jovens como parte de uma cultura juvenil *unitária*²⁵. Todavia, a juventude é tomada como um conjunto social necessariamente diversificado, perfilando-se diferentes culturas juvenis. Logo, não é possível englobar em uma mesma geração e, por conseguinte, em um mesmo grupo, indivíduos que, mesmo possuindo interesses em comum, têm inúmeras diferenças econômicas, ideológicas e profissionais (Pais, 1990, p.140). Quando abordamos as diferenças entre os estudantes da PUC-Rio em relação ao pagamento ou não da mensalidade, essas diferenças são dilatadas por diferentes aspectos, que serão analisados no próximo capítulo.

2.2

Ser jovem hoje: a juventude na contemporaneidade

*A gente vive hoje em dia
Uh, uh, uh
Dentro de uma orgia de informação
Uh, uh, uh,
A gente vive hoje em dia
Mas sou mais hoje em dia
Do que nunca mais.*

Lulu Santos

A juventude está exposta a um novo panorama – a internet – que alterou as diversas formas de integração social. A entrada de uma nova modalidade de estudante na PUC-Rio coincidiu com a instalação, expansão e amadurecimento da

²⁵ Grifos do autor.

internet comercial e alterou os regimes de funcionamento e organização da subjetividade sofridos no interjogo entre os planos real e virtual da existência (Almeida; Eugênio, 2006) não apenas nas universidades, mas em toda a sociedade. O objetivo desta seção é perceber em que medida o acesso à internet democratiza a formação acadêmica e sociabilidade entre os universitários bolsistas. A escolha desse objetivo para analisar a juventude contemporânea se deu pela grande diversidade de desdobramentos e possibilidades.

Com a internet tudo mudou, em especial as relações interpessoais, marcadas pelo uso de aplicativos que mediam as relações. Hoje, percebe-se que a interação entre os indivíduos – independente de ser no meio universitário, pessoal ou relações de consumo – ocorre com a utilização da internet, em especial aplicativos dos telefones celulares. Os aplicativos transformaram a cultura e as configurações sociais, em especial, dos jovens, que estão sempre com os celulares em punho, o que modifica as formas de relações universitárias, conseqüentemente. Sobre a cultura da virtualidade Manuel Castells afirma: “A internet é a espinha dorsal da comunicação global mediada por computadores” (1999, p.432). Não há como ignorar que as relações estão em profunda mudança e a internet faz parte desse sistema, e os relacionamentos estão imersos nesse processo. Embora a forma de organização social em rede já tenha existido, em outra época, o novo paradigma da tecnologia da informação fornece a base material para expansão penetrante em toda sua estrutura social. Gera uma determinação social diferenciada, onde o “poder dos fluxos é mais importante que os fluxos de poder” (Castells 1999, p.565).

Na academia, o uso da internet ultrapassa relações de consumo, a forma de se relacionar e ter acesso às notícias. Ultrapassa, ainda, o óbvio e esperado lugar de ser uma ferramenta pedagógica e permeia as relações de socialização e participação dos universitários. Exemplo disso é como os coletivos universitários²⁶ atuam, tendo como “sede” lugares virtuais para encontro. A maior parte da interação e decisões acontecem no grupo do WhatsApp ou no Facebook. A estrutura dos coletivos universitários valoriza o diálogo horizontal, que o ambiente virtual proporciona de forma mais eficaz. Para Castells (1999), a

²⁶ “Os coletivos são formados por estudantes que possuem opiniões, ideias e pautas em comum sobre a universidade e a sociedade em geral” definição obtida no site do DCE da PUC-Rio. Disponível em: <http://dcepucrio.org/novo/> Acesso em: 6 jun 2019.

internet é o resultado último, que representa uma ruptura com as estruturas hierárquicas e centralizadas que predominavam como formas estatais e institucionais até então. É neste espaço virtual que a interação dos coletivos encontra seu maior âmbito de articulação.

Fábio, estudante de arquitetura, relatou, quando perguntado em qual espaço se sentia mais à vontade:

Quando entrei na PUC-Rio, único lugar que eu frequentava fora de sala de aula era a biblioteca, nenhuma vida social! Mas me colocaram no grupo de WhatsApp do coletivo²⁷ de Jesus²⁸, aí fui me enturmado e conhecendo pessoas de outros cursos. Daí para a primeira vila foi um pulo. A vida ficou mais feliz. (Fábio)

Já para Mariela, quando perguntei: “e como foi o começo do seu curso?”, a resposta demonstrou a importância da internet para a vida acadêmica, em detrimento de eletrodomésticos básicos:

Eu precisei me preocupar em ter acesso ao material, porque muitas vezes não tenho dinheiro para as impressões e preciso ler texto em casa. Tanto que priorizei a adesão de internet em casa, [mais] do que uma geladeira ou fogão. Essa foi uma escolha difícil, principalmente para mim que venho de outro estado e cheguei aqui sem nem um móvel para esta nova casa. (Mariela)

Continuei perguntando: “E como a internet favoreceu a sua vida universitária?” Interessante que a estudante ressaltou o aspecto de socialização da internet em sua resposta:

Favorece ainda no fácil contato com meus colegas em busca de materiais e na minha organização de estudos. A internet é importante também para o lazer, pois como não tenho tanto dinheiro para ficar saindo, acabo assistindo filmes ou jogando. A internet, sem dúvida, é um facilitador. (Mariela)

Para Ramos, “mais do que um mundo virtual, tomado como oposto do mundo real, estamos diante da contínua produção humana de novos mundos e de sua colonização por meio de um duplo movimento de produção de conexões e de sua ordenação” (2015, p.2). É inegável que a internet funciona como principal meio de comunicação dos universitários, transformando-se em um marco de ruptura geracional com os seus pais (Larrubia, 2016, p.159). A disseminação dos

²⁷ O coletivo informado pelo estudante foi suprimido para preservar o anonimato.

²⁸ A Cultura Religiosa – CRE, oferece 4 disciplinas obrigatórias para todos os graduandos da PUC-Rio, que são popularmente chamadas de *Jesus 1, 2, 3 e 4*.

aparelhos de celulares com acesso à internet mitiga tensões relacionadas à socialização, em especial quando abordamos os jovens de baixa renda. As redes sociais possibilitaram a divulgação de expressões, modas e elementos culturais, facilitando o acesso a certo conhecimento que antes da internet não era viável. Ainda mais porque muitos desses jovens bolsistas não tiveram acesso a viagens ao exterior, colégios caros e outras oportunidades culturais. A internet possui o aspecto de popularizar conhecimentos e hábitos que antes eram restritos a uma elite econômica e cultural. Após a resposta acima, eu perguntei: “E no ambiente acadêmico, como foi a contribuição?”

Eu, pelo menos, tenho um déficit de conhecimento histórico e de nomes de filósofos e sociólogos. Faço Letras e não tenho tanto conhecimento de escritores, como Baudelaire, que é muito influente no meu curso. Então, quando algum professor fala um nome que não conheço, no mesmo momento pesquiso quem é, o que fez, em que época viveu. E isso é uma complementação, porque eu não tive acesso ao que seria necessário, mas não obrigatório, para entrar na faculdade. E posso ter esse acesso ali na hora, sem perguntar. (Mariela)

A resposta da estudante exemplifica a utilidade da internet e a democratização ao acesso ao conhecimento. Revela, ainda, a circunstância da internet possibilitar o acesso ao conhecimento sem mediação, sem a necessidade da graduanda expor a ausência de conhecimento sobre algum assunto. Mariela pode não apenas obter conhecimento, mas principalmente não demonstrar a ausência de capital cultural, que Bourdieu elucida como sendo o capital que os indivíduos herdaram, uma bagagem cultural e também certo *ethos* da convivência familiar, escolar e no meio social. Este sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados está ligado “à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento” (Bourdieu, 2015 p.67).

De acordo com Bourdieu, o capital cultural pode existir sob três estados: estado incorporado, estado objetivado e estado institucionalizado. O estado incorporado, mais subjetivo e interiorizado, é visto pelo autor como o estado mais relevante para o processo de adaptação, pois integra hábitos, visão de mundo e atitudes da pessoa. É o estado que “está ligado ao corpo e pressupõe sua incorporação” (Bourdieu, 2015, p.74). Para o bolsista frequentar os espaços universitários – inclusive os espaços virtuais – favorece a aquisição deste

conhecimento, que não pode ser conquistado de outra forma a não ser pelo tempo dedicado a esse aprendizado.

O capital cultural em seu estado objetivado é obtido através da aquisição de bens culturais, tais como escritos, pinturas e monumentos e pode ser transmitido na sua materialidade, ou seja: quadros, livros, instrumentos, máquinas, etc. (Bourdieu, 2015, p.77-8). A percepção da ausência deste capital cultural pode ser vista na entrevista da estudante Angélica, ao responder a pergunta: “como era o seu hábito de leitura antes de entrar na PUC-Rio? E depois?”

Alguns anos antes de entrar na faculdade, meu hábito de leitura melhorou muito, porque eu achava que falaria melhor se lesse mais [risos]. Com o tempo se tornou hobby, e hoje é válvula de escape da realidade. Com a rotina da faculdade, você se vê obrigado a buscar saber mais, é aquela tirinha das crianças atrás do muro: *quando sua “bagagem de leitura” é maior, vc tem a melhor vista*. No meio acadêmico, principalmente no design, é muito importante buscar conhecer e se atualizar sempre, sobretudo porque o designer cria ideais. Essa veia criativa tem que ser nutrida sempre, principalmente pra quem não cresceu com esse tipo de referência. (Angélica)

Apesar da internet facilitar o processo de aquisição do capital cultural, alguns estudantes bolsistas jovens ainda valorizam o conteúdo impresso. Continuei com a entrevista com a estudante, perguntando: “Qual a importância da leitura para você?”. Angélica respondeu: “O processo criativo pro designer é de extrema importância, acredito que a leitura auxilia esse ponto”. Continuei indagando: “E a internet? Como favoreceu o seu processo dessa bagagem?”. A resposta foi:

A internet amplia o processo de leitura, pela facilidade de acesso a artigos, textos e até mesmo livros. Pra mim é um caminho mais fácil, mas não abro mão de comprar livros e alugar. Acho mais interessante e geralmente me sinto mais estimulada a ler documentos impressos. (Angélica)

Apesar do capital cultural objetivado ser o mais difícil de ser adquirido pelos bolsistas, pela falta de recursos financeiros, a internet pode contribuir, já que populariza o acesso a livros e a outros bens culturais, permitindo ao estudante o contato e posterior benefício da aquisição simbólica desse conteúdo. Refletindo sobre o estado institucionalizado do capital cultural, Bourdieu explica que essa é a forma objetivada, como um diploma. Esse estado confere reconhecimento institucional ao sujeito. A forma institucionalizada do capital cultural confere

àquele que o detém três características: reconhecimento individual, comparação entre os diplomados e o estabelecimento de “taxas de convertibilidade entre o capital cultural e o capital econômico, garantindo o valor em dinheiro de determinado capital escolar” (Bourdieu, 2015, p.78-9). Os dois estados inicialmente apresentados pelo autor auxiliam o estudante bolsista a conquistar o diploma universitário, assim como a possibilidade de realização de cursos on-line e outros diplomas virtuais contribuem para o término da graduação. Esse aspecto de taxa de convertibilidade foi vislumbrado na entrevista com um estudante de Design, curso em que o conteúdo cultural é bastante valorizado. A pergunta foi: “Você já está se formando, mas lembra das suas dificuldades do início da PUC-Rio”. A resposta: “A distância entre moradia e faculdade, a falta de dinheiro pra comer direito e para comprar materiais pro meu curso. Mas o que mais marcou foi o meu computador, que era muito fraquinho pro meu curso.” Então perguntei: “E como foi o processo de superação?” O estudante respondeu:

Para superar a perda do tempo no deslocamento, comecei a ler livros de diversos assuntos: de autoajuda a textos da faculdade. Logo após comecei a fazer monitorias remuneradas e ganhar dinheiro. Isso possibilitou comprar smartphone bom e, depois, um bom computador. Os programas que uso e conteúdos que preciso para o meu curso sempre foram caros. São softwares de design, livros de história da arte, produções cinematográficas, dvds etc. Só consegui correndo atrás de grupos que compartilhavam ebooks e pdfs de livros pela internet, grupos de doação de livros no Facebook. Na internet, consegui *hackear* programas pra não precisar pagar porque são muito caros. (Gustavo)

Continuando a entrevista, foi perguntado: “O smartphone foi útil em qual sentido?”.

Pesquisar coisas. Desde dar um google até procurar referências artísticas. Na minha área, precisamos conhecer vários assuntos técnicos: artes, técnicas industriais, fenômenos sociais, últimas tecnologias, últimas tendências etc. A internet permitiu termos contato com várias referências de qualidade. Eu fiz *downloads* de livros da escola alemã de Design, a Bauhaus, por exemplo. Usei muito o Pinterest, tanto o site como o aplicativo.

Hoje em dia está tudo sincronizado. Celular, computador, mídia social. Eu pesquisava algo em uma dessas coisas e quando acessava de outro lugar estava lá o que tinha buscado.

O smartphone, em especial, permitiu que eu lesse conteúdo durante o deslocamento pra faculdade. Sem falar que a vida social ficou mais fácil. Manter amigos com quem tinha pouco contato também foi importante. Hoje, retomo contato com um monte de gente que mora longe, até em outros países, graças às mídias sociais tipo face e WhatsApp. (Gustavo)

A resposta do estudante revela a importância da internet para acesso a conteúdo e para facilitar o processo de relacionamento. Mostrou, ainda, como ter acesso à internet pelo telefone ressignifica o tempo gasto na longa distância percorrida diariamente pelo estudante, com a transformação de um tempo que seria não produtivo para fins universitários em um tempo de acesso à cultura, a questões acadêmicas e manutenção de relações sociais.

Tanto no aspecto de socialização quanto no acesso ao conhecimento acadêmico, a internet possui atualmente um papel muito diferente do analisado pela professora Andreia Clapp em 2008. A autora narrou que os computadores começaram a fazer parte da vida acadêmica na década de 1990 e que o aluno clássico, o pagante da PUC-Rio, já tinha contato com esta nova tecnologia. Como a tese da professora foi escrita no período inicial da era dos computadores e da internet no meio acadêmico, apesar dos estudantes pagantes já terem acesso a esse instrumento, o bolsista precisava lidar com essa nova realidade. Atualmente, com a intensa popularização da informática, também os estudantes de baixa renda já possuem domínio dessas ferramentas. O que antes era um entrave, hoje é uma ferramenta que auxilia o bolsista nas suas atividades acadêmicas, no processo de socialização e na aquisição do capital cultural típico da universidade.

A juventude contemporânea é marcada pelas novas tecnologias que integram o mundo em redes globais. Castells (1999) destaca que o uso das novas tecnologias da informação é capaz de integrar o mundo em redes globais, com uma gama enorme de comunidades virtuais. Esta tendência social e política gera, através da comunicação mediada por computadores, comunidades virtuais, sem perder os significados e as identidades, ou seja, preservando os sujeitos participantes dessas relações, que compõem a sociedade da informação. O autor conceitua identidade como “o processo pelo qual um ator social se reconhece e constrói significado principalmente com base em determinado atributo cultural ou conjunto de atributos, a ponto de excluir uma referência mais ampla a outras estruturas sociais” (Castells, 1999, p.39).

Torna-se fundamental a compreensão das novas tecnologias como ferramentas produzidas e apropriadas socialmente, uma vez que incorporam e disseminam discursos sociais e políticos, cuja análise e interpretação não são uniformes ou padronizadas. São ferramentas, não simples veículos de disseminação de ideologias e sim construtores de identidades e concepções

culturais e políticas, marcando de forma primordial a juventude contemporânea, “dado que a tecnologia é a sociedade, e a sociedade não pode ser representada sem suas ferramentas tecnológicas” (Castells, 1999, p. 25).

O estudante universitário, independente de ser pagante ou bolsista, do século XXI já nasceu em um mundo informatizado e globalizado, é um nativo digital, conforme conceito de Marc Prensky (2001). A ruptura geracional já descrita citando Larrubia é analisada por Prensky pela dicotomia de linguagem entre os nativos e estrangeiros digitais. Mesmo o estudante bolsista possui acesso amplo à internet, o que favorece sua caracterização de nativo digital.

A internet pode ser interpretada como um catalisador que diminui as lacunas existentes na formação educacional e sociocultural do bolsista. A formação universitária não é realizada apenas pelo conteúdo formal de sala de aula, outros agentes são responsáveis por esta formação. A família, a Igreja, a cidade, o mar de informações que circulam na internet são elementos constituintes da profissionalização proposta pela universidade. O bolsista pode ter, por diversos motivos – como o grande tempo gasto na locomoção entre sua residência e a universidade ou a necessidade de trabalhar durante a graduação –, pouco tempo para usufruir dos elementos formadores que a universidade propõe em tempo fora de sala de aula. Elementos que os corredores, a participação em política estudantil e grupos religiosos proporcionam para o universitário. Percebemos que a internet pode contribuir para o preenchimento destas lacunas na formação integral do estudante bolsista contemporâneo.

2.3

Geração tombamento

*Já que é pra tombar... Tombei!
Bang bang.*

Karol Conka

*Ambição não é ganância
Mas, ninguém explicou na quebrada
Seja humilde, trabalhe, eles dizem
Siga firme e aguente a pancada
Não revide, nem duvide
Não se cuide, nunca mude
Seja isso e aquilo*

*Nunca dê vacilo e jamais seja rude
De todas as coisas que fiz
Desobedeci bem do jeito que pude
Todas as coisas que quis
Só me vi feliz quando tive atitude*

Tássia Reis

*Do Engenho Novo pra Austrália
Pronto pra batalha
Cabeça erguida sempre pra seguir
Se tentar nos parar, não é bem assim
Ficaremos mais bem fortes do que antes*

Iza

A cada época, a juventude costuma apresentar inovações, rompimentos de valores e costumes sociais. A natureza dos movimentos juvenis é sintetizada por Resende e Vieira quando dizem qual “a dupla natureza do movimento estudantil universitário: a expressão de uma contracultura e a identificação com um projeto político contestatário” (1992, p.134). Nessa perspectiva, analisamos uma nova expressão que foi diversas vezes citadas nas entrevistas, a chamada “geração tombamento”. Ímpar frisar que não estava no roteiro inicial da pesquisa analisar esta característica juvenil, apresentada por alguns entrevistados, entretanto demonstrou-se necessário não apenas pela grande quantidade de vezes que os estudantes usaram o termo, mas pela importância que eles dão aos seus “ídolos tombadores”. Mas, sobretudo, a inclusão desta seção foi porque identificou-se, através das entrevistas, que a atitude de “tombamento” é um artifício que colabora no processo de socialização e permanência universitária.

Procurando pela expressão “geração tombamento” na ferramenta de busca Google acadêmico, foram encontrados 32 resultados entre teses, dissertações e artigos científicos²⁹. É caracterizada como movimento cultural que utiliza a moda e a estética como ferramentas políticas para desconstrução de estereótipos de raça e gênero (cf. Santos, 2017). Jovens com forte presença em redes sociais e blogs buscam reafirmar o valor da estética, em especial a estética negra, como um ato político. Possuem como figuras representativas do movimento a rapper Karol Conká, Tássia Reis, Rico Dalassam e Liniker (Carneiro, 2017, p.39). “Lacradores” e “tombadores” são expressões utilizadas para se referir ao poder de

²⁹ Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?start=10&q=%22gera%C3%A7%C3%A3o+tombamento%22&hl=pt-BR&as_sdt=0,5 Acesso em: 2 fev 2019.

enfrentamento dos jovens contra o preconceito e reafirmam suas identidades, em especial nas redes sociais virtuais. Percebe-se a possibilidade de origem do termo *tombar* nas expressões oriundas das comunidades gays, denotando sinal de aprovação, no sentido de maravilhoso, algo surpreendente e que quebra padrões (Santos, 2017, p.27).

Segundo Nogueira e Domingos a expressão popularizou-se em 2015 com a música *Tombei*, da rapper Karol Conka, e a gíria *tombar* significa “causar boa impressão de um jeito surpreendente” (2017, p.6), também correspondendo a outras gírias como *lacrar* e *arrasar*. A “geração tombamento”, de acordo com os autores, é uma expressão utilizada para caracterizar a tendência da juventude insatisfeita com a falta de diversidade dos meios de comunicação tradicionais e que adota elementos da cultura popular afro-brasileira com símbolos. Esta forma de ressignificação de elementos estéticos, como pluralidade da cor da pele e do cabelo, é refletida nas escolhas de consumo dos jovens desta geração (Nogueira e Domingos, 2017, p.7-9). Um entrevistado, estudante de Arquitetura, apresenta o significado dessa expressão, quando perguntei: “o que mais contribuiu para sua permanência na PUC-Rio” ele respondeu:

Usar todos os recursos que a PUC oferece para me manter aqui, em especial o FESP. Mas acima de tudo não baixar a minha cabeça. Saber que agora este lugar é meu e desfilarei por ai lacrando tudo, o pilotis é meu palco, minha passarela. Eu cheguei chegando e agora é a minha vez. Se é para *tombar*, *tombei*. (Fábio)

Eu então falei: “essa é uma música, correto?” ele disse: “sim, a Karol Conka me inspira diariamente a *tombar* por aqui”. Continuei: “me explica o que é geração *tombamento*” e o graduando explicou:

Geração *tombamento* é a geração que sabe o que quer, que não se permite contentar com o que herdou. Eu quero, eu posso, e eu vou conseguir a porra toda. Ninguém vai me parar. E chegando lá eu vou abrir a porta para geral entrar comigo. Ninguém volta para a senzala, cozinha ou armário, não. Queremos transformar os lugares de poder e levar justiça social, igualdade e amor. Sobre tudo o amor. (Fábio)

Assim como outra e nova significação dos símbolos estéticos, percebemos que a geração *tombamento* também ressignifica a sua postura e lugar na sociedade. Percebe-se, na música de Tássia Reis em epígrafe deste capítulo e na pesquisa realizada, a busca por quebrar paradigmas estéticos e trajetórias sociais e

familiares. Perguntando para uma jovem universitária de 21 anos, negra, o que é geração tombamento, a resposta foi:

Geração tombamento é aquela geração que não tem medo de ser quem é, é uma geração que não liga para a opinião alheia e que faz aquilo que gosta sem a necessidade da aprovação dos outros. A geração tombamento é aquela geração que faz tudo com o coração e o melhor que pode fazer para o bem comum. É a geração que se preocupa com as questões atuais e os tabus antigos e faz de tudo para que a sociedade melhore, com mais empatia e respeito. (Bianca)

O próximo caso, de um estudante de comunicação, será norteador para exemplificar como um jovem “lacrador” rompeu os modelos sociais. Morador de Campo Grande, bairro da zona oeste distante 62 quilômetros da PUC-Rio, tem participação política importante na universidade como atuante em coletivos universitários. Jovem, negro, contestador, liderança estudantil, teve sua trajetória narrada em uma matéria do jornal *O Globo* de 21 de fevereiro 2018, com grande repercussão dentro e fora da universidade.

Na matéria, o estudante relata deboches e o choque ao entrar na universidade:

No meu caso, fui o único aluno negro em muitas aulas e também não tive professores negros. *Sempre* caímos na armadilha de ter uma história única. Sinto que as pessoas têm dificuldade de naturalizar a minha presença na sala de aula. *Seja pelas piadinhas com o meu cabelo, cultura, exotização do meu corpo, seja por deboche do lugar que vim.*³⁰ (O Globo, 14 mar 2018)

O estudante, após a publicação dessa matéria, teve uma aula interrompida para receber uma carta. “Já viram ataque racista por carta?” Essa foi a frase com que o estudante começou o relato sobre o ocorrido no Facebook. A carta trazia referência à estética do jovem, o que justifica o grifo que propus na citação da matéria do jornal. A carta gerou outra matéria no jornal *O Globo*³¹ e a seguinte publicação do estudante no seu Facebook, aqui reproduzida na íntegra:

Já viram ataque racista por carta? saiba o que #RonaldoRacista escreveu para mim. Para um universitário, todo começo de período é desafiador, mas nunca imaginei que receberia um ataque racista em forma de carta. Não é só na FGV que alunos negros são alvo. Estava em sala de aula e de repente uma funcionária da PUC-Rio bate na porta e chama meu nome. Ela me entregou uma carta que chegou pelo

³⁰ Os grifos são meus.

³¹ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/estudante-entrevistado-pelo-globo-alvo-de-racismo-em-carta-22487847> Edição 21 fev 2018.

Correio na instituição. Muito animado acreditei que poderia ser algo bom! Abri a carta e achei estranho ter uma folha de jornal. Lembrei da entrevista que dei recentemente para *O Globo* e imaginei que poderia ser uma repercussão positiva. Afinal, não existem muitos negros que fazem jornalismo na PUC.

Quando desdobrei o jornal recebi de peito aberto os golpes racistas. Fiquei em estado de choque e atordoado. Li e reli sem acreditar as seguintes frases: “Porra! cara, com um cabelo desses queria o quê?” E como se não bastasse, mais uma: “Ser preto nenhum problema, mas esse cabelo? PQP!”. A carta está assinada por um tal “Ronaldo Antunes”, com endereço de rua Baronesa 162, Praça Seca RJ, e foi postada cinco dias depois da publicação da minha entrevista no jornal *O Globo*.

O ataque racista por uma carta mostra ideias velhas que são muito atuais. Um museu de novidades! 130 anos depois da abolição da escravidão o corpo negro ainda é alvo de pedradas! #RonaldoRacista, qual é o problema do meu black? Pessoas como você existem aos montes. Já tive um supervisor que quando descobriu que eu morava na favela perguntou se eu escondia drogas no meu cabelo. Não quero ser taxado como perfil suspeito e nem ser apontado como maconheiro por assumir a minha identidade negra. Acredito em uma realidade em que a cor de pele e a fibra do cabelo não definam o potencial do ser humano. O #RonaldoRacista não é só um problema meu e sim da sociedade brasileira. (Publicação no Facebook do estudante em 12 de março de 2018)³²

Esse episódio foi narrado neste trabalho para demonstrar como um jovem, símbolo da geração tombamento, utiliza suas redes sociais como um instrumento de luta política e como o perfil politizado do universitário é constituído na contemporaneidade. Esse acontecimento também demonstra a importância da corporalidade na luta do universitário e como as suas expressões corporais são importantes formas de representação da sua luta. Na primeira matéria, o jovem relata como dificuldade as “piadinhas com o meu cabelo”, e o seu cabelo foi o principal argumento da carta racista recebida. O estudante alega, em outra matéria jornalística³³ que repercutiu o recebimento da carta racista, a importância do seu cabelo: “Qual é o problema do meu black? Para mim ele é power, identidade, ancestralidade, empoderamento, nunca um problema.” (Projeto Colabora, 2018).

Quando perguntado ao jovem o que contribuiu para a sua formação política a resposta foi: “Minha história, o lugar de onde vim e movimentos sociais”. Quando indagado sobre “quais movimentos sociais?”, a resposta foi: “Movimentos negros universitários, como o Coletivo Nuvem Negra da PUC-Rio³⁴”. Como já visto neste trabalho, a participação nos coletivos universitários

³² Esta publicação teve 2.535 reações, 333 comentários e 1.110 compartilhamentos até o dia 3 de março de 2019. A grande repercussão corrobora a influência nas redes sociais que este universitário, exemplo da geração tombamento, possui.

³³ Disponível em: <https://projetcocolabora.com.br/inclusao-social/33470/?fbclid=IwAR2PawyRsKMBi79soMshekkVijFNpYqOeXn-xjCQMT6LZOymtO88ApfDrg> Acesso em: 10 jan 2019.

³⁴ Informação da página do facebok do Coletivo Nuvem Negra: “Somos estudantes negras/os da PUC-Rio. Compartilhamos da resistência, afeto, da afirmação da identidade negra e, sobretudo, do combate ao racismo.” <https://www.facebook.com/coletivonuvemnegra/> Acesso em: 4 mar 2019

não é utilizada por todos os bolsistas como um expediente de auxílio no processo de socialização e de permanência universitária. Todavia, para esse jovem, a participação no coletivo Nuvem Negra foi importante para a sua consciência política e superação de dificuldades, como foi o caso da carta recebida. Ou, utilizando outra palavra típica dessa geração, para o seu “empoderamento”³⁵.

A geração tombamento não é produto de um único fator e sim de uma conjuntura política, social e econômica da atualidade. A disseminação das redes sociais possibilitou a propagação de diferentes estéticas, não apenas a determinante pelas grandes mídias televisivas. O Youtube, particularmente, contribuiu para a divulgação de novos artistas e suas estéticas. Novas referências políticas, de moda, música e estilo utilizaram o Youtube como ferramenta para chegar ao seu público. Maria Beatriz Barros esclarece que a geração tombamento é uma onda de orgulho negro que possui aspectos políticos, econômicos e de classe e que se utiliza das mídias sociais, em especial o Youtube, para sua disseminação. Como visto nos anos 1970 com os movimentos Black Power, em que o movimento político também mobilizava as artes, cultura e moda cotidiana (Barros, 2018).

Quando denominamos a geração tombamento, abordamos um aspecto que é muito próximo de alguns estudantes bolsistas da PUC-Rio. São jovens, muitos são negras e negros, que romperam com a tradição de sua família e ousaram ser os primeiros bacharéis de suas famílias. Carregam em si, no seu ativismo político e estético, as consequências da disseminação da internet, em especial as referências de militantes negros. Observa-se que muitos estudantes bolsistas não se enquadram nessa categoria de ser jovem da geração tombamento. Como visto também na introdução desta dissertação em referência aos coletivos universitários, em alguns casos, o bolsista escolhe não participar para não se diferenciar do contexto da sua turma. Da mesma forma, a atitude alinhada ao tombamento – incluindo os marcadores corporais e a utilização da internet como expressão política – não é constitutiva do comportamento de todos os estudantes bolsistas. As marcas da geração tombamento aparecem em alguns estudantes bolsistas e demonstram ser utilizadas como facilitadoras no processo de autoafirmação e de socialização.

³⁵ Para mais informação sobre este termo ver Baquero (2012).

Iza é ex-aluna bolsista da PUC-Rio, do curso de Comunicação, cantora de muito sucesso³⁶ e referência da geração tombamento com amplo trabalho nas mídias sociais. No dia 21 de junho 2018, a cantora lotou o auditório Padre Anchieta na PUC-Rio³⁷ com a plateia repleta de estudantes – em especial os integrantes do Coletivo Nuvem Negra. O sucesso da cantora e a enorme repercussão de sua presença na instituição corroboraram a necessidade desta dissertação em abordar a expressão “geração tombamento”.

³⁶ Maiores informações: <http://www.warnermusic.com.br/artista/iza/> Acesso em: 4 mar 2019.

³⁷ Disponível em: http://jornaldapuc.vrc.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from_info_index=28&inoid=9549&sid=29 Acesso em: 4 abr 2019.

*Já me fiz a guerra
Por não saber
Que esta terra encerra
Meu bem-querer
E jamais termina
Meu caminhar
Só o amor me ensina
Onde vou chegar*

Paulinho Tapajós

No capítulo anterior, buscou-se apresentar as diversas características da juventude contemporânea e neste capítulo as seções almejam aproximar-se dos diferentes aspectos dos bolsistas filantrópicos da PUC-Rio. Aqui, a diversidade dos jovens será apresentada através de uma lente que mostra que compõem um microuniverso dentro de um ambiente ainda mais plural. Um importante aspecto desta dissertação é a pesquisa realizada com inspiração etnográfica junto aos universitários da PUC-Rio. Com base na pesquisa e na análise bibliográfica, reflete-se sobre as trajetórias e as estratégias destes universitários que estão neste momento tão importante da sua carreira e do seu projeto de vida.

Inicialmente, examina-se o *ethos* da PUC-Rio, instituição na qual os estudantes desta pesquisa estão inseridos. Em seguida propõe-se que o estudante bolsista seja o outro estudante, o não tradicional, inspirado na mobilização de conceitos da literatura feminista.

O ponto seguinte é perceber que esses universitários vivenciam inúmeros processos de ruptura em suas trajetórias de vida, pois em suas famílias, em geral, não há o legado de pertencer ao espaço acadêmico. As consequências de serem os primeiros bacharéis³⁸ em suas famílias se fazem mais presentes do que nunca nesta etapa da vida. Logo, em suas comunidades de origem não há todos elementos necessários para a concretização de seus projetos individuais. Conhecer

³⁸ A bibliografia consultada e o cotidiano universitário demonstram que a maioria dos bolsistas são os primeiros bacharéis da família. E grande percentual dos que não são os desbravadores do mundo acadêmico foram precedidos por familiares que cursaram faculdades a distância ou noturnas, com pontuação inferior no ENADE (Exame Nacional de Desempenho de Estudantes) do Ministério da Educação.

as estratégias desse jovem na negociação com outros grupos sociais e as consequências dessas interações é um dos objetivos desta pesquisa. Certamente os lados envolvidos nessa relação são afetados em seus valores, condutas e hábitos.

Cabe ressaltar que entende-se a construção do sujeito inspirada nos ensinamentos de Erving Goffman (1975), quando se utiliza da construção da metáfora teatral. Em cena, o sujeito é um ator e um personagem simultaneamente, composto por um conjunto de marcas que as pessoas, cenários ou organizações imprimem em sua composição. Esta diretriz irá conduzir este capítulo da dissertação.

3.1

A PUC-Rio: “nós ficamos mais ricos com a entrada dos pobres”

*Juntas nós afirmamos
Criamos e transformamos
Sabemos que a renovação é parte do plano
Acreditamos que o progresso tá no coletivo
E que o sucesso verdadeiro é um sincero sorriso
Aha, uhu
O rolê é nosso
O mundo é meu
Eu sonho, eu faço, eu posso*

Karol Conká

A PUC-Rio foi fundada em 1941 por D. Sebastião Leme e pelo padre jesuíta Leonel Franca e desde o início foi administrada pela Companhia de Jesus (a mesma ordem religiosa do papa Francisco). Em 2014, passou a ser denominada instituição comunitária, ou seja, universidade cujos fins estão voltados, além da educação, aos serviços sociais e à comunidade. As instituições de ensino superior denominadas como comunitárias são sem fins lucrativos, de direito privado e desenvolvem projetos de filantropia, voluntariado e assistência social (Veiga, 2012, p.10).

A PUC-Rio está situada na Gávea, bairro de classe média alta do Rio de Janeiro. Percebe-se, na sua proposta institucional, o objetivo de ser um agente transformador da sociedade através da valorização do pluralismo cultural, o que é coerente com o “projeto educacional comum (PEC)” das universidades confiadas à Companhia de Jesus na América Latina. No PEC, está explícita a adoção da

pedagogia inaciana na universidade, que seria o espaço onde o jovem e o adulto se preparam para a inserção no mundo do trabalho, numa sociedade dominada pela ciência, pela técnica e pela chamada “economia do conhecimento” (Ivern, 2007, p.43).

Ivern caracteriza, como identidade cristã, a formação integral dos seus estudantes, uma formação que cultive de modo harmônico e equilibrado todas as dimensões da pessoa humana:

A formação integral, além de constituir uma das características mais marcantes da tradição educacional da Companhia de Jesus, é também uma das exigências de uma antropologia cristã e de uma educação que se inspire nesta antropologia. (...) A missão da universidade é essencialmente questionadora, crítica do contexto plural em que se desenvolvem as suas atividades, para poder assim contribuir para transformá-lo e melhorá-lo. (2007, p.43)

Coerente com essa primeira missão e virtude, o marco referencial da PUC-Rio³⁹ evidencia que toda a comunidade acadêmica deve contribuir para a construção de uma nação mais justa e livre, erradicando o analfabetismo, a miséria e a injustiça social. Por ser uma universidade comunitária, a PUC-Rio vem implementando uma política de ação afirmativa desde 1994 (Salvador, 2008, p.79) coordenado pela Vice-reitoria Comunitária (VRC)⁴⁰, destinada aos alunos que comprovem a necessidade de benefícios, considerando a situação socioeconômica de seu grupo familiar⁴¹. O programa de bolsas é dividido em: bolsas filantrópicas, Prouni, bolsas PUC e auxílio FESP. Todas as bolsas concedidas pela VRC são precedidas de análise econômica da família do estudante e são destinadas para a primeira graduação. Há condições especiais para os cursos: Ciências Biológicas, Ciências Sociais, Filosofia, Geografia, História, Letras, Pedagogia, Teologia e Serviço Social.

A PUC-Rio utiliza seu programa de bolsas com o objetivo de favorecer o acesso de camadas populares da sociedade aos cursos de graduação, prioritariamente estudantes oriundos do Pré-Vestibular para Negros e Carentes (PVNC). O PVNC é caracterizado por Andréia Clapp Salvador como um novo

³⁹ Disponível em: <http://www.puc-rio.br/sobrepuc/marcoreferencial/principal.html> Acesso em: 2 mar 2019. Acesso em 4 nov 2018.

⁴⁰ Além dessa, a PUC-Rio possui outras 3: Vice-reitoria para Assuntos Acadêmicos, Vice-reitoria para Assuntos Administrativos e Vice-reitoria para Assuntos de Desenvolvimento.

⁴¹ Informações retiradas do site <http://www.puc-rio.br/vrc/cba.html> Acesso em 3 de mar de 2019.

movimento social⁴² de educação popular voltado para a inserção de estudantes de grupos populares e discriminados (2008, p.63) e que busca inserir uma classe popular na concepção do “direito a ter direitos” (2008, p.65). A autora relata, com uma precisa análise na construção histórica da parceria do PVNC com a PUC-Rio⁴³, a atuação do líder franciscano Frei Davi na conquista de vagas para os estudantes oriundos do PVNC que ingressassem na PUC-Rio a partir do ano de 1994 (2008, p.72) e as participações da professora da PUC-Rio Luiza Helena Nunes Ermel⁴⁴, do vice-reitor comunitário professor Augusto Sampaio⁴⁵ e do reitor Pe. Jesus Hortal Sanchez⁴⁶ (2008, p.88). Esses atores promoveram a modificação no perfil do corpo discente da PUC-Rio com a implementação da política de bolsas e “enriqueceram” a universidade. A esse momento histórico se refere à frase que está no título deste subcapítulo: “nós ficamos mais ricos com a entrada dos pobres”⁴⁷.

O estudo de Andreia Paiva⁴⁸ (2017) esclarece com números como é o sistema de bolsas da PUC-Rio. A autora demonstra que, em 2017, 48% (6.051) dos matriculados na graduação possuíam algum tipo de bolsa e 52% (6.496) encontravam-se sem bolsa (Paiva, 2017, p.10).

⁴² Para mais sobre novos movimentos populares ver Gohn.

⁴³ Para mais informação sobre PVNC e a gênese da parceria com a PUC-Rio ver Salvador, 2008.

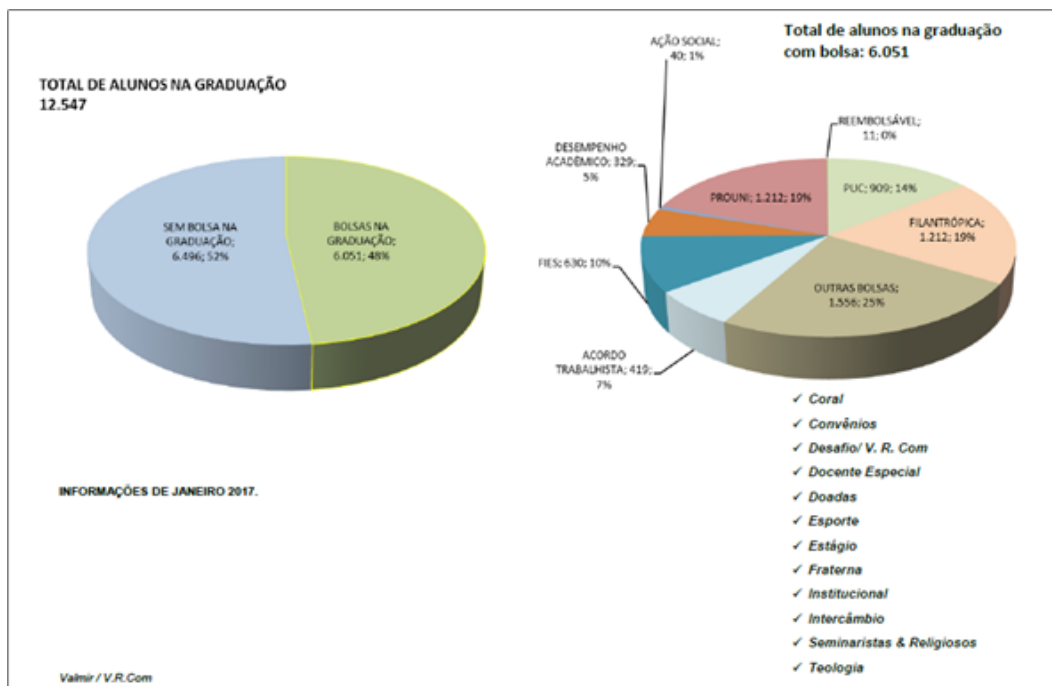
⁴⁴ Professora de Serviço Social da PUC-Rio de 1978 até 2017.

⁴⁵ Vice-reitor comunitário desde 1993.

⁴⁶ Reitor da PUC-Rio de 1995 até 2010.

⁴⁷ O autor dessa frase é o Coordenador da Pastoral Universitária Anchieta, da PUC-Rio, Abel de Sousa, e ela é usada constantemente como elemento motivacional de sua equipe de trabalho.

⁴⁸ Funcionária da VRC e pesquisadora sobre o retorno dos universitários aos seus bairros de origem.



Fonte: PUC-Rio, Vice-reitoria para Assuntos Comunitários, Controladoria Administrativa-Financeira / Sistema de Gerência Universitário (Paiva, 2017).

A autora narra a seguinte vivência sobre a inserção do bolsista na PUC-Rio: “A experiência de contato direto com esse perfil estudantil apresenta-se como um desafio para a PUC-Rio como um todo, pois sua clientela habitual, até então, tinha um perfil de classe média e alta, com demandas diversas a desses ‘novos’ bolsistas” (Paiva, 2017, p. 11).

Andréia Paiva diz que 48% dos estudantes matriculados são bolsistas, mas podem possuir diferentes percentuais de desconto e modalidades de bolsa. Em contato com a VRC solicitando informações sobre a quantidade de bolsistas em cada modalidade no ano de 2019, obteve-se a seguinte informação por e-mail:

- 1.253 estudantes matriculados com bolsa Prouni (todos com 100% de desconto da mensalidade);
- 1.050 estudantes com bolsa Filantrópica (710 com 100% de desconto da mensalidade, 174 com 50% de desconto da mensalidade; e 166 com diferentes percentuais de desconto de mensalidade;
- 1.148 estudantes beneficiados com Bolsa PUC - com diferentes percentuais de desconto.

A política de concessão de bolsas vem sofrendo diversas alterações desde a sua criação. Começou de forma muito precária e tímida (Salvador, 2008 p.69), conseguiu ampliar sua atuação com as bolsas do Prouni e atualmente vê o número de beneficiários diminuindo. Ainda não é possível a análise numérica desta diminuição, mas reconhece-se a crise econômica pela qual todas as instituições de ensino do tipo comunitário estão passando e a PUC-Rio tem neste ano de 2019 um marco na redução das bolsas filantrópica. Apesar de não possuir os números da contração de bolsas, essa contingência já está documentada no livro *Reflexões do mundo universitário* do atual reitor, Pe. Josafá Carlos de Siqueira

Se olharmos a história recente, vamos perceber que, mesmo com o crescimento do número de cursos e alunos, a PUC-Rio procurou ser fiel à sua marca identitária, realidade demonstrada pelos números e balanços sociais, disponíveis a toda a comunidade universitária e à sociedade. Mesmo com a revisão da política de bolsas, feita em razão de equilíbrio financeiro, procuramos manter um índice elevado delas, atingindo hoje quase a metade dos alunos de graduação, e não abrindo mão da nossa responsabilidade social no processo de inclusão educacional. (Siqueira, 2017, p.113-4)

Apesar da conjuntura atual, a PUC-Rio prossegue como universidade comunitária, com reconhecido prestígio e procurando crescer em qualidade do ensino e aumentando as atividades de pesquisa (Siqueira, 2018, p.25). As consequências para o estudante bolsista da recente crise financeira poderão ser estudadas em um futuro projeto.

3.2

As faces dos bolsistas: a percepção através da relação

Assim como a instituição mudou com a inserção dos estudantes de baixa renda, eles também tiveram, obviamente, a sua vida totalmente transformada por ocupar o espaço universitário. Incluem-se também como beneficiários dessa mudança institucional os estudantes não bolsistas, os pagantes – ou tradicionais (Salvador, 2008) – da universidade. A carta de Marielle Franco⁴⁹ dirigida aos alunos no lançamento do Coletivo Bastardos da PUC, em 6 de dezembro de 2016, explicita a questão, quando diz que “viver a PUC-Rio é quase uma missão política e social, já que o processo pedagógico é uma via de mão dupla: quando nos transformamos, modificamos também tudo e todos à nossa volta”. Esta seção

⁴⁹ A carta está reproduzida no Anexo 1.

propõe analisar o perfil – ou melhor, os perfis, tendo em vista a multiplicidade característica da juventude – dos estudantes bolsistas da PUC-Rio.

Os estudos de Salvador (2008) e Dauster (2003) utilizam os conceitos de “estabelecidos e *outsider*”⁵⁰ de Norberto Elias para comparar os estudantes tradicionais e os bolsistas da PUC-Rio. Parece uma interessante chave introdutória para abordar esses sujeitos, por começar através da sua relação de alteridade. A relação entre os estudantes de diferentes classes sociais gera ganhos para as partes envolvidas, mas gera também estranhamento que pode provocar diferentes violências, principalmente para a parte mais frágil da relação (Elias; Scorson, 1994).

Classificar como estabelecidos os alunos pagantes e como *outsiders* os estudantes bolsistas é uma forma de entender essa relação. A conexão entre os estabelecidos e os *outsiders*, segundo Elias, pauta-se por uma interdependência entre os termos prescritos pelos estabelecido, estipulando uma autoimagem que legitimaria sua sensação de superioridade, garantido um equilíbrio instável de poder. Este relacionamento projeta aos *outsiders* o estigma imposto em sua autoimagem (Elias; Scorson, 1994).

A política de bolsas, como toda política afirmativa, se propõe a inserir o sujeito que historicamente é excluído dos direitos sociais, e a apreensão do conceito “estabelecidos-*outsiders*” se torna uma chave importante para a análise destas políticas (Salvador, 2008, p1116). Um entrevistado, matriculado no curso de Comunicação, de 23 anos, quando interpelado: “Como foi sua entrada na PUC?” respondeu:

Depois que entrei na universidade busquei me adaptar a uma realidade totalmente oposta à minha. O que mais me impressionou não foi a diferença econômica entre mim e eles, mas as oportunidades que cada um teve ao longo da vida. *Para minha família, foi um marco eu escolher jornalismo e entrar em uma universidade como a PUC-Rio. Isso não estava escrito em minha história*, sinto que a todo momento as condições dizem que aquele não foi um lugar pensado para pessoas como eu. O primeiro período foi desafiador, porque me sentia atrás dos alunos pagantes. *Para melhorar o meu psicológico pensei qual era o meu diferencial ali dentro*. Cheguei à conclusão que *era a história que carrego comigo*. Se eu fizer uma linha da minha trajetória, ela terá uma curva de crescimento muito maior que a de qualquer aluno pagante. Isso me fez encarar o jornalismo como uma profissão possível. Hoje tenho mais coragem de competir nesse mercado tão desigual.⁵¹ (Leandro)

⁵⁰ Tradução de *outsider*: estrangeiro, forasteiro, intruso. Cf. disponível em: <https://www.linguee.com.br/portugues-ingles/traducao/intruso.html> Acesso em: 28 mar 2019.

⁵¹ Os grifos são meus.

Na narrativa acima, em especial nos grifos, pode-se constatar como o universitário percebe que aquele não era o seu lugar e como o fato de ser *outsider* o impactou psicologicamente, e influenciou em sua autoestima. Outro aspecto deste relato que é importante ressaltar é característica do aluno bolsista em se referir a si mesmo por princípios de classificação que valorizam o amadurecimento, o esforço e a dedicação de quem “está ali para o tudo ou nada” (Santos, 2012, p.786).

Ainda sobre a narrativa desse bolsista, é importante a análise sobre a interação entre o bolsista e o estudante pagante, quando ressaltar que a distância não é apenas no nível econômico, mas de oportunidade. Todavia, é relevante frisar que o estudante bolsista é também um sujeito que conseguiu, em especial o primeiro bacharel da família, romper um espaço social e educacional em relação aos seus familiares. Pode também acontecer um rompimento com os que a princípio eram seus pares sociais, relegando o bolsista a um isolamento social, sendo ele sempre o *outsider* da relação.

A resposta da estudante Liliane, já apresentada nesta pesquisa, à pergunta: “O que acha que você tem de positivo e de negativo em relação a sua turma, em especial aos pagantes?” resalta esse aspecto:

Algumas pessoas acham que podem tudo, sabe? Que são melhores que os outros porque têm melhores condições. Enfrentei alguns preconceitos porque era a mais velha nas turmas, parecia que eu não sabia nada, nem o porquê de eu estar ali. Como se houvesse fracassado na vida. Sempre me senti meio excluída, mas também aprendi muito e fiz bons amigos, entre pagantes e não pagantes. (Liliane)

Já o estudante de Química, que no segundo semestre de 2018 estava no 2º período, quando questionado com a mesma pergunta, respondeu:

Alguns pontos positivos são que recebemos o mesmo tratamento em sala de aula, passamos pelos mesmos problemas com as matérias em geral, isso com a minha turma.

Alguns negativos é que percebo que alguns alunos pagantes não dão o devido valor ao estudo, ao quanto aquela vaga pode fazer diferença pra alguém que deseja mudar seu futuro de verdade. (Michel)

As narrativas acima somam-se ao relato da estudante que cursava Design, no 2º período. Ela foi muito perspicaz ao analisar a conjuntura, quando respondeu

à pergunta formulada: “O que você acha que tem de positivo e de negativo em relação à sua turma, em especial aos pagantes?”

Por incrível que pareça eu vejo muito mais pontos positivos que negativos. Sobre destacar-se como aluna e valorizar o mundo que é a vida universitária e a PUC... Muitos dos meus colegas não valorizaram a rotina de estudos e o que a faculdade oferece, o que pra mim é ótimo [risos]. (Angélica)

Continuando a entrevista, uma nova indagação foi feita: “Qual a principal diferença entre bolsista e não bolsista?”

Alienação. [risos] A galera não valoriza o dinheiro que seus responsáveis pagam mensalmente, e é muito dinheiro! Eles não se esforçam tanto nos trabalhos e nem com o aprendizado em si. Eu que ganho com este convívio! (Angélica)

Mais uma questão: “E este convívio é como?”, que teve como resposta:

É muito positivo o convívio, pois a galera é muito intelectual e saca muito de vários assuntos. Sem contar o *networking* que me proporciona conhecer várias pessoas interessantes nesse mundo zona sul. [tempo que a estudante pareceu se concentrar, com importante mudança de tom de voz, tornando-a mais forte] Tenho um mantra diário que é não esquecer da minha consciência de classe! [retorno ao tom de voz inicial, após outra pausa] Mas não posso negar que não me aproprio dos espaços e me faço inserida sim, sempre que tenho a oportunidade. Eu vi que muitas pessoas do ciclo design tem a consciência e a cabeça muita boa, eles só não são afeitos a causa e toda a problemática que envolve os nossos distanciamentos sociais. (Angélica)

A descrição da estudante corrobora a nomeação desta seção, pois para inferir quem é este estudante é necessário entender quem é o universitário tradicional da PUC-Rio. Dessa relação entende-se melhor cada um dos sujeitos⁵². Relevante também assinalar que a estudante está no começo do percurso universitário, mesmo assim já se percebe grandes mudanças na sua percepção dos fatos a partir do seu relato. A entrevista continuou indagando quais eram os pontos positivos que os bolsistas possuíam em relação aos pagantes. A resposta:

Olha só... Outro ponto positivo é que devido a falta de interesse deles [os alunos pagantes], eu sempre consigo me destacar. Porque eu sei da dificuldade que foi entrar ali e por isso faço valer a pena todos os dias. Por mais que seja um discurso negativo, do tipo eu estou me destacando devido ao fracasso de outros, eu vejo que o distanciamento de “meritocracia” [aspas colocadas com mãos pela estudante durante sua fala] se dá a partir daí. Eu tenho a oportunidade de mudar toda uma dinâmica social de várias gerações da minha

⁵² A Teoria do Ator-Rede (LATOUR, 2012) também contribui para corroborar esta hipótese.

família e eles só estão dando continuidade ao privilégio que eles possuem.
(Angélica)

Além da dificuldade de ter acesso ao mundo universitário, os jovens bolsistas enfrentam obstáculos para assegurar sua permanência. A PUC do Paraná publicou uma precisa análise sobre o acesso e a permanência de jovens bolsistas no ensino superior. Apesar de ser um estado distante, as realidades muito se aproximam. Os organizadores do trabalho listam como exemplo de dificuldade a necessidade de conciliar estudo e trabalho, insuficiência de recursos financeiros para custeio de atividades correlatas; tempo excessivo nos deslocamentos urbanos e tempo insuficiente nos estudos. O estudo conclui que a oferta gratuita de vagas por si só não assegura a permanência e o bom rendimento do estudante (Incerti; Paula; Geber, 2018, p.9).

Percebe-se, no departamento de Serviço Social da PUC-Rio, uma tradição no estudo da permanência estudantil, além dos estudos já citados da professora Andréia Clapp Salvador, as pesquisas de Pereira (2016), Paiva (2017), Magalhães (2013), Rodrigues (2008) e Menezes (2012). Esses trabalhos não se limitam aos universitários da PUC-Rio e refletem a preocupação da instituição sobre a permanência estudantil.

No departamento de Ciências Sociais da PUC-Rio, a aproximação ao tema foi realizada nas pesquisas de Larrubia (2016), Tabac (2012), Silva (2009); e Reyes Sánchez (2018), indicando a pertinência desta dissertação em olhar a permanência estudantil com o olhar das Ciências Sociais.

Verifica-se que a PUC-Rio possui um ineditismo na concessão de bolsas para estudantes carentes (Salvador, 2008). E, para acolher esse estudante, a universidade tem alguns programas para garantir a sua permanência e a qualidade de seus estudos. Só oferecer a bolsa não é suficiente para garantir o diploma, e um diploma alcançado com a mesma excelência acadêmica que pagantes obtêm. A PUC-Rio, em diversos aspectos, já adaptou-se a essa nova realidade, porém percebe-se que há ainda um longo caminho a seguir. Ressalta-se que não é apenas a realidade dessa universidade e sim de todo o ensino superior após a implementação da política de bolsas. As universidades federais e estaduais estão traçando percursos de adaptação aos estudantes pobres pois, apesar de serem públicas, o público pobre não era usuário dessas universidades antes das políticas de ação afirmativa. Logo, quando se ressalta, neste estudo, as dificuldades

enfrentadas pela PUC-Rio não se afirma, de forma alguma, que são dificuldades exclusivas desta universidade e sim um preço que ela paga por ter sido a pioneira, no Brasil, na política de concessão de bolsas filantrópicas para estudantes de baixa renda.

3.3

Ser bolsista: o outro estudante

Quando classificamos um universitário como bolsista, pensamos em quem não é bolsista, é apenas universitário, e entendemos que o bolsista é o outro. Simone de Beauvoir esclarece a categoria de outro apontando que as relações que os homens mantêm com as mulheres é de submissão. Em que as mulheres não são caracterizadas por si mesmas, mas em relação ao homem e através do olhar do homem.

Nesse sentido, Grada Kilomba analisa a mulher negra como o outro do outro, em uma posição social de dupla alteridade em uma sociedade racista e machista. Já Patricia Hill Collins analisa a posição de subalteridade da mulher negra cunhando o termo *outsider within*⁵³. Segundo a autora, a mulher negra ocupa uma posição social fronteira, em espaços ocupados por grupos com poder desigual, em que ela sempre está sujeita a uma posição inferior. É quando a mulher negra frequenta um ambiente – seja ele a academia, os movimentos feministas seja o das famílias como empregada doméstica - mas não é considerada como sujeito pertencente.

Collins (apud Ribeiro, 2017) aponta que é necessário aprender a tirar proveito do lugar de *outsider* por proporcionar um ponto de vista com amplo espectro, permitindo às mulheres negras pensarem novas fórmulas de sociabilidade, possibilitando a elas a visão do lugar de potência que poderiam alcançar. (Ribeiro, 2017 p.39-45). Essa análise de Patricia Collins inspirou a forma com que a investigação sobre os bolsistas foi realizada neste trabalho.

Não existe um nome para chamarmos o estudante que paga a faculdade. É o universitário “apenas”. Nesta dissertação e em outros trabalhos, é necessário que seja possível distingui-los, apesar dos termos utilizados nesses escritos não serem usuais na linguagem oral do cotidiano da universidade. Ora referimos a eles como

⁵³ Tradução nossa: “forasteira de dentro”.

“estudantes pagantes”, ressaltando o aspecto econômico da relação; ora utilizamos o termo “alunos tradicionais” ou “clássicos”, como descrito na tese de doutorado de Andréia Clapp Salvador (2008), ressaltando o aspecto de novidade da presença do bolsista na PUC-Rio. Importante evidenciar que são termos utilizados apenas em trabalhos acadêmicos, pois no cotidiano universitário não ocorre essa nomeação.

O estudante universitário, independente de ser tradicional ou bolsista, do século XXI já nasceu em um mundo informatizado e globalizado, é um nativo digital, conforme conceito de Marc Prensky (2001). A internet, como já visto no capítulo anterior, pode ser interpretada como um catalisador que diminui as lacunas existentes na formação educacional e sociocultural do bolsista. Mesmo o estudante bolsista possui acesso a internet, o que favorece sua caracterização como nativo digital.

Segundo Gloria Teles, que analisou universitários da PUC-Rio, os jovens são sensíveis aos problemas sociais que assolam o país, às práticas solidárias, à valorização da família e à relativização da religião. A autora analisa a entrada na universidade como um rito, caracterizado por uma diferente busca de religiosidade, em que os elos institucionais tradicionais, como igreja e família, são desvinculados dessas instituições. O jovem busca sua identidade em redes de interesses próprios (Teles, 2007, p.124-6).

A busca pela afirmação da autoidentidade dentro do ambiente universitário gerou a criação do coletivo universitário “Bastardos da PUC”. O nome do coletivo é referência à consagrada expressão “filho da PUC”, que designa os estudantes da universidade. No dia do lançamento do coletivo, quando Marielle Franco leu a carta, foi lançada a página no Facebook, em que explica que o coletivo surge da:

necessidade de pontuarmos nossas pautas e reflexões para garantir e ampliar a permanência estudantil, a qualidade da vida acadêmica, a visibilidade de casos de preconceito dentro da universidade e a produção de redes de empoderamento e articulação de alunos periféricos na PUC-Rio, uma universidade fincada na zona sul do Rio e rodeada pelo m² mais caro do Brasil. (Bastardos da PUC)⁵⁴

Para o bolsista, adquirir o capital cultural (Bourdieu, 1998) que a universidade espera dele enquanto estudante é um desafio, assim como conseguir manter as notas boas. A utilização da internet tende a facilitar este conflito entre o

⁵⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/bastardosdapuc/> Acesso em: 29 fev 2019.

capital cultural que a faculdade espera e o que o bolsista adquiriu em seu meio familiar e social. Se estes fossem os únicos desafios já seria muito, mas somam-se ainda a falta de dinheiro, alimentação insuficiente, distância da residência, falta de conhecimento pela educação precária recebida no ensino público e a necessidade de trabalhos paralelos. Nas próximas seções iremos contemplar as dificuldades enfrentadas pelos estudantes bolsistas e suas formas de mitigá-las.

3.4

Estratégias e táticas: artifícios de ser bolsista

*Eu só peço a Deus
Um pouco de malandragem
Pois sou criança
E não conheço a verdade
Eu sou poeta e não aprendi a amar*

Cazuza e Roberto Frejat

O objetivo desta seção é desenvolver conceitos importantes para a construção da dissertação. Percebemos que a forma com que o bolsista ultrapassa as dificuldades pode ser nomeada com diversas palavras, como estratégia, tática ou astúcia, que indicam diferentes significados para a ação da permanência estudantil. Buscar-se-á, utilizando a bibliografia das Ciências Sociais, decompor esses conceitos, assim como utilizar as entrevistas para evidenciar a percepção que os bolsistas possuem destes mecanismos.

Michel de Certeau realiza uma reflexão sobre a vida cotidiana e o homem ordinário, nomeado pelo autor de “herói anônimo” (2005, p.57). Para a análise, utiliza a “teoria das práticas cotidianas para extrair do seu ruído as maneiras de fazer”, captando das ações a título de resistências à produção sociocultural (Certeau, 2005, p.17). O pressuposto é que a vida cotidiana são os lances táticos e situacionais que informam as artes de fazer (Leite, 2010, p. 745), tornando visíveis as resistências do sujeito comum. Essas resistências criam liberdades e deslocam as fronteiras de dominação.

Certeau esclarece que estratégia é uma ação formalmente estabelecida por mecanismos instituídos de poder que controlam determinada ordem social. Estratégia necessita de um lugar, um “próprio”, para que possa “gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças – os clientes ou os concorrentes, os

inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos de pesquisa etc.” (2005, p.99).

Já tática, segundo o autor, tem uma ideia de inferioridade é a “arte dos fracos”. É a ação calculada que é determinada pela ausência do poder, é a ação calculada determinada pela ausência “de um próprio”, que nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia (Certeau, 2005, p.100 e 101). Se as estratégias são capazes de produzir realidade e impor a sua vontade, as táticas só permitem utilizar os mecanismos criados, manipulando-os e, no máximo, alterando-os. “A estratégia é a ciência dos movimentos bélicos fora do campo de visão do inimigo; a tática, dentro deste” (Büllo apud Certeau, 2005, p.329).

É importante ressaltar que o estudante bolsista está em um não lugar que lhe permite mobilidade e diferentes entendimentos sobre a conjuntura e os sujeitos de sua rede. Este não lugar permite que ele possa usar a astúcia, que segundo entendimento de Michel Certeau é a habilidade de mobilidade através das falhas existentes no sistema que o indivíduo consegue vislumbrar e aproveitar, estando sob vigilância mas utilizando o elemento surpresa (Certeau, 2005, p.101)

A forma com que o bolsista atua na universidade para a sua permanência e obtenção do diploma pode ser concebida através dos três conceitos descritos anteriormente: estratégia, tática e astúcia. Poderia ser classificada imediatamente como tática a sua forma de agir, por sua relação com o universitário tradicional. Todavia, esta análise não levaria em conta sua relação com os sujeitos do seu meio de origem. Se o bolsista é geralmente o primeiro bacharel de sua família e não possui entre seus vizinhos de bairro colegas universitários, ele pode ser visto como um possuidor do “poder saber”, que é uma característica dita por Certeau como necessária para ser um agente de estratégia. O universitário pode criar realidades, produzir e impor o seu projeto de vida em uma realidade que não estabelecia aquele destino (Certeau, 2005, p.102).

Não há de se perder de vista, porém, o lugar de subalteridade em que o bolsista se encontra, como já dito, o universitário é o outro, o não tradicional. Quando é introduzido na universidade aquele lugar não lhe é habitual, muito diferente do estudante pagante que tem em seus amigos e familiares verdadeiros informantes dos códigos daquele lugar. A falta de compreensão do lugar, suas regras e códigos o colocam num lugar sem poder, sem conhecimento. Aprender as regras do local, ser afiliado – no sentido que aplica Alain Coulon – é fundamental

para que o seu lugar possa ser alternado e suas atitudes dentro do espaço universitário possam passar de táticas para estratégias. Enquanto na prática não há uma racionalização, na estratégia o conhecimento é pré-requisito e produz uma consequência transformadora. Podemos perceber também que o estudante bolsista possui – e reconhece, como veremos no próximo item dessa dissertação – vantagens em relação ao estudante pagante. Vantagens que permeiam habilidades emocionais, sociais e de experiência de vida que contribuem de forma direta e indireta para o sucesso acadêmico.

Permeando esta complexidade, a informalidade se mostra pertinente para a atuação do estudante bolsista. Muitas vezes ele demonstra ter mais “atitudes tombadoras” que o estudante tradicional, permitindo que possa enfrentar as burocracias institucionais com criatividade e ousadia, muitas vezes mobilizando a rede de contatos composta de amigos e apoiadores. As relações e socializações demonstram-se fundamentais para o estudante, para que ele possa, com sua personalidade e habilidade social, conhecer e conquistar o espaço universitário. A rede social, em especial dentro da universidade, contribui para a que o sucesso do indivíduo possa ser resultado do metabolismo e vitalidade dos seus membros.

A resiliência demonstra ser uma peculiaridade essencial no cotidiano, com a utilização de habilidades sociais que demonstram a astúcia do estudante, que buscam saídas – muitas vezes com base na informalidade – para enfrentar as dificuldades do cotidiano. A reatividade na busca de soluções para a permanência estudantil, com resoluções de problemas essenciais como transporte e alimentação, é demonstrada na resiliência em relação aos diversos desafios apresentados.

Tática, estratégias e astúcias revelam ser formas sutis, microrresistências perante o que é imposto. Possibilitam, ao universitário bolsista, a sobrevivência por meio de práticas que “burlam” as regras ou que encontram lacunas existentes (Bernardo, Shimada, Ichikawa, 2015, p.62). Ambos os conceitos possuem, em sua função, características comuns que podem ser utilizadas como mecanismos táticos de permanência estudantil.

3.5

Aspectos favoráveis e desfavoráveis em ser bolsista

*É triste ver esse homem, guerreiro, menino
Com a barra de seu tempo por sobre seus ombros
Eu vejo que ele berra, eu vejo que ele sangra
A dor que tem no peito, pois ama e ama
O homem se humilha se castram seus sonho
Seu sonho é sua vida e vida é o trabalho
E sem o seu trabalho, o homem não tem honra
E sem a sua honra, se morre, se mata*

Gonzaguinha

É excepcional a modificação que a vida do estudante sofre ao entrar no ambiente universitário, seja ele pagante ou bolsista. Porém, o estudante pagante, em especial na PUC-Rio, universidade com altas mensalidades⁵⁵, geralmente possui uma família em que o diploma universitário já compõe o patrimônio sociocultural. O que é diferente do estudante bolsista, geralmente o primeiro universitário da família. Ademais, os estudantes bolsistas não possuem, em geral, recursos financeiros para suprir as dificuldades, como aula particular, livros e apoio psicopedagógico. Em parte, a instituição intervém nessa lacuna, como o serviço de orientação psicopedagógica específica para os cursos de Engenharia e o Núcleo de Orientação Psicopedagógica (NOAP), do departamento de Educação, que auxilia no processo de organização da rotina universitária de estudos (Paiva, 2017). Além dessas iniciativas, do FESP e dos projetos “Ponto e vírgula” e “Saber solidário”, ambos da Pastoral Universitária⁵⁶, muitos outros projetos foram citados pelos estudantes nas entrevistas, demonstrando a necessidade (e conveniência) do apoio institucional na permanência estudantil. Foram relatadas, também, iniciativas de estudantes para auxiliar outros estudantes bolsistas, como doação de textos em xerox, monitorias gratuitas, e a atuação dos Coletivos e Centros Acadêmicos Estudantis como locais de partilha de dificuldades e de apoio mútuo.

⁵⁵ A PUC-Rio utiliza o sistema de crédito e em média o estudante na graduação se matricula em 4 matérias, o equivalente, em média, a 16 créditos. O valor do crédito é diferente dependendo do curso. Em um curso pertencente ao Centro de Teologia e Ciências Humanas o valor do crédito é R\$ 383,00. O crédito mais caro pertence ao Centro Técnico Científico e Economia e custa R\$ 478,00. Nesta média de valores, o curso mais barato possui mensalidade de R\$3.206,00 e a mensalidade do curso mais caro é de R\$ 4.010,00. A título de parâmetro, o salário mínimo nacional de 2019 é R\$ 998,00. Disponível em: <http://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccg/anuidadesCCG.html> Acesso: em 3 de março de 2019.

⁵⁶ Esses projetos estimulam a troca de conhecimento entre estudantes incluindo aulas, livros e materiais, visando a permanência estudantil.

Além das dificuldades já apresentadas, há duas que evidenciam a posição da mulher neste contexto: a conjunção entre vida universitária e a maternidade e relatos de situações em que o machismo se faz presente. Para oferecer suporte a esse cenário, não foi encontrada uma ação institucional especializada, como creche no campus ou ouvidoria específica para atender o público feminino. O Coletivo de Mulheres da PUC-Rio⁵⁷ oferece uma rede de apoio para mulheres.

Para visualizarmos um perfil feminino, veremos o relato de uma estudante de psicologia. Ela parou de estudar aos 11 anos, quando sua mãe a deixou sozinha, responsável por três irmãs menores, com supervisão esporádica de uma avó. Começou a trabalhar como diarista e, aos 16 anos, teve a primeira de suas duas filhas. Aos 32 anos, uma amiga a incentivou a concluir seus estudos cursando um supletivo e logo entrou no pré-vestibular comunitário SEJA+ da PUC-Rio. Trabalhando durante o dia como faxineira, necessitou de 2 anos para conseguir a aprovação (e bolsa filantrópica) no curso de Serviço Social na PUC-Rio e de mais 2 anos para, ao se acostumar com a realidade acadêmica, perceber que sua vocação era a psicologia. No caso dessa estudante, a entrada pelo curso que disponibilizava maior quantidade de bolsas e com menores notas no vestibular não foi, segundo ela própria, uma estratégia de ingresso na universidade, e sim uma falta de conhecimento das possibilidades e oportunidades⁵⁸. Segundo a estudante, a sua principal dificuldade “foi o tempo que fiquei sem estudar”. Questionada sobre o aspecto positivo de ser mais velha que a média da turma, a resposta foi: “O aspecto positivo é que você está mais maduro, sabe o que quer, porém tudo é mais difícil. Filho, trabalho, responsabilidade e ainda ter concentração para estudar.” (Andreia)

A estudante não consegue frequentar todas as atividades extraclasses oferecidas pela instituição, pois necessita trabalhar, porém conseguiu ingressar em um grupo de estudos que oferece bolsa de estudos. O ganho da bolsa de estudos permitiu que ela diminuísse um dia de trabalho como faxineira. A dificuldade em conciliar o trabalho, os estudos e a família é sempre ressaltada como um grande

⁵⁷ No dia 2 de fevereiro de 2019 foi divulgado, em diversas mídias sociais, o primeiro manifesto do Coletivo de Mulheres que apresentava seu objetivo: “a defesa do protagonismo feminino em todas as áreas e cursos, defendendo a comunicação e a troca de experiências entre essas. O coletivo luta pela disseminação e o aprofundamento do estudo do feminismo e de questões relacionadas à mulher dentro da PUC-Rio”.

⁵⁸ Nota-se que a universitária enfatiza esse aspecto, pois há muitos bolsistas que escolhem um curso “mais fácil de entrar” para mudar depois para outro de maior prestígio, como ainda será abordado neste trabalho.

empecilho. O ano de 2018 foi um marco, pois a sua filha conseguiu ingressar na mesma instituição, no curso de Pedagogia.

Esta trajetória é representativa, pois reflete diferentes aspectos sociais que interpelam a vida universitária. Podemos inferir que a sua inserção na PUC-Rio foi repleta de desafios e superações. A estudante necessitou superar diferenças sociais, econômicas e culturais para não apenas garantir a sua permanência na universidade, como também para alargar suas perspectivas, que permitiram a troca de curso.

Certamente, a maior dificuldade relatada pelos estudantes nas entrevistas foi o tempo de deslocamento entre o domicílio e a universidade. Um estudante de Comunicação responde ao questionamento sobre sua maior dificuldade:

A maior dificuldade certamente foi a distância. Parecia ser a distância que eu estava dos meus sonhos, de tão longe. Entre a universidade e a casa da minha mãe são 60km, às vezes eram quatro conduções para ir e quatro para voltar, 3 horas e meia de viagem. Tinha dia que eu ficava mais tempo no banco do ônibus do que na cadeira da sala de aula. (Leandro)

A carta escrita aos alunos por Marielle Franco também cita a distância como uma grande dificuldade enfrentada por ela: “Desde a limitação concreta de me locomover da Maré até a Gávea, para a primeira aula às sete da manhã, até as atividades extracurriculares que não pude fazer em virtude do meu trabalho ou mesmo pela falta de grana para custeá-las” (Franco, 2016).

Os bolsistas têm direito ao passe livre universitário⁵⁹, direito concedido pelo decreto da prefeitura do Rio de Janeiro nº 38.280 de 2014⁶⁰. Todavia, esse passe é limitado ao uso de ônibus, BRT⁶¹ e VLT⁶² dentro do município do Rio de Janeiro, gerando dois problemas: os estudantes demoram mais tempo para chegar à universidade e não podem optar pelo metrô ou ônibus provenientes da Baixada Fluminense, que não são cobertos pelo passe. A PUC-Rio, como já relatado, possui o FESP, que auxilia nestes casos em que o passe livre não é suficiente para o estudante (Paiva, 2017 p.7). Também o FESP possui limitações: só contempla

⁵⁹ Disponível em: <https://www.cartaoriocard.com.br/rcc/gratuidade/passeLivre> Acesso em: 27 jun 2018.

⁶⁰ Disponível em: http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4800832/4138119/DECRETO_38280_DE_29_DE_JANEIRO_DE_2014.pdf Acesso em: 12 set 2018.

⁶¹ Significa Transporte Rápido por Ônibus (em inglês, *Bus Rapid Transit*), é um transporte articulado que trafega em corredor exclusivo e, por isso, é uma alternativa mais rápida de viagem para os passageiros.

⁶² O VLT é o Veículo Leve sobre Trilhos.

estudantes a partir do segundo período, transformando o primeiro período da graduação no mais difícil de ser vencido.

Outro benefício promovido pelo FESP é a concessão de uma refeição por dia no bandeirão da PUC-Rio. Essa ação é ressaltada por muitos estudantes como fundamental para sua manutenção na universidade. Porém alguns bolsistas, por terem a necessidade de permanecer durante todo o dia na universidade, necessitam de mais uma refeição. Uma estratégia utilizada é o trabalho voluntário no pré-vestibular SEJA+ e no NEAD⁶³, que recrutam os graduandos da PUC-Rio para atuarem em suas atividades, fornecendo a eles experiência profissional, horas complementares⁶⁴ e uma refeição no bandeirão por dia.

A necessidade que se impõe pelos poucos recursos financeiros dos familiares desperta aspectos singulares no aprendizado da condição de universitário. A instituição, por não estar preparada (Salvador, 2008, p.141), também necessita realizar adaptações para atender as necessidades deste corpo discente. Como na PUC-Rio a maioria dos cursos são diurnos, em poucos casos o estudante consegue conciliar – e sempre com dificuldade – a graduação e o trabalho (Larrubia, 2016, p.202; Salvador, 2008 p.134). Ressalta-se que essas dificuldades não são exclusivas dos alunos da PUC-Rio. Nem posso dizer que são maiores nesta instituição, todavia o recorte deste trabalho é esta universidade.

A falta da possibilidade de conciliar trabalho e estudo gera, além de necessidades financeiras, sentimento de frustração e culpa. A música que nos ajuda a inspirar esta seção resalta isso, indicando que “sem o seu trabalho o homem não tem honra”. Apesar do jovem estar no período da vida em que o trabalho não deveria ser uma necessidade de sobrevivência, a falta de trabalho tem reflexos na sua autoestima. É comum conversar com jovens e a seguinte dúvida ser expressa: “será que eu devo continuar aqui, com tantos sacrifícios familiares?”

A música de Gonzaguinha, que tem o sugestivo nome “Um Homem Também Chora (Guerreiro Menino)” corrobora o que o papa Francisco diz: “Estamos em uma época de desumanização do humano: não poder trabalhar

⁶³ Núcleo de educação para jovens e adultos. Disponível em: http://www.edu.puc-rio.br/?page_id=645 Acesso em: 2 fev 2019.

⁶⁴ As atividades complementares são atividades adicionais, paralelas às demais atividades acadêmicas. Consideradas parte integrante do currículo, são obrigatórias para a graduação do aluno e visam enriquecer o processo de ensino-aprendizagem, incentivando a participação dos alunos em atividades que ampliem o campo de conhecimentos e práticas. Informação do departamento de Psicologia obtida no site <http://www.psi.puc-rio.br/site/index.php/> 2015-02-03-14-20-01/graduacao/item/304-atividades-complementares Acesso em: 3 fev 2019.

significa sentir-se privado de sua dignidade” (Francisco, 2018). O fato de não conseguir conciliar todas as atividades produz consequências psicológicas para o bolsista e precisa de um olhar institucional. Este é um perverso aspecto que afeta o bolsista da PUC-Rio, por romper as “tradições familiares”.

Quando o bolsista consegue conciliar trabalho e estudo, normalmente é preciso mudar seu horário de trabalho ou até mesmo de emprego (Salvador, 2008, p. 134) e muitas vezes a fonte de renda vem de bolsas de incentivo à pesquisa e docência (PIBIC⁶⁵ e PIBID⁶⁶), monitorias ou estágios no próprio campus universitário. A dificuldade de conciliar o trabalho e o estudo é decorrente de um ambiente institucional que não é desenhado para o estudante pobre, que precisa trabalhar. A solução é a busca por saídas pautadas pelo esforço individual e pelo uso do jeitinho brasileiro para sustentar sua permanência na faculdade. (Larrubia, 2016, p.206).

Conciliar todos estes fatores às dificuldades já inerentes à vida universitária torna a trajetória acadêmica desses alunos uma constante negociação entre múltiplas esferas: a institucional, a familiar, a financeira, a pessoal etc. Esse panorama é vislumbrado logo que o estudante entra na faculdade, mas outros desafios desdobram-se à medida que adentram à vida na universidade.

Esses desafios escolares não começaram quando a matrícula na PUC-Rio foi realizada. Muitos entrevistados são egressos de escolas públicas localizadas em favelas. Essas escolas possuem, conforme ensinamento de Marcelo Burgos, enorme desafio estrutural, pois enfrentam “as pesadas consequências produzidas pela associação entre uma ordem urbana excludente e o baixo capital cultural das famílias de seus alunos”⁶⁷ (2007, p.3). O autor infere que a visão predominante dos professores e diretores que trabalham em escolas que atendem alunos que residem em favela é a de que o local de moradia faz uma diferença fundamental nas possibilidades educacionais dos jovens. Essa diferença impacta a capacidade de aprendizado dos alunos, sua autoestima e motivação e decorre da exposição a uma cultura de violência e pobreza existente nas favelas (Burgos, 2007, p.4).

⁶⁵ PIBIC – Programa Institucional de Iniciação Científica do CNPq que visa despertar vocação científica e incentivar novos talentos potenciais entre estudantes de graduação.

⁶⁶ O PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, instituído pelo MEC e gerido pela CAPES – tem por objetivo o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores para a Educação Básica.

⁶⁷ Para maiores aprofundamentos ver: Paiva, Burgos e Baumann (orgs.). *A escola e a favela*. Rio de Janeiro: Editora da PUC-Rio; Pallas, 2009.

A situação do estudante bolsista da PUC-Rio é repleta de desafios e complexos problemas. Nas entrevistas, percebe-se que há consciência das dificuldades, porém há um sentimento de vitória. As superações também contribuem para um estímulo diário, um impulso para contornar os desafios. Este sentimento pode ser bem compreendido na entrevista de Fábio, quando perguntado sobre “O que significa a PUC no seu projeto de vida?” A resposta foi: “Cada dia é uma batalha, sabe? Dói, sangra... Mas não há dia que eu não pense o quão feliz estou por ser um filho da PUC.” (Fábio)

3.6

Estar em companhia

*Foi bem cedo na vida que eu procurei
Encontrar novos rumos num mundo melhor
Com você fique certo que jamais falhei
Pois ganhei muita força tornando maior*

Fundo de Quintal

Neste trabalho há a clara escolha de se entender o sujeito pelas suas relações, como já visto anteriormente, com base na dimensão dialógica e interativa na construção da identidade. “A própria estrutura do ‘eu’⁶⁸ pode ser considerada segundo o modo como nos arranjamos para executar estas representações” (Goffman, 1975, p.230). Com essa escolha, prossegue-se valorizando os aspectos relacionais do bolsista da PUC-Rio.

Na minha convivência profissional, nas atividades de pesquisa e sobretudo durante as entrevistas, pude inferir a importância das relações entre bolsistas para a permanência estudantil, assim como a relevância da amizade para acesso à universidade, em especial para o universitário que é o primeiro da família a acessar a universidade. Em especial, neste caso, a influência de algum amigo que já tenha ingressado na universidade ou de um professor se mostram como uma relevante influência. A proposta desta seção é desvendar a importância das redes de amizade na trajetória dos estudantes para chegar no mundo acadêmico e como influenciam nas estratégias da permanência estudantil.

⁶⁸ Grifos do autor.

Os funcionários me incentivaram muito a ter o sonho de entrar na universidade. Principalmente a Maria Julia, que era professora de português aposentada e trabalhava na biblioteca. Ela me ajudou a fazer as primeiras redações para o vestibular. Guardo com muito carinho as memórias dessa biblioteca, que era pequena, velha e com cadeiras superdesconfortáveis, foi um dos poucos lugares que [me] disse que aquele sonho era possível. (Luan)

A colocação acima, do jovem universitário do curso de Psicologia, demonstra a importância do papel dos professores no acesso à universidade. Apesar de quando perguntado “Tem alguém que te incentivou a entrar na universidade?” a resposta ter sido: “Minha mãe foi a principal incentivadora”, na outra pergunta, a possibilidade de transformar o sonho possível veio da professora de português, que acreditou no potencial do estudante.

As muitas diferenças sociais, culturais e econômicas entre os bolsistas e os universitários pagantes geram uma segregação optativa (Larrubia, 2016 p.55-6) entre os grupos. Essa divisão, apesar de ser velada, é muito presente na convivência cotidiana. Os alunos bolsistas relatam que têm amizade e cumplicidade com outros bolsistas. Contudo, deve-se ressaltar que a falta de uma maior interação entre os dois grupos não é interpretada pelos próprios grupos enquanto práticas de discriminação social ou racial e, sim, como resultado da percepção das desigualdades existentes (Santos, 2012 p.788).

Kátia estava no último período do curso de Design quando a entrevista foi concedida. Jovem negra, residente na baixada fluminense e politizada. Quando indagada sobre o seu relacionamento com a sua turma, em especial com os pagantes, deu a seguinte resposta: “O aspecto positivo é que há generosidade, as pessoas estão dispostas a ajudar no que sabem. Já o negativo... bem, tem gente que é sem noção da realidade e das dificuldades que são alheias à sua própria vida”. Já quando questionada sobre qual foi a maior dificuldade ao entrar na PUC, a resposta foi bem direta: “me adaptar a pessoas frívolas”, com uma grande gargalhada.

Já a pergunta para o estudante Luan de Psicologia do 4º período foi: “O que você acha que tem de positivo e de negativo em relação à sua turma, em especial aos pagantes?”

(...) Em questão de lazer a gente também vê uma diferença: a galera que tem mais dinheiro planeja viagem de férias, sonha em visitar os Estados Unidos durante as férias e os bolsistas sonham em arrumar um emprego, um bico pra poder aproveitar

um pouco das férias também ou ajudar nas despesas. São realidades tão diferentes e disparidades recorrentes, sutis, às vezes, que não cabem numa entrevista. (Luan)

Outro aluno respondeu a mesma pergunta: “é lado a e lado b. A gente conversa em sala de aula, não há rixa. Mas não há carinho”. Questionado por quê, o estudante explicou: “não dá para ser realmente amigo, é outra *vibe*. Gosto deles, já até tomei uma cerveja, mas os assuntos ficam restritos ao curso” (Fábio). Já outra entrevistada, estudante de Artes Cênicas, ressalta a questão financeira que alimenta a lacuna na esfera de sociabilização

Apesar de no meu curso também terem bastantes alunos bolsistas, sinto que há uma certa vulnerabilidade em relação à classe econômica, pois além de bolsista me encontro em uma classe mais baixa, logo isso interfere nas situações externas como viagens, passeios em conjunto, eventos, que nem sempre posso estar pelas minhas condições financeiras. (Joelia)

Percebe-se nas entrevistas uma relação amistosa, mas com alguns marcadores (Goffman chama de *keyings*) que permeiam a interação entre bolsistas e pagantes. É significativo dar maior ênfase a essa relação – ou a ausência dela – e não apenas ao indivíduo, como unidade social significativa, o que tem uma série de implicações (Goffman, 1981).

A relação de amizade entre bolsistas demonstrou ser uma forma importante de superar as dificuldades do cotidiano acadêmico. Porém, outras esferas de socialização também são relevantes para a permanência estudantil. A família, a vizinhança e a religião atuam de forma positiva no percurso educacional (Bittar, 2011, p.93-4).

Assim como para o estudante pagante, em que a família, a escola de origem e a vizinhança colaboram na construção do capital cultural e resultam positivamente no seu desempenho enquanto universitário, o bolsista também tem suas esferas de socialização. Para ele estas esferas contribuem de forma emocional e prática na trajetória universitária. As relações pessoais demonstraram ser uma importante ferramenta de sustentação do estudante bolsista, em especial a amizade entre bolsistas. A cumplicidade que existe entre pares demonstrou ser a tática que os bolsistas reconhecem como mais eficaz.

4

O ofício de estudante

No capítulo anterior, foi analisada a diversidade identitária entre os estudantes bolsistas, assim como o aspecto relacional com o estudante pagante. O objetivo deste capítulo é investigar como os bolsistas lidam com o status universitário, com sua complexidade e processos de rupturas. O ingresso na universidade é apenas parte do desafio para a realização do sonho de obter um diploma de nível superior e quanto mais o estudante estiver integrado ao conjunto dos costumes e hábitos da academia, maior aproveitamento.

A pesquisa recolheu diversas discussões bibliográficas que dialogam com as entrevistas e a observação participante. O objetivo é inferir, no interior das diversas singularidades das juventudes, as diversas dimensões de ser bolsista na PUC-Rio.

4.1

Profissão estudante

*Só existe uma maneira de se viver para sempre irmão
Que é compartilhando a sabedoria adquirida
E exercitando a gratidão, sempre
É o homem entender que ele é parte do todo*

Lucas Silveira e Emicida

O autor francês Alain Coulon (2008) leciona e pesquisa na universidade Paris 8, chamada como a “universidade da última chance”. O sistema de ingresso francês para os cursos superiores é estilo “livre acesso”, ou seja, se o estudante for aprovado na prova (chamada *baccalauréat*⁶⁹) pode ingressar no nível superior, e a universidade Paris 8 é a última opção. Ocorre que o número de evasão é muito grande, o que provocou uma grande investigação etnográfica realizada pelo autor. Para ele, os universitários que “não conseguem se afiliar a seu novo universo fracassam, pois o sucesso universitário passa pela aprendizagem de um verdadeiro ofício de estudante” (Coulon, 2017, p.21 e 39). O autor pesquisa as estratégias de

⁶⁹ Prova equivalente ao vestibular brasileiro, porém mais no sentido da qualificação acadêmica a que os franceses são submetidos ao final do liceu (ensino médio) para ingressar na educação superior.

afiliação utilizada pelos estudantes da Paris 8, analisando os estágios percorridos no conhecimento da profissão estudante.

Ressalte-se que o contexto da PUC-Rio é bem diferente, como já foi indicado neste trabalho. É uma universidade comunitária e com excelência acadêmica, porém com altas mensalidades. Nesse aspecto, muito distante da “faculdade da última chance” apresentada por Coulon. A importância desse autor para este trabalho é pelo aspecto do estudante pobre, geralmente primeiro bacharel da família, que ocupa um lugar no mundo universitário rompendo uma fronteira de costumes familiares e sociais.

Alain Coulon (2008) afirma que o quanto antes o estudante entender as regras da “profissão estudante” melhor será o seu aproveitamento na universidade. Esta expressão, no Brasil, tem um aspecto diferente do apresentado pelo autor francês, significando aquele estudante que demora muito tempo no curso universitário, antes de conseguir concluí-lo, muitas vezes por participar de movimentos políticos estudantis⁷⁰. Neste capítulo iremos usar a expressão com o sentido dado pelo autor Alain Coulon.

Segundo Monteiro (2009), a história socioideológica reconhece a palavra “trabalho”⁷¹ face à palavra “trabalhador”. Em especial na universidade, a diferença manifesta-se na ambiguidade semântica da expressão “profissão-estudante”. A legitimação da condição de estudante é posta à prova quando se preenche documentos com a categoria “estudante” no campo profissional (Monteiro, 2009, p.17). Conseguir um diploma é o objetivo desta categoria profissional que, como tantas outras, tem suas atribuições definidas.

Entender os códigos dessa profissão se torna um desafio, sobretudo para o estudante que não tem em sua família a tradição dessa “carreira profissional”. A obra de Coulon (2008) é uma referência para esta dissertação, pois o autor não restringe a sua pesquisa ao acesso à universidade, também investigando quais são as estratégias que os estudantes utilizam para concluir o curso superior. Ele infere que a afiliação – o entendimento desse mundo acadêmico que possui novos códigos, regras e desafios – contribui para o processo de aprendizagem do ofício de estudante. E que a aquisição deste novo *habitus* escolar e deste ofício de

⁷⁰ Esta observação foi realizada na qualificação desta dissertação pela professora Maria Isabel Mendes de Almeida. Podemos ver mais sobre esta expressão em: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/jubilamento-uma-pratica-legal-1jh7avrj2ytbli2h1yrgl61qm/>

⁷¹ Grifos do autor.

estudante é um elemento essencial para o seu sucesso na universidade. O estudante de Arquitetura, já próximo da conclusão do seu curso, explica o aprendizado deste novo *habitus* com suas palavras, quando questionado sobre as dificuldades que teve ao entrar na universidade:

Eu tirei umas notas ruins, principalmente no começo da universidade, antes de entender o esquema necessário de estudos. Fiquei com tanto ódio de ser inferior em notas que estudei muito, mas muito mesmo, e consegui ser um dos melhores da minha turma. Não me dei ao luxo de ser um aluno mediano. Terminei a faculdade por cima. (Fábio)

A modificação para o *status* de universitário implica afiliar-se a um novo *status* social que o autor explica como aprender um novo ofício: o ofício de estudante. Deve-se levar em conta que a deficiência do Ensino Médio, no Brasil, não fornece, em especial para os estudantes oriundos de escolas públicas, os alicerces – tanto intelectuais quanto culturais – necessários para o ingresso no ambiente acadêmico. Mesmo para o estudante oriundo de uma escola particular ou pública de qualidade, a passagem para o ensino superior é acompanhada de mudanças importantes, com diferentes regras em relação ao saber. As regras tornam-se mais sofisticadas, complexas, simbólicas e devem ser rapidamente assimiladas pelos novos estudantes (Coulon, 2017, p.1239 e 1240). “A mudança mais espetacular que se produz com o ingresso na universidade é a relação dos novos estudantes com as regras e os saberes, uma verdadeira aprendizagem prática que deve ser desenvolvida” (Coulon, 2017, p.1242).

Segundo o autor, se não ocorrer esse aprendizado o ingressante tende a fracassar na empreitada universitária. “Aprender o ofício de estudante significa que é necessário aprender a se tornar um deles para não ser eliminado ou autoeliminar-se porque continuou estrangeiro neste mundo” (2017, p.21) De acordo com um estudante de Química do 2º período, o importante é entender o ritmo da faculdade. Para ele, quando questionado quais eram as suas estratégias ao entrar na PUC-Rio:

(...) demorei um pouco a me adaptar, mas assim que peguei o ritmo de faculdade, decidi que, para um melhor desempenho, era necessário que eu estudasse apenas na faculdade, pois em casa há inúmeras distrações. Logo, chegava lá às 9 da manhã e saía por volta de 22h da noite, chegando em casa apenas para dormir e voltar à rotina. (Michel)

Para esse universitário, entender a profissão estudante passou pela percepção que deveria ficar mais tempo no campus para tornar mais eficiente o seu tempo de estudo, que era essencial ficar mais tempo na universidade por não ter um lugar privado em casa. Ele aprendeu a estudar, não apenas o conteúdo da matéria, mas a melhor utilização de espaços. E aprendeu no primeiro ano na universidade, o que segundo Coulon é decisivo para “aprender a instituição” (2008, p.39). Mesmo não sendo esse o ano mais importante do ponto de vista do conhecimento, é essencial por ser o período de formação das perspectivas dos estudantes. Nesse primeiro ano é que se aprende a necessidade de priorizar o que será estudado e como aprender tanta coisa em tão pouco tempo.

Com esta pesquisa percebeu-se, nas entrevistas e na observação participante, que os bolsistas da PUC-Rio possuem muitas dificuldades no processo de aprendizado desse novo ofício que não são inerentes ao campus e à sala de aula. A condição de pobreza requer preocupações, como o longo deslocamento até a universidade e residência precária – sem um local adequado para o estudo – como o estudante Michel relatou.

Em algumas situações, a dificuldade é ainda mais básica, como a questão da alimentação. A estudante Mariela, do curso de Letras, veio para a cidade do Rio de Janeiro para estudar na PUC-Rio e relatou essa adversidade, quando inquirida: “Qual foi a sua maior dificuldade ao entrar na PUC-Rio? E a facilidade?”

Nossa, sempre foi difícil, principalmente porque mudei de estado. Procurei casa, móveis, alimentação. Tudo isso, com muito pouco dinheiro. Além dos meus problemas de saúde na época. A única “facilidade” foi o FESP, que garantia alimento nas dias em que eu tinha aula. (Mariela)

Na pesquisa efetuada por Salvador, a fome e o desgaste físico causado pela deficiência alimentar foram constantes em suas entrevistas (2008, p.137-40) com os estudantes da PUC-Rio. A realidade brasileira de pobreza impacta diretamente as necessidades básicas dos alunos, que não foram descritas pelo francês Alain Coulon. Nota-se que, para o universitário pobre, a necessidade de utilizar estratégias no começo da faculdade fora no campus é uma constante realidade. Não podemos deixar de relatar esses aspectos no aprendizado desse ofício que, apesar de não estarem diretamente atrelados ao aprendizado universitário, têm impactos reais e constantes e abalam o processo cognitivo dos estudantes bolsistas. Vejamos o relato de Luan, 6º período de Psicologia.

Depois do ingresso, a *gente tem que se virar aqui dentro*. Recebi auxílio do FESP, mas nem sempre é o suficiente. Como morava a quase 3 horas de distância da faculdade, tive que ir morar com um amigo que morava mais perto e cedeu a casa pra mim, no meu primeiro período. Depois fui morar na comunidade Parque da Cidade, na Gávea, porque era perto e pagava um aluguel de 400 reais, era o que dava pra pagar. Morando perto, a cobrança interna era maior. É uma pressão grande que eu mesmo fazia pra me destacar. Sabia que meu pai e minha mãe estavam dando o sangue pra pagar um aluguel e alimentação, e não queria (nem podia) decepcionar, sempre pensava que eu tinha que ser o melhor. Acho que todo bolsista tem um pouco – ou muito – dessa pressão sobre si mesmo.

Já pensei em vender bolos, vender quentinhas veganas e outras estratégias, mas como não tenho dotes culinários [risos] isso não foi muito pra frente. Mas vai que um dia eu consiga. Mas conheço outros bolsistas que vivem disso aqui dentro. As estratégias são muitas, cada um acha a sua de acordo com as possibilidades, com as alternativas e vivências de cada um. Mas uma coisa é certa: não é fácil pra nenhum bolsista. (Luan)

As necessidades que se impõem pelos poucos recursos financeiros que podem ser disponibilizados familiares despertam aspectos singulares no aprendizado da condição de universitário. A instituição, como não estivesse preparada para receber esses estudantes (Salvador, 2008 p.141), também necessitou realizar adaptações para atender as suas necessidades, como a criação do FESP (Paiva, 2017 p.7).

A Vice-reitoria Comunitária (VRC) participa de forma ativa na facilitação do processo de afiliação do estudante bolsista. Além de conduzir o processo de concessão da bolsa filantrópica e Prouni, a VRC coordena o FESP, as atividades do PSICOM⁷² e realiza o acompanhamento acadêmico e social dos bolsistas. A manutenção do aproveitamento acima de 75%, como já descrito nesta dissertação, é um fator condicionante para a manutenção da bolsa e a VRC realiza o controle do CR⁷³ do estudante. Em resposta recebida por e-mail à solicitação enviada, a VRC divulgou o quadro abaixo, que compara o CR médio dos estudantes em geral de cada curso e o CR médio dos estudantes bolsistas filantrópicos, bolsa PUC e Prouni. Nessa seleção estão os estudantes perfil 100% filantrópico, com renda per capita de até 1,5 salário mínimo:

⁷²Serviço de apoio psicológico para estudantes e funcionários da PUC-Rio <http://www.puc-rio.br/sobrepuc/admin/vrc/psicom/index.html> Acesso em 02 de fev de 2019

⁷³Coefficiente de Rendimento (CR) - a média da nota do aluno em cada uma das disciplinas cursadas. Disponível em: <http://www.puc-rio.br/sobrepuc/depto/dar/procedimentos.html#calcula> Acesso em: 2 fev 2019.

Quadro 2 - Aproveitamento dos estudantes em geral com detalhamento dos bolsistas por curso

CURSO	CRm geral	CRm bolsistas	Alunos FESP
Administração	6,75	6,97	91
Arquitetura	7,36	7,44	37
Artes Cênicas	8,26	8,34	25
Ciência da Computação	5,84	4,87	11
Ciências Biológicas	7,08	6,56	57
Ciências Econômicas	7,27	6,86	32
Ciências Sociais	8,13	7,89	40
Comunicação Social	7,71	8,08	129
Desenho Industrial	8,07	8,36	165
Direito	8,01	7,9	88
Engenharia	6,47	6,32	194
Física	7,16	5,77	2
Filosofia	8,1	7,62	17
Geografia	7,62	7,82	58
História	7,87	7,95	63
Letras	8,06	7,91	62
Matemática	7,05	8,66	1
Pedagogia	8,27	8,03	53
Psicologia	7,99	8,22	60
Química	6,44	6,72	7
Rel. Internacionais	8,07	8,36	30
Serviço Social	8,32	8,45	59

Sistemas de Informação	5,75	6,19	7
Teologia	8,45	8,41	12

Fonte: VRC "Inclusão Social: Programa de Bolsa de Estudo Comunitário" 2018 - 2º semestre.

Destaca-se que, dos 24 cursos oferecidos, 13 apresentam o CR médio dos estudantes bolsistas maior que a média geral dos graduandos. Apesar de ter informações neste quadro que necessitam de maiores aprofundamentos, pode-se inferir que o estudante bolsista, apesar das dificuldades narradas, consegue aprender “seu” ofício. As notas não refletem a complexidade da permanência estudantil ou seu aproveitamento pleno, mas emitem indícios para qualificarmos o sistema institucional de apoio ao bolsista e o seu sucesso na utilização das táticas que analisamos nesta dissertação.

4.2

A ruptura em questão: uma vida de mudança de paradigmas familiares

*Você não sabe o quanto
eu caminhei
Pra chegar até aqui
Percorri milhas e milhas
antes de dormir
Eu não cochilei*

Cidade Negra

A proposta desta seção é demonstrar o processo de uma das estudantes entrevistadas, que chamaremos de Luiza, em seu percurso universitário. O contato com ela se deu ao final de uma palestra, quando começamos a conversar. Ela relatou que estava muito cansada, pois chegou às 7h na PUC e já eram 22h. Perguntada sobre o que a motivava a prosseguir com seus estudos, a impactante resposta foi: “pra não ser como meus pais foram. Saber que eu tô construindo uma história diferente da deles, e que minha origem não determina quem eu posso ser”. Falei sobre a pesquisa desenvolvida para o mestrado e que pretendia entender quais foram os caminhos que a trouxeram para PUC-Rio. Marquei uma entrevista com o objetivo de conhecer o seu percurso universitário e as suas estratégias de

permanência estudantil. Após a entrevista, eu mostrei esta seção para ela, que autorizou a individualização de sua entrevista após pequenas modificações.

A mãe de Luiza morreu quando ela tinha 1 ano e ela foi criada pelos avós paternos, sem a presença ou apoio do pai. O seu pai tinha um outro relacionamento e filhos, a quem dava assistência financeira e emocional. Ao completar 11 anos, Luiza soube da existência de um grande colégio público de renome e após 2 anos de tentativa e estudo conseguiu ingressar nessa escola. No processo seletivo, precisou ver a certidão de óbito da sua mãe e tomou conhecimento que ela tinha sido assassinada. Inquirindo seus avós, soube que seu pai havia cometido o crime⁷⁴. No fundo não foi surpresa, pois já sabia que seu pai, ex-policia militar, era “matador de aluguel”. Ele havia falecido, assassinado, 2 anos antes do ingresso da estudante no colégio.

A vida é muito complexa, não penso na minha mãe biológica como 'drogada' ou 'prostituta' como te falei, mas às vezes os estigmas grudam na cabeça e você [os] reproduz, ainda mais porque eu me comparo com a vida e os pais dos outros, bem diferentes dos meus. Pra mim, ela era uma jovem que não teve a oportunidade de viver e enxergar a vida de forma mais ampla. Mas eu quero resgatar a memória dela, utilizando a profissão que estou aprendendo para isso. [a estudante mostra uma foto da sua mãe brincando com ela ainda bebê] (Luiza)

Como já falado neste estudo, as interações são fundamentais no percurso acadêmico dos bolsistas, conduzindo-os até a universidade. A forma com que os sujeitos interagem entre si e com os espaços contribui na trajetória do agente. Goffman (1975) analisou profundamente a interação face-a-face, e destes estudos podemos apreender como os indivíduos iniciados em novas culturas organizacionais possuem dificuldade em assimilar as regras de conduta social, e que frequentemente falham em sincronizar suas obrigações com as expectativas dos membros do grupo (apud Larrubia 2016, p.208). No caso dessa estudante, ter ingressado no colégio de renome e depois no pré-vestibular comunitário mudou os cenários e personagens, permitindo que essas interações a conduzissem para a vida universitária. Mesmo com muitos problemas de socialização: “eu só tive uma amiga na PUC, que era bolsista” e dificuldades em completar o curso. Quando da entrevista, Luiza já estava há 6 anos na PUC-Rio e ainda faltava 2 anos para se

⁷⁴ A estudante relatou que não houve investigação policial quando a sua mãe foi assassinada. Ela supõe que a ausência de diligências foi provocada pelo seu pai ser, na época, policial. Logo após esse crime, o seu pai foi expulso da corporação, por envolvimento com o tráfico de drogas e milícia, segundo o que os familiares relataram para Luiza.

formar. Perguntei a Luiza quem a ajudou neste percurso até a universidade. Sua resposta:

Com o suporte dos meus avós, que me criaram para valorizar a educação acima de tudo, e graças às cotas para escolas públicas, ingressei em um bom colégio público. Foram as novas perspectivas que a instituição me ofereceu que me permitiram passar para a PUC e para a UFF, bem como o reforço que recebi no Pré-vestibular social. Mas o preparo não seria suficiente se não existisse uma das mais revolucionárias políticas públicas da educação brasileira, o Prouni, que transformou o destino de milhões de jovens de comunidades, quebrando o ciclo de pobreza e perspectivas de vida limitadas. Optei pela PUC por concluir, após uma pesquisa, que seria a melhor universidade no Rio no meu curso. Acredito que há, no entanto, falta de políticas públicas e das próprias universidades no quesito da permanência estudantil para estudantes bolsistas de baixa-renda, principalmente nas questões de alimentação, transporte, saúde mental e o horário integral dos cursos, que dificulta que os estudantes possam trabalhar. A universidade não é um espaço pensado para nossas especificidades e muitas vezes é palco de conflitos raciais, de classe e gênero, mas infelizmente trata-se de um espelho da sociedade. Desse modo, a motivação é conquistada dia após dia, com o suporte de nossos companheiros, amigos e familiares, sem os quais não é possível prosseguir, e reafirmando em nossas mentes o propósito de existir, resistir e romper as estatísticas. (Luiza)

Os sujeitos são frutos do seu meio, vivem em redes de dependência que dificilmente são rompidas. Assim como para Luiza foi árduo sair das redes sociais familiares, compor as redes de socialização universitária foi igualmente difícil. Para ela, primeira bacharel de sua família, não reproduzir as dinâmicas de sociabilidade e projetos de vida de sua comunidade é uma ruptura. Isso porque, sob a luz do ensinamento de Norbert Elias, o modo como o sujeito se comporta é determinado por suas relações passadas ou atuais. A rede de funções que as pessoas desempenham umas em relação às outras é o que chamamos “sociedade”⁷⁵. A interdependência das funções humanas sujeita e molda, de forma profunda, o indivíduo (Elias; Scorson, 1994).

A socialização de Luiza é repleta de rupturas, como veremos na resposta dada à pergunta a seguir, isso porque a rede de funções no interior das associações humanas é uma ligação funcional preexistente que não é apenas somatória de eventos. A rede de funções interdependentes pela qual as pessoas estão ligadas entre si tem peso e leis próprios, que deixam apenas uma margem bem circunscrita para compromissos firmados (Elias; Scorson, 1994) – o autor cita eleições e decisões políticas, mas que poderia ser, no caso de Luiza, a matrícula na

⁷⁵ Grifos do autor. Foi utilizado o ebook da obra, por esta razão não estão indicadas as páginas referentes às citações.

faculdade ou em disciplinas e grupos de pesquisa. Pertencer legalmente a um determinado grupo não faz do indivíduo realmente membro desse grupo. A pergunta feita à aluna foi: “O que você acha que há de positivo e de negativo em relação à sua turma, em especial aos pagantes?”

Pra mim, sempre foi difícil sentir identificação com os colegas que convivem comigo na PUC, porque a maioria vive em uma realidade muito distante da minha. Por isso, em 6 anos de faculdade não identifiquei nenhum potencial parceiro ou parceira para alguma aproximação. A maioria das preocupações deles me parecem supérfluas e os diálogos e experiências que contam são muito irreais pra mim, no sentido de não condizerem com o que eu conheço por realidade. As viagens ao exterior, os gastos em festas e bares, as idas à Disney com os pais, pais vivos e casados, pais que bancam a universidade para eles a ponto de eles estarem na PUC parecer ser o curso natural da vida deles, enquanto eu estar na PUC significa uma revolução e uma quebra de paradigma, são fatores que me afastam desses colegas, até mesmo para construir amizades e relacionamentos afetivos e sexuais. Eles não parecem saber o que é um contexto de violência e pobreza, que se perpetuou na minha família por gerações. Por uma falha do sistema, eu calhei de estar ali convivendo no mesmo espaço que eles, por isso talvez alguns não pareçam dar o devido valor à universidade, porque pra eles isso veio fácil, mas pra mim foi um acontecimento que dividiu minha vida em antes e depois. Por isso talvez eu tenha essa tendência a imergir na universidade de modo a negligenciar outros aspectos da minha vida. (Luiza)

Nessa resposta apareceu a sexualidade, algo tão fundamental para entender o indivíduo. Michel Foucault esclarece que na sexualidade está a verdade do indivíduo. Segundo o autor, a sexualidade é um dispositivo que surgiu com a modernidade e só pode ser compreendido através dos mecanismos de poder e saber que lhes são intrínsecos. Falar de sexualidade é também se referir à produção dos saberes que constituem os sistemas de poder que regulam suas práticas. “O poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares” (Foucault, 2017 p.101). A entrevista com Luiza prosseguiu com a pergunta: “E a sexualidade na sua vida?”:

Sexualidade? Que palavra é essa? [risos]

A dificuldade de ser casada ou morar com um companheiro e estar na graduação depende muito do tipo de parceiro que ele é. Porque eu, por exemplo, fico na PUC de 7h da manhã às 7h da noite, chego em casa umas 22h. Se eu chegar em casa e ainda tiver que fazer comida, lavar roupa, tudo sozinha, eu não acho que vá conseguir dar conta. Meu companheiro divide as tarefas e, inclusive, faz até mais coisas em casa do que eu. Ele poderia ser um outro tipo de homem e exigir que eu fizesse tudo, por entender que essa é minha obrigação, mas se ele fosse esse outro tipo eu não estaria com ele. (Luiza)

A pesquisa de Jailson Silva demonstra que o celibato ou casamento tardio é um traço comum do perfil dos entrevistados em sua pesquisa publicada no livro *Por que uns e não outros?* (2003). O autor argumenta que existe a crença que a manutenção no curso superior é incompatível com as responsabilidades da vida de casado (2003, p.116). A pesquisa realizada na PUC-Rio e apresentada nesta dissertação percebeu que há prevalência, entre os bolsistas, em priorizar outros aspectos, como a universidade e trabalho, à sexualidade. Mesmo em sujeitos que possuem vida sexual ativa fora de relacionamentos, não foi verificado este aspecto como sendo o mais importante no cotidiano.

Retornando à entrevista com Luiza, foi questionado: “O que é ser bolsista para você?” A resposta:

Você não é bolsista sozinha. Ser bolsista é uma consequência da história da sua vida, da vida da sua família e das gerações anteriores à sua. Se eu sou bolsista, o tempo todo minha cabeça fica cheia de preocupações com dinheiro pra pagar as contas, e não consigo dar voz à minha sexualidade. Como passo o dia inteiro na faculdade, fico muito cansada ou então só penso nos estudos, e acabei perdendo muito do meu desejo sexual. Por passar o dia inteiro na faculdade também não tenho tempo para trabalhar, então meu parceiro é quem nos sustenta, o que também me incomoda. Como ele é *free-lancer*, nem sempre aparece trabalho, e aí nós recebemos ajuda dos familiares... mas também já passamos fome. Essas preocupações são constantes na nossa cabeça, por isso às vezes negligenciamos a sexualidade, mas em compensação passar por dificuldades juntos é algo que estreita nosso vínculo. (Luiza)

A percepção que a universitária tem da sua condição de bolsista demonstra conhecimento da complexidade das relações econômicas e políticas brasileiras. O fato de frequentar um grande colégio com tradição de política estudantil é explicitado pela entrevistada como um elemento importante na constituição política de sua personalidade. O fato dela não ter as mesmas condições sociais dos alunos tradicionais é uma consequência histórica da enorme desigualdade social e econômica. As suas necessidades mais básicas, como transporte e alimentação, por não serem supridas de forma mínima, impactam a sua condição de estudante e de mulher. Assim, a entrevista continua: “Ser mulher influencia de que modo na sua vida universitária?”

A primeira coisa que me vem à mente é o medo de voltar da PUC tarde da noite e o caminho que vou ter que fazer até chegar em casa. Tive que mudar a minha rota diária há pouco tempo, depois de um assalto na praça [omissão do nome de uma praça muito conhecida no Rio de Janeiro] onde saltava do ônibus para chegar em

casa. Agora pego um ônibus cujo trajeto é muito mais longo, mas me deixa mais perto de casa. O medo se manifesta até mesmo quando estou no terminal do ônibus na PUC, que é mal iluminado e afastado dos outros pontos. Estou atualmente dando preferência ao metrô para voltar pra casa, por ser mais seguro e me deixar relativamente perto de casa, mas é complicado porque o dinheiro das passagens faz falta para minha alimentação no campus e em casa, por exemplo. Andar de ônibus para mim é mais econômico, já que eu não pago passagem por utilizar o Bilhete Único Universitário, que dá gratuidade para estudantes bolsistas ou cotistas do Rio – mas se restringe ao uso do ônibus.

No meu atual estágio, a equipe é formada apenas por meninas, e isso causa um estranhamento na maioria das pessoas que conhecem nossa equipe pela primeira vez, mas penso que se fosse uma equipe só de homens seria considerado normal.

Já presenciei alguns casos de professores homens falando bobagens machistas e racistas, fugindo completamente do assunto da aula, o que me incomodou muito à época, mas não me manifestei.

Também lembro de casos de duas colegas, ambas negras, que viveram episódios de racismo por parte de algumas professoras da PUC; um desses casos inclusive chegou às grandes mídias, sobre uma professora que zombou do cabelo crespo da menina, mas a professora em questão não sofreu quaisquer represálias. Nesse sentido, acredito que ser mulher e negra da PUC seja uma experiência ainda mais difícil, com mais obstáculos a serem superados, e a certeza da impunidade se a ofensa vem de alguma autoridade.

Também tenho lembranças boas, de ter participado no segundo ou terceiro ano do Coletivo de Mulheres, ter desenvolvido alguns trabalhos e ter participado de grupos de estudo.

Em relação ao espaço físico da universidade, me soa irônico haver na PUC um “edifício em homenagem ao povo alemão” e um outro com o busto do presidente americano Kennedy, e escassos esforços institucionais para exaltar a memória de mulheres brilhantes e revolucionárias que integraram a própria comunidade da PUC-Rio, como a professora Lélia Gonzalez e Marielle Franco. (Luiza)

Essa estudante é, na trajetória da sua família, uma ruptura de mecanismos que se perpetuam através das gerações. O seu irmão entrou recentemente para a polícia militar, mesma instituição à qual seu pai pertenceu, antes de ser expulso por envolvimento com milícia e logo após assassinar sua mãe. Para Luiza, frequentar o meio universitário é muito mais que ter um diploma, é modificar a trajetória da sua família que começou muito antes de seus pais e continua com seu irmão. Para a estudante, viver esta ruptura nos projetos coletivos causa consequências em seu físico e na sua saúde mental. Logo no primeiro ano de universidade ela descobriu que tem a Doença de Crohn⁷⁶, que ela explica como sendo “uma doença autoimune por eu não digerir bem os acontecimentos da

⁷⁶ A doença de Crohn é crônica e provavelmente provocada por desregulação do sistema imunológico, ou seja, do sistema de defesa do organismo. São comuns dores articulares, falta de apetite, perda de peso e febre. Outros sintomas precoces da doença de Crohn são lesões da região anal, incluindo hemorroidas, fissuras, fístulas e abscessos. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/dicas/179_doenca_crohn.html Acesso em: 24 mar 2019.

minha vida”. Durante o curso, ela teve um episódio de internação psiquiátrica, após uma tentativa de suicídio.

(...) Quando ingressei, em 2013, depois de entrar no ritmo acelerado da graduação, se manifestaram em mim os primeiros sintomas da doença de Crohn, uma doença inflamatória intestinal, autoimune, que os médicos só diagnosticaram em 2015. Ela basicamente te faz colocar pra fora tudo o que você come contra sua vontade. Desde 2013 eu tomo corticoides todos os dias e também outros imunossupressores, que me deixam suscetível a várias outras doenças. e também tem os remédios pra prevenir os efeitos “indesejados” do corticoide a longo prazo, como cataratas e osteoporose. Essa doença também tem reflexos nas articulações, causando dores que já me fizeram cair várias vezes e sentir paralisia nos nervos. Já fui socorrida incontáveis vezes pela enfermaria da PUC e cheguei a pensar que conhecia e falava com mais gente da enfermaria do que com alunos e professores do meu próprio curso. Eu passava mais tempo na enfermaria do que nas aulas. Misture isso à depressão. (Luiza)

O início da sua trajetória universitária teve também aspectos positivos. A colaboração do corpo docente foi dita como decisiva para a identificação da sua saúde e encaminhamento de tratamento. Além disso, Luiza ressaltou a importância do FESP e de uma amiga, também bolsista. Os aspectos positivos da sua vida universitária estarem ligados a pessoas⁷⁷ corrobora as análises realizadas anteriormente neste trabalho sobre a importância da amizade, do olhar individualizado para o estudante bolsista como uma forma de permanência estudantil. Vejamos o relato completo da estudante quando questionada: “Você lembra de algo legal que aconteceu no começo? Algo que você possa lembrar positivamente?”

Acho que [legal foram] alguns professores que me deram muito apoio, em especial uma professora, que me encaminhou para a terapia com uma orientanda dela. Algumas matérias de conteúdo mais artístico e também a infraestrutura do meu curso, com professores de excelente formação e experiências profissionais e acadêmicas, com os laboratórios que desenvolvem projetos relevantes com um maquinário de ponta, as oportunidades, as palestras, os trabalhos de referência desenvolvidos por outros alunos e ex-alunos, que sempre foram muito além do que eu sonhava antes de ingressar na universidade.

Acho que também poderia assinalar a descoberta do FESP, que fornece alguns auxílios para permanência estudantil de alunos bolsistas, o que eu sempre achei maravilhoso.

Tem algo muito importante também que lembrei agora: em uma disciplina introdutória conheci a minha amiga mais querida da PUC⁷⁸, que é até hoje uma das pessoas mais importantes pra mim. (Luiza)

⁷⁷ Ressaltando que os recursos do FESP são oriundos de doações de funcionários da PUC-Rio.

⁷⁸ A estudante citou o nome da amiga, que foi omitido aqui.

A distância também foi algo muito importante citado pela universitária. Quando entrou para a PUC-Rio, ela morava com seus avós, em um distante bairro da Zona Oeste do Rio de Janeiro. Durante o curso, ela começou o relacionamento com *noivo-namorado* e hoje residem na zona central da cidade. A mudança para um bairro mais perto foi ressaltada como fundamental para a continuidade do curso.

Um aspecto visto nas entrevistas realizadas nesta pesquisa foi a vontade de cursar a universidade como uma forma de melhorar as condições sociais e financeiras do próprio estudante e de sua família. A universidade costumeiramente é vista como uma etapa dos projetos ascensionais individuais e coletivos (Larrubia, 2016). Isso porque para muitas famílias não há a tradição familiar de frequentar uma universidade, pois a decisão pelo ensino superior não tem a conotação de uma quase “evidência”, um acontecimento inevitável, não é “natural”⁷⁹ (Zago, 2006, p.230). No caso de Luiza, a família não possui a tradição de frequentar a universidade, mas ela não é a primeira bacharel, pois tem uma prima que fez uma faculdade particular. Todavia, para Luiza, apesar da torcida da avó, a motivação foi somente um projeto de ascensão individual. Mas foi mais que isso: a afirmação de não pertencer a um projeto coletivo de família e meio social.

4.4 Projetos de vida

*Já não me importa a sua opinião
O seu conceito não altera minha visão
Foi tanto sim que agora eu digo não
Porque a vida é louca, mano, a vida é louca
Quero saber só do que me faz bem
Papo furado não me entretém
Não me limite que eu quero ir além
Porque a vida é louca, mano, a vida é louca*

Iza

A universidade faz parte do processo de autoafirmação do sujeito e contribui, como já visto no capítulo anterior, como um dos rito de passagem para a vida adulta. O diploma universitário é um projeto individual, mas também fruto

⁷⁹ Mantive os grifos conforme a autora citada.

de um projeto coletivo, com a atuação de diferentes atores. O objetivo desta seção é buscar identificar as características e especificidades dos projetos dos bolsistas da PUC-Rio, assim como reconhecer quais são os atores que dialogam com seus projetos.

A democratização do acesso ao nível superior se deu, na PUC-Rio, entre outras medidas políticas, pelo sistema de concessão de bolsas que permitiu o ingresso da primeira geração da família à universidade. Comumente, essa família não fornece uma “história de referência” que possibilite um “script social” – utilizando o conceito de Ganon (2006) – que facilite a introdução do jovem nesta nova realidade. Existe a expectativa desse jovem e de sua família que o diploma universitário funcione como um troféu e que transforme a realidade local.

Os projetos individuais dos estudantes ocupam, segundo Giacomini e Larrubia (2017), posição central na vida dos estudantes, fazendo orbitar em torno de si muitos temas de suas trajetórias pessoais. O projeto ascensional dos estudantes, segundo os autores, os colocam diante de profundas transformações, como as ocorridas no âmbito dos seus relacionamentos e no trânsito religioso, mostrando os diferentes graus de impregnação dos universitários diante da ideologia individualista ou o englobamento (Giacomini e Larrubia, 2017, p.7)⁸⁰.

Verifica-se, nestes projetos de vida, a importância do apoio familiar e de outras pessoas que funcionam como “história de referência” (Ganon, 2006) – um parente próximo, um professor(a) ou um amigo(a) que entrou na universidade antes, sujeitos que mostram o caminho, indicam qual percurso a tomar. De fato, as entrevistas trazem regularmente a presença não apenas da mãe, mas de outro personagem, mais velho que o universitário, que já trilhou o percurso de chegada ao ambiente acadêmico. Esse novo personagem geralmente atua como um sinal que indica que é possível chegar lá e em alguns casos auxiliam no capital informacional, com indicações de informações práticas sobre a universidade, vestibular e cursos (Sílvia, 2003, p.118).

A estudante Angélica, do curso de Design, aborda essa questão de forma indireta. A pergunta foi “Como era o hábito de leitura da sua família? Como era o seu hábito de leitura antes de entrar na PUC? E depois?

⁸⁰ Para mais sobre projetos de ascensão social coletivos e individuais de universitários ver Larrubia (2016).

Lá em casa, minha mãe e minha avó nunca leram muito. Eu não tive uma referência de rotina de leitura quando criança, passei a ter um pouco mais na adolescência, vendo minha irmã mais velha lendo. Ela sempre foi uma inspiração pra mim, sempre foi considerada a diferente da família, porque ela gostava de música, que a minha família não tinha o costume de ouvir, e por sua forma de se vestir também. Hoje eu vejo que ela me ensinou autenticidade, a buscar aquilo que me faz bem a partir das minhas próprias referências. (Angélica)

Nessa resposta, a estudante aborda, de forma indireta, como sua irmã contribuiu para a construção do seu interesse pelo design. A graduanda demarcou a diferença que sua irmã possuía da família e colocou essa diferença como autenticidade. Esta característica é valorizada em sua carreira e importante como marco de estilo corporal e de vestimenta. Apesar da irmã da estudante não ter formação nessa área⁸¹, contribuiu para a formulação do interesse de Angélica pela carreira.

Gilberto Velho afirma que a noção de projeto é “procurar dar conta da margem relativa de escolha que indivíduos e grupos têm em determinado momento histórico” (1981, p.107). O autor valoriza a diferença entre escolhas individuais e coletivas e essa dicotomia é interessante de ser aqui abordada, em especial quando é referida ao primeiro universitário da família, como podemos verificar na entrevista com uma universitária de Pedagogia. Quando perguntamos quem a incentivou a entrar na universidade a resposta foi: “Então, foi iniciativa própria, pois meus pais não entendem bem, mas tento explicar da melhor forma” (Joana) Já a estudante de Artes Cênicas respondeu: “Muitas pessoas me incentivaram, como parentes e amigos, mas a vontade maior foi a minha própria” (Joelia).

Pode-se perceber a importância do ato consciente, como analisado por Velho (1981, p.107), na “relativa margem de manobra e iniciativa” que os estudantes bolsistas possuem para realizar a mudança das trajetórias familiares e serem inseridos no mundo universitário, gerando uma ruptura nas trilhas familiares. A “vontade maior” da resposta da estudante Joelia demonstra a importância da dimensão consciente da vida social que permite a amplitude do campo de possibilidades apresentado pelos familiares. A formulação do projeto individual está estreitamente vinculada às diferentes configurações de valores apresentados pelo meio social do sujeito, como explica Sônia Giacomini:

⁸¹ A irmã da estudante começou o curso de Direito em uma faculdade pequena particular e trancou no 3º período.

embora a noção de projeto seja, a princípio, aplicável tanto a um indivíduo quanto a um grupo social, partido ou qualquer outra categoria coletiva, de toda forma, o projeto estará sempre referenciado aos indivíduos-sujeitos e, conseqüentemente, sempre relacionado de alguma maneira a projetos individuais. (2006, p.18)

Percebemos que é importante para o sujeito a criação de uma personalidade que permita a formação de um projeto de vida individual que inclua a universidade, ainda mais quando ele é concebido num ambiente em que não há esta tradição. Por esta razão, ter ídolos juvenis que valorizem as conquistas sociais, como a cantora Iza, citada na abertura desta seção, é tão importante para a construção da personalidade do jovem.

O dilema entre “mudar ou permanecer” descrito por Gilberto Velho (1981, p.108) pode ser aplicado ao bolsista sob o aspecto de continuar na perspectiva familiar ou conquistar um novo lugar, a universidade. O autor indica que os projetos de permanecer no conhecido cenário aparecem fortemente associados a símbolos como família e religião e os de mudar são vinculados a um processo de individualização, em que “a biografia de uma pessoa é destacada de sua família e lugar de origem” (p.108).

Para uma bolsista de Ciências Sociais, este dilema entre permanecer e mudar pode ser observado na resposta dada à pergunta sobre o que a incentivou a ir para universidade, quando assinala a dificuldade de seus parentes em entender o seu projeto de vida: “Meus parentes achavam ser um sonho ingênuo, só acreditaram mesmo depois que eu entrei e alguns demoraram a acreditar até me ver indo e voltando toda semana”.(Clara). Já para outra estudante, do curso de Comunicação, este dilema foi evidenciado na resposta à mesma pergunta: “Na minha família, as pessoas não são muito ligadas no meio acadêmico, não entendem muito a importância da universidade, mas como eles viam que era algo que eu queria muito, sempre me apoiaram nas minhas decisões e conquistas”(Ivana).

A entrada na universidade pode ser vista como um projeto de vida de uma forma ampla, com características de formação holística do ser humano como um agente social. Também pode ser analisada sob o aspecto de ascensão social e econômica. Este enfoque pode ser melhor compreendido na tese de doutorado de Bruno Larrubia (2016), “Ascensão social de jovens universitários

afrodescendentes no Brasil e nos EUA”. Na tese de Andréia Clapp Salvador este aspecto fica bem demonstrado:

(..) a aprovação no vestibular e a inclusão na universidade estão no imaginário das famílias populares e comunidades carentes como uma realidade típica das classes sociais medianas e altas do Brasil. Quando este projeto de vida passa a ser constitutivo do grupo popular, é como se materializasse um projeto de ascensão social e econômica. (2008, p. 147)

Em todos os aspectos, a mudança do sujeito ao realizar a trajetória diferente da dos seus familiares cria uma zona conflituosa formada por diferentes situações. Quando não há a reprodução do capital cultural entre gerações subsequentes há um conflito e uma tendência ao isolamento.

Jailson Silva define a noção de pertencimento como um processo que possibilita a incorporação e a exteriorização de um sistema de atitudes que levam à constituição da identidade do agente. Esta identidade se materializa na posição que o agente se situa em determinados campos sociais (2003, p.139). O autor analisa que o desejo de saída do jovem do seu local de moradia, em alguns casos, não se dá por uma incompatibilidade cultural, ou pela perda do sentimento de pertencimento e sim pelo medo de situações que envolvem violência e em busca de outros espaços sociais que ofereçam produtos culturais. De toda forma, há uma separação e distanciamento.

O autor enfatiza que em outros casos ocorre a ruptura com o espaço de origem, do ponto de vista psicológico, e de modo definitivo. O pesquisador ilustra a situação com a fábula do corvo⁸², com o intuito de demonstrar que a permanência na universidade transforma as disposições que eram percebidas como naturais do grupo social de origem. Essa mudança de percepção provoca o desenraizamento e a constituição de novos hábitos e práticas, que para o grupo de origem causam estranhamento e o consequente distanciamento (Jailson, 2003, p.140). Todavia, apesar desta perspectiva descrita pelo autor de estranhamento no futuro, há a vontade dos estudantes em retornar para os seus grupos sociais e

⁸² A fábula está na página 140 do livro “Por que uns e não outros”: o corvo, insatisfeito com a condição, admirava à distância a comunidade dos pombos – marcada pela elegância, pela cultura e pela beleza. Até que certo dia, toma uma posição radical: pega uma lata de tinta branca e pinta-se inteiramente. Com essa nova roupagem, dirige-se ao pombal; lá chegando, é rapidamente identificado pelos pombos originais, que não permitem seu ingresso na sociedade. Decepcionado, decide voltar ao convívio de seus pares – os corvos. Lá chegando, todavia, a decepção se faz mais profunda: seus antigos irmãos não o reconhecem e o repudiam. Assim, sem ter o que tinha e não alcançando o que desejava, ficou o pobre corvo só, lamentando sua singular condição.

família para contribuir para o desenvolvimento dos seus. Quando perguntado ao estudante como ele se vê depois de formado, obtive a seguinte resposta:

Trabalhando por conta própria, batalhando pelo meu espaço. Dessa forma eu tenho autonomia para fazer escolhas no meu dia a dia que beneficiem o meu trabalho e bem estar, sem interferências.

Nos meus trabalhos buscarei fazer uma cota social para pessoas com menor poder aquisitivo e projetos sociais. Dedicando o meu tempo a ajudar projetos com uma boa causa. (Gustavo)

Já para a estudante de 46 anos, a resposta para a mesma pergunta foi:

Como cientista social, a minha contribuição para a sociedade se dará por meio das minhas pesquisas e a promoção de reflexão sobre os fatos sociais que tem influência direta em nossas vidas. Mesmo ainda não formada já dou minha contribuição como voluntária em dois pré-vestibulares comunitários. Com relação à minha família, meu maior legado a deixar pra eles é minha história de luta e militância. Se minha formação servir para inspirar algum deles a entrar para uma universidade vou ficar feliz. (Eliane)

A sensação de ter um propósito de vida também aparece como um importante sentimento para prosseguir nos estudos. A fé foi ressaltada por Fábio como essencial na sua graduação, quando perguntado sobre o que fez com que ele conseguisse o diploma:

Sabe, olhando para quem eu era eu acho que tudo mudou. Eu me descobri negro, gay, agora sou um quase formado! Mas a única coisa que se manteve neste tempo de PUC foi a minha fé... não apenas se manteve, como aumentou, me manteve aqui. Sem ela eu teria desistido, não teria aguentado. Mas sei que Deus esteve presente diariamente e a certeza dessa ajuda me fortaleceu, sustentou mesmo. Acredito firmemente que eu precisava estar aqui para testemunhar como Deus pode agir na vida de um garoto, tirando ele de uma realidade e, com amor, colocando em outra. A atuação dele na minha vida precisa ser um testemunho para outros garotos seguirem em frente. Por isso eu consegui continuar e terminar o curso. (Fábio)

Já a resposta de um estudante no final da graduação em Design foi engraçada, porém significativa, fazendo uma analogia entre o seu propósito de vida e o futebol:

Se estivéssemos numa partida de futebol, a PUC seria o campo, Deus seria o sol e eu o jogador. A bola seria a graduação e o gol o meu objetivo de vida (Gustavo).

Os jovens bolsistas demonstraram a importância de possuir um projeto de vida em que a universidade é um elemento importante de transformação social. Para eles, que geralmente não têm pessoas que funcionam como histórias de

referências em suas famílias, ao conquistar o mundo acadêmico passam a ser eles mesmos histórias de referência para outros. Esta perspectiva de ser um exemplo para outros de seu grupo social demonstrou ser um importante combustível, além do elemento fê.

4.4

A ânsia pela permanente formação

*I am not the things my family did
I am not the voices in my head
I am not the pieces of the brokenness inside
I am light, I am light*⁸³

India Arie

Durante todo o processo de entrevistas – e também no meu trabalho na Pastoral Universitária – eram constantes as referências a questões relativas à ansiedade, ao estresse e à depressão, de forma direta e indireta. Apesar de não ser o enfoque principal desta dissertação, assunto que se pode aprofundar futuramente, essa temática será abordada nesta seção, já que decorre exatamente do esforço dos estudantes bolsistas para permanecerem na universidade. Esses sentimentos circulam a exigência da constante atualização, a imprevisibilidade do futuro e a necessidade de autoafirmação acadêmica e pessoal. O objetivo é observar as superações do estudante bolsista sobre estas questões.

Gilles Deleuze denomina as sociedades contemporâneas como de controle, em substituição às sociedades disciplinares narradas por Foucault. Segundo o autor, nas sociedades de disciplina não se parava de recomeçar “da escola à caserna, da caserna à fábrica”, já nas sociedades de controle não há término: “a empresa, a formação, o serviço sendo os estados metaestáveis e coexistentes de uma mesma modulação, como que de um deformador universal” (Deleuze, 1992, p.229).

Nas sociedades de controle, a formação educacional precisa de uma gerência contínua, uma avaliação constante e a necessidade de ininterrupto preparo da ação escolar. Há a crise das instituições com a implantação progressiva

⁸³ Eu não sou as coisas que minha família fez / Eu não sou as vozes na minha cabeça / Eu não sou os pedaços quebrados por dentro / Eu sou luz, eu sou luz (a tradução é nossa).

e dispersa de um novo regime de dominação. Com isso, muitos jovens solicitam serem “motivados” e uma permanente formação (Deleuze, 1992, p.231-2). Essa análise do autor demonstra um fator que certamente contribui para a instabilidade emocional do estudante. As grandes dificuldades enfrentadas no cotidiano universitário se somam ao medo do novo espaço conquistado, tão distante das fronteiras percorridas pelo seu grupo social e que resulta em não mais uma certeza de conquistar uma colocação profissional. A ausência de certeza de um trabalho após a conclusão do curso incrementa a instabilidade emocional durante o período universitário. Em especial para os estudantes bolsistas de cursos que envolvem habilidades artísticas, como design e artes cênicas que necessitam – entre outros fatores – de uma rede de contatos para conseguir atuação profissional. A estudante de Design Kátia se formou 1 mês depois da entrevista concedida a essa pesquisa. Ela contou que não estava conseguindo emprego e voltou a trabalhar na pequena loja de roupa de sua família. Em conversa informal, ela fez a seguinte análise: “para que tanto esforço, se eu nunca irei conseguir trabalhar com o que eu sonho e vários dos meus colegas já estão trabalhando ou abriram suas próprias empresas?”. Essa realidade já era sabida pela estudante durante o curso, mas isso não a impediu de empenhar-se e tentar quebrar a barreira da reprodução das suas condições e horizontes sociais. Todavia, gera uma constante ansiedade, aflição e tormento, conforme narrado por ela sobre como ela lidava, durante a faculdade, com a imprevisibilidade do futuro.

Richard Sennett (1999) afirma que a modernidade favorece novas relações sociais, familiares e trabalhistas. Para compor a estrutura analítica de seu argumento, o autor narra a história de Rico e seu pai, o faxineiro Enrico, e mostra que o capitalismo vive um novo momento, caracterizado por uma natureza flexível, que se contrapõe à rigidez burocrática. As consequências da rotina exacerbada e os novos significados das relações trabalhistas criam uma constante sensação de ansiedade. Sem saber os riscos nem objetivos a médio prazo, o próprio senso de caráter pessoal é alterado. Para o autor, caráter é “o valor ético que atribuímos aos nossos próprios desejos e às nossas relações com os outros, ou se preferirmos (...) são os traços pessoais a que damos valor em nós mesmos, e pelos quais buscamos que os outros nos valorizem” (Sennett, 1999, p.10).

Nesse sentido descrito por Sennet, “caráter é um termo mais abrangente que seu rebento mais moderno, a personalidade, pois este se refere a desejos e

sentimentos que podem apostemar por dentro, sem que ninguém veja” (Sennet, 2012, p.10). Logo, quando o autor se refere à palavra caráter, alude ao termo que concentra, sobretudo no aspecto a longo prazo de nossa experiência emocional, sentimentos relacionados à lealdade, ao compromisso mútuo e à prática de adiar a satisfação em troca de um fim futuro. Caráter são os traços pessoais a que damos valor em nós mesmo, e pelos quais buscamos que os outros nos valorizem (Sennet, 2012, p.10).

Esta visão que coloca a formação da personalidade e do caráter no período da juventude foi percebida na entrevista do estudante Leandro, de Comunicação: “As certezas são: na juventude a gente forma o caráter, adquire ideologias, dá de cara no muro e aprende – ou não [risos]. Chora e dá risada, cria amizades e companheiros de luta pro resto da vida”.

O estudante bolsista está no processo de formação profissional e de caráter, todavia o resultado é algo que está além das experiências do seu grupo social. Além da perspectiva de futuro ser desconhecida para o bolsista e sua família, a própria sociedade está em transformação, com novas profissões e modalidades de emprego. A ansiedade pela constante formação alterou a perspectiva que antes buscava especialistas e hoje requer profissionais com formação profissional mais plural (Sennet, 2012).

O Brasil enfrenta, desde 2008, uma série de crises políticas e econômicas que aumentaram o desemprego. Soma-se a grande modificação no mercado de trabalho ocorrida, entre outros fatores, pela consolidação da internet e pelas modificações ocorridas em consequência da modernidade, que tornou líquida as relações de trabalho (Bauman, 2001). É muito esforço para pouca garantia de sucesso no final do curso universitário. O enfraquecimento das instituições da sociedade de controle, narrada por Deleuze (1992), apenas se soma a diversos fatores que geram ansiedade e insegurança ao estudante. E se após tanto esforço o estudante não obtiver sucesso, este fracasso mostra ser mais estigmatizante que no passado, uma vez que o estudante perdeu a sua chance (Bourdieu, 2003, p.483).

O cotidiano universitário exige do estudante esforços que provocam uma resposta fisiológica: o stress. Este stress pode impulsioná-lo a agir, para frente, ou pode ser um peso que o imobiliza e o impede de reagir (Rios, 2006, p.47). Porém, o estudante bolsista tem um fator extra que contribui para a instabilidade emocional: a necessidade de ir bem nos estudos para a manutenção da bolsa.

Como já visto, tanto a bolsa filantrópica quanto a bolsa vinculada ao Prouni cobram o aproveitamento de 75% nas disciplinas cursadas. Com isto, há sempre o risco iminente de interrupção do curso universitário.

O estudante Gustavo, de Design, que estava no 10º e último período da graduação, ao ser questionado: “Como você vê sua saúde mental como universitário bolsista?” respondeu: “A pressão e ansiedade são maiores e constantes durante os períodos de prova. Bate um medo, não de tirar nota baixa, mas disso ser relevante para cortarem a bolsa.” Após uma longa pausa, com emoção, o estudante que já estava no final do seu curso continuou:

A condição de rendimento para a bolsa, no meu caso, veio sendo acompanhada de um estresse e desgaste de energia por morar longe. O fato de ter que se deslocar grandes distâncias e perder tempo com isso e ainda nas condições precárias de ônibus cheios foi a pior coisa durante a graduação. (Gustavo)

A estudante Lúcia, do 5º período do Serviço Social, de 35 anos, ao ser questionada: “Como você vê sua saúde mental como universitária bolsista?” deu seu depoimento: “A cobrança pra manter o CR [alto] dá um pouco de medo mas, por outro lado, é bom porque você aprende a ter mais responsabilidade. Tem gente que às vezes paga e não dá tanto valor quanto um bolsista”. A relação com o estudante pagante aparece de forma a estimular a estudante. A entrevista continuou com a pergunta: “E você é mãe, né?” Ela respondeu: “É... e para quem tem família e filhos e não tem quem faça tudo por você... gera uma ansiedade! Porque as boas notas são mais uma responsabilidade. E [sobra] pouco tempo livre para se dedicar aos estudos...”.

Pierre Bourdieu declara que a Escola tem produzido cada vez mais pessoas que padecem de mal-estar crônico, instituído pela experiência – real ou em potencial – do fracasso escolar. E que esta relação constante com a potencialidade do fracasso é uma sensação de blefe permanente e com isso a imagem de si fica duramente arranhada ou mutilada (2003, p.484).

O autor prossegue narrando que os estudantes de famílias ricas recebem conselhos que são capazes de sustentá-los em caso de incerteza, além de senso de investimento, que favorecem as escolhas apropriadas. Já os oriundos de famílias pobres, por não possuírem esse tipo de instrução, são obrigados a confiar suas escolhas à instituição escolar. Tendem a cometer erro em escolhas no investimento do seu já reduzido capital cultural (Bourdieu, 2003, p.483).

A estudante de Psicologia Joana, ao responder a pergunta “Como você vê sua saúde mental com universitária bolsista?” elaborou uma completa resposta que, apesar de ter sido respondida de uma única vez, será aqui separada em partes, para melhor análise:

Bem, em relação a essa questão, agradeço todos os dias pela minha fé, meus amigos da faculdade, pessoas que pensam como você – falando muito sério – e a minha terapeuta! [risos]. Tento descontraí e andar sorrindo quase sempre, mas confesso que é difícil. (Joana)

No começo da resposta, a entrevistada demonstra a importância das relações para o seu processo de manutenção da saúde mental, o destaque é dado às relações humanas, inclusive pelo fato dela ser estudante do curso de Psicologia, no 5º período. A resposta continua:

Além de toda a neura do “não pertencimento” que bate às vezes – seja por algum comentário que ouço ou simplesmente por não estar num dia muito bom – eu me cobro muito! Isso é algo que sempre falo na terapia, meus pais e amigos também ficam preocupados, porque não me permito um semestre leve, sempre acho que preciso estar em mil coisas ao mesmo tempo, porque do contrário parece que estou perdendo tempo e não posso me dar esse luxo. (Joana)

Nesse trecho, a estudante destaca a ideia de não pertencimento e a relação com o estudante pagante. Essa relação, como já visto, pode ser tensa e causar desconforto. Além disso, a bolsista demonstra muito interesse em buscar a excelência acadêmica, aspecto que corrobora o medo de fracassar descrito por Bourdieu (2003). No último trecho da resposta, a seguir, a graduanda destaca a preocupação com as notas:

Martela na minha cabeça a ideia de manter o CR alto, de enriquecer cada vez mais a formação, de me formar logo pra trabalhar e, principalmente, a ideia de que meus pais estão apostando em mim, eles não fizeram faculdade e me permitem não trabalhar de segunda a sexta pra cursar o meu sonho. (Joana)

A relação com os pais e a ideia de corresponder à expectativa familiar de concluir o curso demonstra serem fatores importantes. Não apenas como estímulo, mas fatores que provocam preocupação e estresse. A estudante precisa – para corresponder às suas expectativas e à dos seus familiares – se formar no menor tempo possível e com o melhor aproveitamento.

A qualidade da saúde mental dos estudantes da PUC-Rio demonstra ser uma preocupação da universidade, que passou a oferecer programas⁸⁴ voltados para as necessidades da comunidade universitária. A instituição oferece atendimento psicológico para os estudantes através do PSICOM⁸⁵ e do SPA⁸⁶. No ano de 2018, a VRC implementou o programa *Equilibrium*⁸⁷, que visa proporcionar discussões e espaços para favorecer o debate sobre a felicidade no ambiente acadêmico. Os relatos analisados demonstram a importância da temática, a quantidade de vezes que o assunto foi citado pelos entrevistados dá a medida da necessidade de promover cada vez mais ações que possam mitigar fatores que provoquem ansiedade e desconforto frente ao futuro (que eles ainda tem como incerto).

⁸⁴ Disponível em: <http://www.puc-rio.br/sobrepuc/admin/vrac/rae/> Acesso em: 2 abr 2019.

⁸⁵ O PSICOM é um serviço de psicologia oferecido pela VRC e está disponível àqueles que estejam passando por dificuldades emocionais; psicopedagógicas; problemas familiares e de saúde; e estejam precisando de uma atenção psicológica. Disponível em: <http://www.puc-rio.br/sobrepuc/admin/vrc/psicom/> Acesso em: 4 de mar 2019.

⁸⁶ Serviço de Psicologia Aplicada do Departamento de Psicologia da PUC-Rio. Disponível em: <http://www.psi.puc-rio.br/site/index.php/spa-servicos> Acesso em: 4 mar 2019.

⁸⁷ Programa comunitário de promoção da vida e do bem-estar.

5 Conclusão

Esta dissertação procurou investigar os mecanismos que o estudante universitário que tem bolsa de ação social aplica para permanecer na PUC-Rio e conseguir o diploma universitário. Inicialmente, foram abordadas questões relativas à juventude, pois percebe-se que, apesar do universitário não ser necessariamente jovem, as características dessa fase da vida coincidem com a época da graduação. Para melhor compreensão dos jovens, avaliamos a interferência da tecnologia na constituição de personalidade e nas suas esferas de socialização.

Após ser citada em entrevistas, a “geração tombamento” entrou nesta dissertação como uma parcela desta juventude que entra na universidade, em especial os pobres e negros. Ter uma atitude de tombamento significa, para os jovens entrevistados: ressignificar traços corporais negros, usar a internet como divulgadora das suas pautas políticas e possuir uma personalidade contestadora sobre sua realidade socioeconômica. As marcas da geração tombamento aparecem em alguns estudantes bolsistas, porém não em todos, mas constatamos que é uma tática importante para os que a utilizam. Os que dela fazem uso demonstram que estas marcas são facilitadoras no processo de autoafirmação e socialização. Muitos demonstram apropriar-se do lugar, indicam o pertencimento “ao pilotis” como sentimento genuíno, sentem-se empoderados por seus pares.

Em seguida, abordamos a PUC-Rio e a conjuntura do seu sistema de bolsas. Percebemos que a oferta de vagas por si só não assegura a permanência e o bom rendimento do estudante, e que a instituição possui mecanismos para favorecer a presença de pobres no seu corpo discente. Só dar bolsa não é suficiente para a inserção dos estudantes pobres na universidade, precisa haver ação institucional. Mas entendemos, ao longo da pesquisa, que as relações humanas são o fator principal responsável para o sucesso do bolsista. Verificamos que as principais relações que contribuem para o processo são: a amizade entre os universitários, em especial, mas não unicamente, entre os bolsistas; a participação amistosa do corpo docente; a contribuição dos professores e funcionários, em especial do

FESP; a atuação institucional através de departamentos como a VRC e a Pastoral Universitária. Os códigos das relações implícitos nas entrevistas mostraram como os universitários orientam sua trajetória de vida no espaço acadêmico.

Como resultado da pesquisa, restou evidente que os graduandos possuem traços comuns em relação às dificuldades no ambiente universitário, refletidos em cinco esferas: as dificuldades acadêmicas, econômicas, de sociabilidade, emocionais e a distância entre a PUC-Rio e a sua residência. Para cada esfera de dificuldade, o estudante busca mecanismos de superação para sua permanência na universidade.

Contra as dificuldades acadêmicas, os estudantes buscam monitorias, atendimentos do NOAP, buscam acesso ao conhecimento on-line e investem nas relações com outros estudantes, bolsistas ou não. Alguns entrevistados narraram possuir lacunas no conhecimento técnico devido à trajetória em escolas de baixa qualidade, mas estas lacunas são preenchidas pela vontade de superar e pela motivação e compromisso com seu projeto pessoal e expectativas familiares.

Para superação das dificuldades acadêmicas, percebemos que para o estudante ter sucesso é necessário entender as regras da universidade, aprendendo um novo ofício: o ser universitário. Quanto antes os estudantes aprendem essas regras, maiores as chances de sucesso e menores serão os riscos de evasão. Os alunos bolsistas demonstraram que, no aprendizado dessas regras, a internet mostrou-se um instrumento eficaz, além de ser importante para a aquisição de capital cultural. A possibilidade de acesso ao Google, por exemplo, facilitou a busca por referências icônicas e o acesso à artes, livros e músicas.

Percebemos que a instituição fornece meios para o bolsista suprir as necessidades acadêmicas. Essa esfera demonstrou ser inicialmente a mais óbvia e de difícil solução, mas a pesquisa demonstrou ser a área de dificuldades em que a instituição mais investe e por isso os universitários conseguem, com mais regularidade, suprir as demandas.

A sobrevivência econômica gera as dificuldades mais dolorosas, que transformaram os momentos da entrevista em relatos de muita dor e emoção. A luta pela sobrevivência diária é uma realidade para o estudante bolsista. O FESP demonstra ser o grande aliado para permitir a permanência universitária no aspecto prático, pois fornece cópias dos textos utilizados em aula e alimentação no bandejão. Porém os estudantes, quando precisam de mais refeições, buscam

fazer trabalhos voluntários que fornecem também alimentação. Além disso, constatamos que muitos buscam trabalhar durante o período da graduação. Como os horários da graduação muitas vezes não permitem o acesso ao mercado formal, muitos buscam atividades dentro da própria universidade, como estágios, monitorias, Pibid e Pibic. A busca por atividades dentro do próprio campus universitário pareceu uma tática eficiente, que possibilita a obtenção de recurso financeiro em conjunto com a formação profissional, além de não haver perda de tempo com deslocamentos. Na esfera das dificuldades econômicas, a informalidade apareceu com mais regularidade nas estratégias dos bolsistas.

As dificuldades de sociabilidade foram demonstradas de diferentes formas e trouxeram diversas formas de superação, todavia o aspecto geral foi a dificuldade de entrosamento do bolsista em um ambiente que lhe é novo, com pessoas que, além de serem desconhecidas, frequentam espaços que ele não conhece.

A diferença econômica interfere claramente nos processos de sociabilização e percebemos que para superá-la o bolsista busca se adaptar ao seu curso. E cada curso pode provocar uma estratégia diferente. Alguns estudantes relataram que preferiram não ter uma atuação na política estudantil, na tentativa de invisibilizar as diferenças identitárias para facilitar a sociabilização com os colegas de curso. Já para outros estudantes, a participação nos coletivos e centro acadêmicos revelou-se importante instrumento que promove a socialização.

Grupos religiosos também demonstram ser outra modalidade de promoção da socialização. Apesar da manifestação religiosa do estudante universitário não ter sido um aspecto explorado nesta pesquisa – perspectiva que pretendo investigar futuramente –, em algumas entrevistas os grupos religiosos surgiram como espaços de sociabilização importantes para o estudante bolsista.

As dificuldades mais profundas de serem enfrentadas foram as emocionais. Dentro deste espectro de dificuldades emocionais apareceram muitos obstáculos: a ansiedade; a depressão; a necessidade de corresponder à expectativa familiar e o correlato medo do fracasso; a ânsia pela formação constante; a crise financeira; a possibilidade de não conseguir colocação no mercado de trabalho. Estes são os principais fatores relatados pelos estudantes que dificultam, dentro da esfera que chamamos de emocional, a permanência universitária. Para esses obstáculos, percebemos que ter uma rede de amizade e estrutura familiar contribuem para a superação.

Para superar as dificuldades emocionais os estudantes bolsistas buscam as suas interações sociais como principal suporte. A instituição fornece rede de apoio, como o PSICOM, SPA, além do recente *Equilibrium*. Há na PUC-Rio um movimento institucional para dar atenção a essas dificuldades.

A última esfera de dificuldade analisada foi a distância entre a universidade e a residência, que apareceu em muitos relatos como um grande desafio. A PUC-Rio está distante dos bairros mais pobres da cidade, lugar de onde vem a maioria dos alunos bolsistas. Enfrentar a distância com transporte público de baixa qualidade é um desafio diário para eles. Uma forma de superar isso é alugar vagas ou quartos em favelas ou prédios populares mais próximos à universidade. Essa mudança temporária é uma forma de garantir a permanência estudantil.

Para os que não utilizam essa tática, é ressaltada a resignificação do tempo de permanência no transporte público. Esses estudantes geralmente gravam aulas, escutam ou leem e-books durante o trajeto. Para estes universitários possuir telefone com acesso à internet demonstrou ser uma importante ferramenta.

Nessa esfera de dificuldade, infelizmente, não se verificou uma atuação institucional mais efetiva, como por exemplo alojamentos universitários voltados para estudantes bolsistas. Aqui parece haver uma lacuna na ação institucional importante para a inserção dos estudantes pobres na PUC-Rio.

Foi intenção dessa dissertação se aproximar dos graduandos que possuem bolsa de estudos em que o aspecto social e econômico é determinante para sua aquisição e perceber, através das suas falas, a forma com que eles enfrentam os principais obstáculos. Hoje a riqueza da pluralidade da PUC-Rio é consequência da luta desses estudantes que enfrentam batalhas diárias para a obtenção do diploma. Buscamos, neste trabalho, identificar as diferentes configurações que exprimissem a variedade das superações enfrentadas por esses jovens e inferimos que a rede de apoio familiar, social e institucional são elementos construtores para a permanência estudantil.

E finalizo com uma questão: se a entrada dos estudantes pobres enriqueceu a universidade em pluralidade, diversidade e humanidade, contribuindo assim para a sua excelência acadêmica, o que a PUC-Rio pode fazer mais – além da concessão de bolsas – para o seu estudante bolsista?

ABRAMO, Helena Wendel. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**, v.2, p.37-72, 2005.

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda. O espaço real e o acúmulo que significa: uma nova gramática para se pensar o uso jovem da internet no Brasil. In: COSTA, Ana Maria Nicolaci da. (org.). **Cabeças digitais: o cotidiano na era da informação**. Rio de Janeiro: Loyola, 2006. p.49-80.

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda. Sob a regência da presença: subjetividade e cálculo entre jovens consumidores de ecstasy no Rio de Janeiro. In: ROCHA, Everardo et al. **Comunicação, consumo e espaço urbano: novas sensibilidades nas culturas jovens**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2006b. p.35-52.

AKKUCUK, U.; TURAN, C. Uso Móvel e Preferências Online do Millenials: um estudo em Yalova. **Journal of Internet Banking and Commerce**, Turquia, v.142, n.21, p.1-6, 29 dez 2015. Disponível em: <<http://www.icommercecentral.com/open-access/mobile-use-and-online-preferences-of-the-millenials-a-study-in-yalova.php?aid=67475>>. Acesso em: 6 mar 2015.

BAQUERO, Rute Vivian Angelo. Empoderamento: instrumento de emancipação social? Uma discussão conceitual. **Revista debates**, v.6, n.1, p.173, 2012.

BARROS, Maria Beatriz dos Santos. Causando um tombamento: Karol Conká e uma negritude empoderada possível. In: **III Jornada Internacional GEMInIS (JIG 2018)** - São Paulo-SP, 2019. Disponível em: <<https://www.doity.com.br/anais/jig2018/trabalho/82391>>. Acesso em: 2 fev 2019.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BERNARDO, Patrícia; SHIMADA, Nayara Emi; ICHIKAWA, Elisa Yoshie. O formalismo e o “jeitinho” a partir da visão de estratégias e táticas de Michel de Certeau: apontamentos iniciais. **Gestão & Conexões**, v.4, n.1, p.45-67, 2015.

BITTAR, Mariana. **Trajetórias educacionais dos jovens residentes num distrito com elevada vulnerabilidade juvenil**. Tese de Doutorado em Ciência Política – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.

BOURDIEU, Pierre. As contradições da herança. In: _____. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998a.

_____. Os excluídos do interior. In: _____. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998b.

_____. **A miséria do mundo**. São Paulo: Vozes, 2003.

BURGOS, Marcelo Baumann. **Cidade, escola e favela**. Campinas: Boletim CEDES, 2007.

CARNEIRO, Gustavo Marchetti Corrêa. **Corporeidade, consumo e identidades políticas**: estratégias de empoderamento feminino negro realizadas pelo Coletivo das Pretas na cidade de Vitória/ES. Dissertação de Mestrado em Educação Física - Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2017.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: 1, Artes de fazer. 11.ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

COULON, Alain. **A condição de estudante**: a entrada na vida universitária. Salvador: Edufba, 2008.

_____. O ofício de estudante: a entrada na vida universitária. **Educação e Pesquisa**, v.43, n.4, p.1239-1250, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1517-9702201710167954> Acesso em: 12 set 2018.

CRARY, J. **Capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

DAMATTA, Roberto. Individualidade e liminaridade: considerações sobre os ritos de passagem e modernidade. **Mana**, Rio de Janeiro, v.6, n.1, p.7-29, abr 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132000000100001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 4 fev 2019.

_____. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DAUSTER, Tania et al. A invenção do leitor acadêmico: quando a leitura é estudo. **Leitura: Teoria e Prática**, Campinas, n.41, p.73-83, 2003.

CAVESTRO, Julio de M.; ROCHA, Fabio Lopes. Prevalência de depressão entre estudantes universitários. **J. bras. psiquiatr**, v.55, n.4, p.264-7, 2006.

DELEUZE, Gilles. Controle e Devir. In: _____. **Conversações**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

ELIAS, N.; SCORSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FRANCISCO. **Deus é Jovem**. São Paulo: Grupo Planeta, 2018.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber. 6.ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2017.

GANON, H. J. et al. **Uma Interpretação do Desejo** - Ensaios sobre o estudo da sexualidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GIACOMINI, Sonia Maria; LARRUBIA, Bruno. Universitários afro-brasileiros e afro-americanos de primeira geração: comparando trajetórias, projetos, modelos e estratégias. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 18, 2017, Brasília. **Anais...** Brasília: Sbs, 2017. p.1-31. Disponível em: <<http://www.adaltech.com.br/anais/sociologia2017/resumos/PDF-eposter-trab-aceito-1571-1.pdf>>. Acesso em: 5 mar 2019.

GOFFMAN, Erving **A Representação do Eu na vida Cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1975.

_____. **Forms of Talk**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1981.

HONORATO, Gabriela; HERINGER, Rosana. **Acesso e sucesso no ensino superior: uma sociologia dos estudantes**. [Rio de Janeiro]: FAPERJ, 2015.

IBASE; INSTITUTO PÓLIS. **Relatório Global Juventude brasileira e democracia: participação, esferas e políticas públicas – Relatório Final**. Rio de Janeiro: IBASE, 2006. Disponível em: <http://polis.org.br/publicacoes/relatorio-global-juventude-brasileira-e-democracia-participacao-esferas-e-politicas-publicas/> Acesso em: 1 fev 2019.

INCERTI, Fabiano; PAULA, Gustavo Bruno de; GEBER, Saulo (orgs.). **Olhares sobre o Prouni: uma análise sobre o acesso e a permanência de jovens bolsistas no ensino superior**. Curitiba: Pucpress, 2018.

IVERN, Francisco (org.). **A inspiração Cristã e Católica das Universidades: confiados aos cuidados da Companhia de Jesus no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2007.

JORNAL O GLOBO. **Bolsistas de universidades privadas denunciam agressões de colegas e professores**. Edição de 21 fev 2018, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/bolsistas-de-universidades-privadas-denunciam-agressoes-de-colegas-professores-22416640>. Acesso em: 2 fev 2019.

JORNAL O GLOBO. **Estudante entrevistado pelo GLOBO é alvo de racismo em carta**. Edição de 14 mar 2018, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/estudante-entrevistado-pelo-globo-alvo-de-racismo-em-carta-22487847>. Acesso em: 2 fev 2019.

LARRUBIA, Bruno Costa. **A ascensão social de jovens universitários afrodescendentes no Brasil e Estados Unidos**. 2016. 300 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2016.

LEITE, R. P. A inversão do cotidiano: práticas sociais e rupturas na vida urbana contemporânea. **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v.53, n.3, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/dados/v53n3/a07v53n3.pdf>. Acesso em: 16 jan 2019.

LEERS, B. **Jeito brasileiro e norma absoluta**. Rio de Janeiro: Vozes, 1982.

MAGALHÃES, Rosélia Pinheiro de; **Assistência estudantil e o seu papel na permanência dos Estudantes de Graduação: a experiência da Universidade Federal do Rio de Janeiro** 205 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. . Rio de Janeiro, 2013.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n. 2, p.287-98, maio-ago 2004.

MENEZES, Simone Cazarin de; **Assistência Estudantil na Educação Superior Pública: o programa de bolsas implementado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro**. 147p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012.

MONTEIRO, Hugo. O Ensino Superior na Era da sua Reprodutibilidade Técnica: subsídios para uma análise seguidos de duas interpelações éticas. **Educação**,

Sociedade & Culturas, v.28, p.13-29, 2009. Disponível em: https://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC28/28_hugomonteiro.pdf Acesso em: 6 mar 2019.

NOGUEIRA, M. A. F.; DOMINGOS, J. P. Geração Tombamento e mercado: a popularização do jovem negro na cultura do consumo. **IJ 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXII Intercom Sudeste**, 22 a 24 jun 2017.

NOVAES, Regina. Juventude e sociedade: jogos de espelhos, sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas. **Sociologia Especial - Ciência e Vida**, 2007. Disponível em <http://www.antropologia.com.br>. Acesso em: 5 de janeiro de 2019.

_____. Juventude, exclusão e inclusão social: aspectos e controvérsias de um debate em curso. In: FREITAS, Maria Virginia; PAPA, Fernanda de Carvalho (orgs.). **Políticas Públicas: juventude em pauta**. São Paulo: Cortez; Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação; Fundação Friedrich Ebert, 2003. p.57-74.

_____. Juventude, juventudes. Notas sobre a invenção social de um singular sujeito de direitos. **Revista de Ciencias Sociales**, Montevideu, v.XXII, p.10-20, 2009.

OLIVEIRA, R. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia**, v.39, n.1, p.13-37, 1996. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.1996.111579> Acesso em: 10 jan 2019.

PAIVA, Andréa Mendonça. **A experiência com o PROUNI: um olhar da instituição**. 20 f. Monografia – Curso de Especialização em Assistência Social e Direitos Humanos, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.30709>. Acesso em: 2 fev 2019.

PAIS, J. M. A juventude como fase de vida: Dos ritos de passagem aos ritos de impasse. **Saúde e Sociedade**, v.18, n.3, p.371-81, 2009.

_____. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. **Análise social**. v.XXV, p.139-65, 1990.

PERALVA, Angelina Teixeira. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 5/6, p.15-24, 1997.

PEREIRA, Patrícia Maciel. **As dificuldades de permanência nas Universidades: uma experiência dos jovens do Programa de Apoio Estudantil da Associação de Assistência ao Adolescente**. 88p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2016.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO. Marco Referencial, Estatuto, Regimento e Constituição apostólica *Ex corde ecclesiae*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2001.

PRENSKY, Marc. Nativos digitais, imigrantes digitais. **On the Horizon**. NCB University Press, v.9, n.5, p.1-6, outubro 2001. Disponível em: <http://poetadasmoreninhas.pbworks.com/w/file/60222961/Prensky%20-%20Imigrantes%20e%20nativos%20digitais.pdf> Acesso em: 25 set 2017.

RAMOS, Jair de Souza. Subjetivação e poder no ciberespaço. Da experimentação à convergência identitária na era das redes sociais. **Vivência: Revista de Antropologia**, Natal, v.54, n.1, p.57-76, jun 2015.

REYES SÁNCHEZ, Jorge Alberto; **Como se constrói o capital social:** A ótica do capital social e processo de organização comunitária numa favela da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. 156p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2018.

RESENDE, J. M.; VIEIRA, M. M. Subculturas juvenis nas sociedades modernas: os *hippies* e os *yuppies*. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n.35, p.131-47, 1992.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RIOS, Olga F. L. et al. **Níveis de stress e depressão em estudantes universitários.** Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2006.

ROCHA, Everardo. Coisas estranhas, coisas banais: notas para uma reflexão sobre o consumo. In: ROCHA, Everardo; ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (Org.). **Comunicação, consumo e espaço urbano:** novas sensibilidades nas culturas jovens. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2006. p.15-34.

RODRIGUES, Bianca Aguiar Correia. **“Passar é fácil, continuar é que é difícil...”**. A permanência de alunos bolsistas na PUC-Rio. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Serviço Social do Departamento de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

SALVADOR, Andréia Clapp. **Ação afirmativa no ensino superior:** estudo da política de inserção de alunos pobres e negros na PUC-Rio. Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Serviço Social do Departamento de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

SANTOS, Ana Paula Medeiros Teixeira. **Tranças, turbantes e empoderamento de mulheres negras:** artefatos de moda como tecnologias de gênero e raça no evento Afro Chic. 147 f. Dissertação de Mestrado– Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2017.

SANTOS, Clarissa Tagliari. Ações afirmativas no ensino superior: análise do perfil socioeconômico e da experiência universitária de bolsistas do Prouni na PUC-Rio. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 93, n. 235, p. 770-790, Dec. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-66812012000400012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 3 mar 2019.

SILVA, Edilaine Helena de Andrade. **Sobre Anseios e Incertezas:** Percepções de Jovens Urbanos em Contexto de Desigualdades Educacionais. 113p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2009.

SILVA, Jailson de Souza. **Por que uns e não outros?** Caminhada de jovens pobres para a universidade. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

SIQUEIRA, Josafá Carlos de. **Reflexões do mundo universitário**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2018.

SOUZA, Luciana Karine de; MCCARTHY, Sherri Nevada. Ritos de passagem da adolescência à vida adulta: diferenças etárias e de gênero. **Gerais**, Rev. Interinst. Psicol., Juiz de Fora, v.3, n.2, p.124-35, dez 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202010000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 4 fev 2019.

TABAC, Sara Esther Dias Zarucki. **Caminhos Contemporâneos sobre juventudes, consumo e cidadania**. 86p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012.

TELES, Gloria Maria. **Do saber acadêmico à sabedoria existencial: a transdisciplinaridade como missão-dialógica da Cultura Religiosa da PUC-Rio**. 267 f. Dissertação de Mestrado – Curso de Teologia, PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2007.

TURNER, V. **O processo ritual: estrutura e antiestrutura**. Petrópolis: Vozes, 1974.

VEIGA, Luciane da; et al. O que é uma universidade comunitária? Um estudo sobre o grau de conhecimento dos estudantes de uma Instituição de Ensino superior. XII COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GESTIÓN UNIVERSITÁRIA, 2012. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: Inpeau, 2012. 15 p. Disponível em: <<http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/97853>>. Acesso em: 8 set 2017.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v.11, n.32, p.226-37, ago 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782006000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 jan 2019.

Anexo 1

Texto da Carta de Marielle Franco, 2016:

“Aos bastardos da PUC-Rio, com carinho,
Chegar à PUC-Rio pode parecer algo um tanto tenso: a natural insegurança em ocupar um espaço novo; pessoas e normas ainda desconhecidas... É impossível não sentir aquele frio na barriga! Ainda mais quando ouvimos aquelas histórias de que há professores que dão textos e filmes em inglês sem tradução, de que não se veem alunos e professores negros em sala de aula, de que a principal reivindicação estudantil é a diminuição do preço do estacionamento, de que o pilotis da PUC é um desfile de moda... e por aí vai. Não há um manual que resolva tudo que passa na nossa cabeça nesse momento, mas algumas pistas são importantes para ajudar a descortinar uma nova rotina acadêmica, sem deixar de considerar a nossa realidade econômica, política e social. A primeira delas é não se deixar afetar por tudo que é falado sobre a PUC. As vivências, por mais que existam importantes similaridades coletivas, são individuais e tudo vai depender muito de como você encara o mundo e os desafios colocados. Eu, por exemplo, optei pelo diálogo franco e constante com professores diante das dificuldades pelas quais passei, seja como mãe jovem, trabalhadora e moradora de favela. Desde a limitação concreta de me locomover da Maré até a Gávea, para a primeira aula às sete da manhã, até as atividades extracurriculares que não pude fazer em virtude do meu trabalho ou mesmo pela falta de grana para custeá-las.

Apresentar para quem quer que seja a nossa realidade concreta não é ser vitimista, ainda mais com a perspectiva de trilhar caminhos possíveis e alternativos às limitações encontradas. Nesse sentido, a Vice-reitoria Comunitária também é uma parceira fundamental para questões objetivas e para oportunidades dentro e fora da universidade. É importante cercar-se de pessoas, sejam colegas de turma, professores ou funcionários, que possam contribuir para que a passagem pela PUC seja plena. Essa é sem dúvida uma ótima estratégia para a sobrevivência acadêmica.

Além disso, buscar compreender a PUC-Rio em sua complexidade, enquanto uma universidade privada de qualidade e legitimidade acadêmica, é também entender que, em uma sociedade desigual, racista e machista, as raras oportunidades não devem ser subutilizadas. Pensando nisso, ser um filho ‘bastardo’ da PUC não pode ser encarado como algo ruim, precisamos reivindicar um novo significado

político: o ‘bastardo’ é aquele que resiste às desigualdades. Por isso, é necessário que o nosso histórico pessoal seja uma mola que impulse a nossa vida acadêmica. Sem perder de vista a nossa identidade, o lugar e a família que nos gestaram, viver a PUC-Rio é quase uma missão política e social, já que o processo pedagógico é uma via de mão dupla: quando nos transformamos, modificamos também tudo e todos à nossa volta. A nossa presença na PUC-Rio já é, por si só, um ato de resistência! Boa viagem acadêmica, política, econômica e social.”